



✓

~~17865.~~

~~3136 31~~



Vet. Port. III. B. 10



UM ANNO NA CORTE.

UM ANNO NA CORTE.

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

SEGUNDA EDIÇÃO REVISTA PELO AUCTOR.

TOMO II.



PORTO

EM CASA DA VIUVA MORE — EDITORA,

PRAÇA DE D. PEDRO.

A mesma casa em Coimbra,
Rua da Calçada.

| Casa de Comissões em Paris,
2bis, Rua d'Arcole.

1863.

TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Rua do Almada, 844.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXII.

À CABECEIRA DO DOENTE.

Antonio do Prado apenas entrou no quarto correu logo direito á cama do doente, mas encontrou já alli o seu companheiro, que, moço e agil, tinha atravessado a casa de um pulo para soccorrer o desgraçado capitão, e oppor-se a que, nos paroxismos do delirio febril, arrancasse com as mãos hirtas as ataduras que o opprimiam.

Quando a tia Brizida e Diogo Cutilada acudiram com luzes aos gritos de Thereza, o aposento do enfermo apresentava um aspecto lugubre e doloroso. Thereza cahira de joelhos, e com as mãos levantadas ao ceo, debulhada em lagrimas, pedia a Deus em fervor-

rosa oração pela vida do seu noivo. Este, quebrado o vigor pelo padecimento e pelo delirio, parecia estar já na tremenda luta do passamento; os olhos amortecidos e embaciados haviam perdido a luz e a vida; a boca semi-aberta deixava-lhe passar a custo, rapida, convulsa e alta a respiração; a cabeça pendia-lhe desanimada e livida sobre os hombros. O mancebo, que entrara com o medico de sua alteza, sostinha nos braços o corpo abatido do enfermo, em quanto o licenciado lhe tomava o pulso e lhe observava a ferida. Eram admiraveis a formosura e suavidade do rosto, a esplendida e melancolica belleza dos olhos negros do mancebo; o pranto que, .baga a baga, lhe marejava das palpebras, escorregava-lhe pelas faces lentamente, sem soluços, sem gritos, nem gemidos. Era como um anjo piedoso que houvesse descido á terra para alliviar os padecimentos do moribundo com o balsamo puro da divina misericordia.

O silencio do susto e da anciedade pesava em todas as bocas: todos esperavam tremendo que fallasse Antonio do Prado.

— Foi uma crise — disse o licenciado — uma crise, de que podem resultar melhoras ao doente, ou talvez perigoso augmento na intensidade da molestia. Ainda se não póde saber ao certo se a crise é *ad melius* se *ad deterius*. Muitas vezes depois da crise fica alguma porção de humor, que póde ser vencida pela natureza, mas tambem póde fazer recahir o enfermo. A doença chegou ao peor dos quatro tempos, chegou ao *estado*;

statu tamen morbus magis ingravescit, et difficilior, et interior, quàm principio, aut alio tempore.

— E a este delirio, a este terrível delirio, não se lhe pôde dar remedio? — perguntou Thereza, que se levantara do lugar em que estava ajoelhada para se aproximar da cama do seu amante.

— *Ex sanguinis profluvio delirium, aut etiam convulcio, malum.* Comtudo é conveniente, visto a inflamação urgente, a febre excessiva, e o vigor das forças na occasião do delirio, que se lhe repita a sangria, veia de todo o corpo, e se continuem as esfregações.

— Ha ainda esperança, senhor Antonio do Prado, podemos esperar que elle se salve? — perguntou com voz tremula a Calcanhares, a quem nossos leitores terão já reconhecido, apesar do seu disfarce.

— Os symptomas não podem ainda ser interpretados de modo, que d'elles se possa concluir exactamente o estado actual da doença. *Tamen dico, quod in istis signis distinguendis est magna difficultas, et non cognoscuntur, nisi ab valde experto...* Mas este texto de Berengallo não pôde ser avaliado por pessoas a quem a lingua dos sabios é desconhecida. Sim — proseguiu elle tossindo, e voltando-se para Margarida — tu ainda não estás habilitado, rapaz, para entender os segredos da sciencia; ainda não recebeste as lições...

— É preciso sangral-o. Não diz que a sangria lhe pôde dar algum allivio... — atalhou a Calcanhares.

— A sangria diminuirá o peso dos humores, e fará

com que a inflammação não tome maior incremento. Tragam uma luz, uma bacia, e uma atadura. Vou-lhe abrir a cesura do braço, e tirar-lhe sangue para o alliviar. *Novit natura vias*: a natureza dará depois, pelas vias de que dispõe, vasão á materia corrupta.

— Vão-lhe tirar ainda mais sangue! — exclamou Thereza — É a sexta sangria; e as suas forças estão já tão quebradas!

— É na sangria que está a chave de toda a medicina: pela sangria dispõe e regula o medico os humores naturaes — observou o licenciado.

— Pobre Francisco! — E approximando-se mais da cama, Thereza pegou da mão do enfermo, e beijou-lh'a muitas vezes.

Foi n'este momento que a Calcanhares, que até alli não despregara os olhos de Francisco d'Albuquerque, fez reparo em Thereza. A formosura da provinciana, os candores da innocencia misturados com os ardores do amor exaltado que se lhe retratavam no rosto, o pranto que em fio lhe corria pelas faces, aquelles beijos fervorosos mas castos, tudo accendeu o ciume na alma de Margarida.

— Não moleste assim o doente — disse ella, afastando, com mal disfarçada colera, Thereza da cama de Francisco d'Albuquerque — precisa descanso: e esses beijos...

— Não lhe faço nenhum mal — murmurou Thereza, largando a mão do capitão, e levantando os olhos para Margarida. — Ai! Se eu o amo tanto...

— Ama-o! — bradou imprudentemente a Calcanhares — Ama-o! E diz-m'o... diz que o ama; aqui, n'esta occasião!

O tom em que esta phrase foi pronunciada por tal modo era apaixonada, havia tal vibração no som de cada uma d'estas palavras, que Thereza estremeceu. O sangue refluio-lhe ao coração, as lagrimas seccaram-se-lhe nos olhos, e pareceu-lhe ouvir outra vez resoar no aposento aquelle nome de mulher, que Francisco d'Albuquerque com tanta paixão repetira no seu delirio.

— Eu amo-o — disse ella, fixando os olhos na sua rival — com todas as veras da alma! Quero-lhe como a irmão...

Margarida ia interrompel-a, quando Antonio do Prado, receioso de que ella se dêsse a conhecer por alguma palavra imprudente, lhe impôz silencio em voz baixa.

— Vamos á sangria, sem mais demora — disse elle alto. — O estado do eufermo não permite delongas. Approximem a luz, e tragam o que lhe pedi. A bacia aqui: aqui a luz — proseguio elle indicando a Diogo a posição em que devia ficar — Deixem-no descansar nas almofadas, e afastem-se um pouco para eu ver melhor, e estar mais á larga. Bem! É isso, mesmo assim.

Assim como ia fazendo estas recommendações, o licenciado desatava a atadura da sangria, e abria a cesura com a cabeça de um alfinete, como era então de uso. Aproveitando a occasião em que todos seguiam attentos os movimentos de Antonio do Prado, Thereza

e a Calcanhares foram-se chegando uma para a outra, e afastando-se da cama, em roda da qual se tinham grupado as pessoas que estavam no aposento. A antipathia e o ciume que uma pela outra sentiam, em vez de ter sobre ellas acção repulsiva, faziam pelo contrario com que, n'aquelle momento, ambas desejassem estar sós, para poderem livremente fallar, e descobrirem as causas que assim as haviam ajuntado á cabeceira de Francisco d'Albuquerque moribundo.

Da lembrança de Thereza não se apagara um instante aquelle nome de mulher, repetido nos paroxismos do delirio pelo seu amante. Sentia vagamente que ás magoas que a opprimiam, uma magoa maior se accrescentaria em breve: via já o amor de Francisco de Albuquerque, esquecidas as sollemnes promessas tantas vezes repetidas na noite em que d'ella se separara, perdida a lembrança dos suaves e felizes annos da infancia, todo empregado n'essa mulher, em cujos braços elle estava poucos momentos antes, e que ousara até, n'aquella hora de angustia, valendo-se do disfarce e do engano, roubar-lhe o amargo prazer de o afagar, de o apertar ao coração, de lhe suavisar os padecimentos com os solícitos cuidados da amizade. O ciume de Margarida era maior, porque o seu amor era mais ardente. O amor de Thereza fôra apenas uma transformação lenta e insensivel da amizade, o da Calcanhares nascera subitamente, accendera-se como um vulcão, lavrara-lhe por toda a alma. Era um amor d'esses em que a vida dos sentidos e a vida do espirito se concentram, que

não podem soffrer nem a sombra de uma desconfiança, que são egoistas e exclusivos porque absorvem em si todas as paixões dos que os sentem. Margarida estava certa de que a mulher, que encontrara á cabeceira do seu amante moribundo, não podia ser senão uma rival; e queria saber quem ella era, desenganar-se da verdade, conhecer se Francisco d'Albuquerque fingira ter por ella amor, depois de ter dado a outra o coração.

Foi Thereza quem fallou primeiro.

— Quem é, senhora? — perguntou ella agarrando no braço da Calcanhares, e em voz tão sumida, que só um amante ou uma rival a poderiam perceber — Que vem fazer assim disfarçada a esta casa?

— Vêl-o — respondeu Margarida, no mesmo tom, e apontando para o capitão. — Amo-o, sou amada por elle, e...

— É amada; amada por Francisco; por elle? Não é verdade isso, senhora; bem sabe que não é verdade. Elle nunca lhe disse que a amava: e mentir em taes coisas, n'esta occasião...

— Mentir, não minto eu — atalhou a Calcanhares. — Foi elle quem disse que me amava; foi da sua boca que o ouvi. Ai! E melhor fôra que eu nunca lh'o tivesse ouvido, porque...

— Para que me está enganando? Porque me querem roubar agora a triste consolação de ser amada por um moribundo? — exclamou Thereza — Já não tenho senão a elle...

— Eu tambem só tenho o seu amor, só vivo para o amar!

— Perdi pae e mãe; estou orphan e abandonada...

— Tambem estou só no mundo.

— É o meu noivo...

— É o primeiro homem que amo.

— Fomos creados um com o outro; este nosso amor começou quasi com a vida...

— O meu só com a morte terá fim.

— E elle não me ama já!

— Não.

— Deus tenha misericordia de mim! — murmurou Thereza, unindo as mãos n'um gesto de dor — Agora é que me sinto só, é que estou de todo isolada!

— Francisco d'Albuquerque já a não ama — repetiu a Calcanhares. — Deixe-o; esqueça-se tambem d'elle. Vá-se d'esta casa...

— Agora! — exclamou Thereza indignada.

— Fico eu aqui, a cuidar d'elle.

— Francisco póde-me ter perdido o amor, póde não me querer já por mulher; mas o que elle é, o que ha de ser sempre para mim é um irmão. Ficarei aqui em quanto elle padecer; depois... — Não poudes acabar a phrase a desgraçada Thereza, porque as lagrimas lh'o embargaram.

Margarida, que esquecera a bondade e brandura naturaes do seu coração, que se deixara dominar pelo ciume e pelas ruins paixões, sentiu que as lagrimas lhe

brotavam dos olhos, e a ternura lhe repassava o coração ao ouvir as nobres palavras de Thereza.

Um gemido do enfermo, e os clamores lamentosos da tia Brizida, desvaneceram nas duas rivaes o extemporaneo ciume com que se haviam hallucinado momentaneamente. Ambas sentiram remorsos: parecia-lhes criminoso e repassado de egoismo o sentimento que as fizera esquecer de Francisco d'Albuquerque, quasi agonisante, para unicamente se lembrarem do seu amor. No intimo d'alma ambas pediram perdão áquelle que julgavam ter offendido com o seu egoismo; e do mesmo modo que uma mutua antipathia as levava a afastarem-se do leito em que jazia o seu amante, um remorso commum as attrahiu outra vez para esse leito de dor.

— Coitado! — bradava com lastima a tia Brizida — Lá morreu! Deus tenha dó da sua alma! Padre nosso...

— Cale-se, mulher — acudiu o licenciado — não faça essas lamentações aqui.

— Que é? Que succedeu? — perguntavam ao mesmo tempo Thereza e Margarida.

— Nada: não é nada. A sangria produziu uma syncope no doente: *Ex sanguinis profusio*...

— Ai! Que se lhe ha de fazer! o que se lhe ha de dar para elle tornar em si? — exclamou Thereza.

— O que é preciso? Diga, senhor licenciado — acudiu a Calcanhares.

— Façam-lhe umas aspersões de agua fria, é o que

basta — respondeu Antonio do Prado, fechando soccadamente a sangria, e pondo-lhe a atadura. — Isto não é nada. Se elle tivesse isto só, estava bom em cinco minutos.

— Aqui está agua n'este gomil — disse a tia Brizida, apresentando um gomil de barro a Margarida — aqui está a agua para o borrifar, senhor cirurgião...

— Ainda não: cirurgião ainda elle não é — atalhou o medico do infante. — É o melhor discipulo que tenho; mas falta-lhe muito que aprender antes de chegar a cirurgião. *Nemo repente fit summus*, como diz Juvenal.

— Eu não sou cá para estas coisas — resmungou a tia Brizida — Quem me dera voltar já para o meu cantinho de Santo André. Já hoje me não confessei, e fiz esperar toda a manhan o meu frei Thomaz do Espirito Santo. Aqui tudo são gemidos e choros; lá, tudo socego e consolações do ceo. O Senhor dos Passos da Graça me valha!

As prescripções do licenciado, promptamente executadas pela Calcanhares, tiveram um effeito rapido e benefico. O desmaio cessou, e Francisco d'Albuquerque abriu lentamente os olhos.

Thereza e Margarida ambas esperavam anciosas que o olhar, a principio torvo e vago do seu amante, retomasse instantaneamente a lucida e resplandecente irradiação com que tantas vezes brilhara, quando lhes fallava de amor. N'este olhar queriam ellas encontrar o amor ou a indifferença; porque as suas almas, agita-

das pela duvida, dilaceradas pela dor, anhelavam o triste descanso que dá uma mal segura esperança, ou um pungente, mas absoluto desengano.

A sangria tinha causado allivio ao enfermo: a febre tornara-se menos intensa, e ao delirio succedera grande abatimento e prostração de forças. Com voz debil e sumida:

— Tenho sede! — murmurou elle — Dêem-me agua.

— Dêem-lhe d'essa agua de alquitira — disse o licenciado. — Como o mal continua, será bom preparar-lhe soro de leite com assucar, para elle beber a miudo; e empregaremos agora sobre a ferida o parche de unguento santo, de que falla João Andreas, e a mecha acanulada de chumbo.

Tirando então de uma bolsa que trazia algumas caixas com varias drogas, unguentos, estopas, pannos de linho etc., Antonio do Prado substituiu o aparelho, que cobria a ferida do capitão, por outro convenientemente preparado.

Em quanto durou a cura, as duas amantes de Francisco d'Albuquerque não se lhe tiraram da cabeceira do leito; cada uma d'ellas buscando, com afagos e mimos, com lagrimas e palavras de amor, chamar-lhe a attenção, e abrandar-lhe os padecimentos. Eram porém baldadas as caricias, era inutil a ternura, porque o enfermo não estava em estado de dar pelo que se passava em torno d'elle.

Houve comtudo um instante, em que os olhos de

Francisco d'Albuquerque se animaram, como se a sua memoria acordasse subitamente e o seu espirito voltasse á vida do pensamento. Thereza e Margarida, ambas estremeceram; os corações palpitarão-lhes com mais violencia; e, apertando aos labios as mãos frias do enfermo, esperaram anciosas que elle fallasse.

O olhar abatido do capitão, depois de oscillar, tremulo e incerto, entre Thereza e Margarida, fixou-se finalmente por alguns segundos no rosto pallido d'esta ultima; e, pelos labios convulsos e lividos do inconstante provinciano sahiu a custo o nome da amante de Affonso VI, da mulher por quem elle esquecera a casta companheira da sua infancia. Thereza deu um grito de angustia, e cahiu desmaiada. A tia Brizida assustada de tão repentino como inesperado accidente, e ignorando totalmente o que lhe dera causa, correu para sua sobrinha, ordenando a Josepha que ajudasse a soccorrel-a, e lhe trouxesse agua para a fazer tornar em si.

Antonio do Prado, que não perdera um unico movimento das duas rivaes e percebera quanto entre ellas se havia passado, receiando soubessem que elle tinha conduzido disfarçada ao Côrte-Real a amante de el-rei e fossem dizel-o a sua alteza, aproveitou a occasião, em que todos estavam em roda de Thereza desmaiada, para se chegar á Calcanhares e dizer-lhe que era tempo de partir.

— Ainda não — respondeu esta — ainda não é tempo de nos irmos. Elle está tão mal... .

— Bem sabe que não podemos ficar aqui até elle

estar bom de todo — observou o licenciado. — É perigoso demorarmos-nos mais tempo n'esta casa. Póde entrar alguém n'este quarto, Luiz de Mendonça por exemplo, e conhecerem-na...

— Não vem; agora não vem ninguém...

— Nada de imprudencias. Venha comigo. Vamo-mo-nos já, sem mais demora.

— Hei de deixal-o só...

— Pois não fica...

— Essa mulher!

— Não me deite a perder, D. Margarida; não se deite a perder com esses loucos ciumes. Ouço passos — proseguir Antonio do Prado, agarrando no braço da Calcanhares. — É Luiz de Mendonça; já lhe conheci a voz. Venha, venha antes que elle entre e a veja.

Em todo o tempo que durara este rapido dialogo, a tia Brizida havia empregado em vão a agua e os espiritos para combater o desmaio de Thereza. Perdendo por fim a esperanza de conseguir com tão simples medicamentos pôr termo ao padecimento de sua sobrinha, a velha beata chamou por Antonio do Prado, acompanhando os seus clamores de muitos choros e orações; e, vendo que lhe não respondia ninguém, voltou-se para procurar no aposento o licenciado e o seu discipulo.

— Foram-se! — bradou a velha, dando pela falta d'elles — Jesus, que se ha de fazer agora! Que hei de fazer a esta pobre rapariga, que morre aqui se lhe não acodem! Senhor do ceo, para que se foram agora estes

homens! Vão chamal-os: chamem-nos, que não podem ir longe!

— O que é? — perguntou da porta Luiz de Mendonça, que chegava.

— Jesus me valha! Nossa Senhora nos acuda!

— Mas que foi?

— Minha sobrinha Thereza, que está n'este estado, e sem ter quem lhe dê os soccorros de que precisa.

— Encontrei agora mesmo á porta o medico de sua alteza.

— Estava aqui, e foi-se sem dizer nada.

— Vou chamal-o — disse Mendonça sahindo.

— Deus lhe pague! Vá, vá de pressa.

Poucos minutos depois Luiz de Mendonça voltou com o licenciado só. A Calcanhares tinha partido do Côte-Real n'uma cadeira, que a estava esperando á porta.

CAPITULO XXIII.

RAPTO.

Dias depois na grande sala do paço, onde o conde de Castello-Melhor dava audiencia e tractava dos negocios d'estado, dois cavalheiros da côrte disputavam entre si em vivo e acalorado dialogo, ora caminhando a passos lentos e deseguaes, ora parando um defronte do outro. Um d'elles era o primeiro ministro de Affonso VI: o outro Henrique Henriques de Miranda.

Por uma das janellas abertas via-se, projectada no azul do ceo, a hirsuta e elephantina cabeça do medico de sua alteza. Antonio do Prado, encostado á balaustrada da varanda, olhava distrahidamente para as nuvens que se apinhavam no occidente, afogueadas pelos ultimos raios do sol-posto. O licenciado parecia desasocegado e impaciente. Do logar em que estava não

lhe era possível ouvir a altercação dos dois cortesãos, e comtudo voltava de minuto a minuto a cabeça, e punha o ouvido á escuta, como se quizesse de algumas palavras soltas, que a custo podia perceber, deduzir o objecto e importancia da animada discussão dos dois privados.

— Foi uma imprudencia!... um crime desnecessario, e que nos ia privando de um dos mais poderosos instrumentos, que a Providencia divina nos deu para dirigirmos o animo indocil d'el-rei — dizia o conde.

— Eu queria acabar por uma vez com esses amores, de que não podem resultar senão males — respondeu Henrique Henriques. — Margarida trahiua sua magestade, e eu...

— Bem sei a causa de tudo o que se passou, Henrique Henriques. Meu rico amigo — proseguiu o valído, pondo familiarmente a mão no hombro do tenente-general de artilheria — quem tem ambição, não se esquece d'ella pelos olhos de uma mulher. Foi uma imprudencia...

— E se el-rei soubesse...

— Não fallemos mais d'isso — atalhou o conde. — Não foi o receio de que el-rei viesse a saber dos amores de Margarida, que o levou a consentir no assassinio de Francisco d'Albuquerque. Já por outras vezes fallamos a este respeito, e tenho-lhe provado que conheço as causas occultas de tanto zelo. Somos amigos ha muitos annos; temos tido tempo de nos conhecermos um ao outro. — Sou accusado de quantos crimes se

commettem na côrte; querem os meus inimigos, que sobre mim pese a responsabilidade de actos, em que não tomo parte, de actos que reprovo e condemno; e em vez da gratidão, que o reino me devia pelo ter salvado do jugo castelhano, por lhe ter conservado a independencia e a liberdade, encontro muitas vezes o odio dos fidalgos e a indifferença do povo. Tudo lhes serve de pretexto para me accusarem; os desvarios de el-rei, e as proprias intrigas que D. Rodrigo de Menezes trama contra mim. E quando se tornava indispensavel destruir taes calumnias, é que, por este attentado contra a vida de um criado de sua alteza, foram dar motivo a novas queixas, accusações, e intrigas aos inimigos d'el-rei e do reino.

— Sei que lhe devo muito, que tudo lhe devo, conde; que foi por sua causa que el-rei me fez mercê dos dois officios de tenente-general e provedor dos armazéns, que por justiça me pertenciam por haverem sido de meu sogro Rui Corrêa Lucas, mas que a rainha-mãe me não quiz conceder nunca. Sei que o valimento que tenho com sua magestade m'o deu mais a bondade de vossa excellencia do que o meu proprio merecimento; e por isso desejo provar-lhe em tudo a minha amizade e gratidão. Não sabia que este acontecimento podia ter tão serias consequencias; ignorava que o homem, por quem a Calcanhares trahia.... el-rei, era da casa do infante...

— Ainda que o não fosse, um escandalo d'estes podia ter consequencias fataes. Se a el-rei constasse que

Margarida o trahiou, sua magestade, com o genio violento e indomito que tem, teria talvez apunhalado essa desgraçada rapariga. Felizmente ao infante e aos seus convem-lhes, ainda que o saibam, occultar o verdadeiro motivo d'este successo, para o attribuirem unicamente a odios e vinganças politicas; de outro modo el-rei saberia tudo, e Deus sabe, o que se teria passado, e os crimes que se haveriam commettido a esta hora. O seu louco, o seu inconsiderado ciume, Henrique Henriques — proseguiu o conde parando — veio dar maior força ás queixas de sua alteza; e D. Rodrigo sabe, como raposa velha que é, tirar proveito de tudo. Antes d'isto já se atreveram a atirar dois tiros a meu irmão, agora atrever-se-me-hão a mim. Ha tres dias, na altercação que se travou entre minha mãe e o mordomo-mór, o infante apoiou-o a elle, só para injuriar a marquezia e para me malquistar com a rainha.

— E a rainha está pelo infante?

— Por ora ainda não, mas não tarda. Se o padre de Villes e os mais jesuitas se unirem com os meus inimigos, o que é desgraçadamente provavel, então a rainha, que segue em tudo os conselhos do confessor e do secretario Verjus, apoiará com a sua influencia, isto é, com a grande influencia franceza, as pretensões do infante. Sua magestade já tomou assento no conselho de estado, e não tardará muito que o conselho vote pela liga com a França; liga que terá em resultado o prolongar-se a guerra, e consequentemente tornar maiores

os odios do povo, que paga e padece, contra mim, cujo poder elle julga quasi absoluto.

— Se a rainha não tiver nunca de que se queixar, se tiver quanto deseja, fique vossa excellencia certo de que não deixará o partido de el-rei pelo de sua alteza — observou Henrique Henriques.

— A rainha deseja tudo, e nós não lhe podemos dar tudo. A princeza d'Aumale — proseguiu o valído, baixando a voz — veio para esta côrte de *selvagens* (é assim que nos consideram na côrte de Luiz XIV), para esta cidade de Lisboa medonha e *cercada de precipícios*, para ser senhora absoluta de tudo e fazer de Portugal uma colonia franceza. Além de que, pelas causas que vossa mercê sabe, entre suas magestades não póde existir nunca aquella amizade e intimas relações, que nós tanto folgariamos de ver estabelecidas para socego e felicidade da nação. É este o principal motivo, que nos deve obrigar a ser cautelosos e a não nos deixarmos arrastar por *desvairadas paixões*. N'este momento seria um grande e irremediavel erro o destruírmos a illimitada influencia que a Calomnhares tem sobre a vontade d'el-rei; é essa influencia um dos nossos *mais* fortes apoios....

— Havemos de consentir que ella traia... — atalhou Henrique Henriques colerico.

— Havemos de ter prudencia. Nós não podemos exigir de uma mulher sacrificios impossiveis. Se usarmos outra vez de violencia para acabar com estes amores de Margarida...

— Quer, senhor conde, que essa miseravel loucura dure por mais tempo ainda, e que, se esse excommungado capitão não morrer, Margarida o torne a receber de noite...

— Margarida ha de para o futuro ser mais cautelosa...

— Cautelosa! A vossa excellencia basta-lhe a cautela e o segredo, mas a mim... — bradou o tenente-general, contendo a custo a colera que o suffocava.

— Sei o que o afflige, meu amigo — disse o conde sem mudar de tom. — Mas esses.... ciumes já não são para a sua idade, Henrique Henriques. Um homem não se deixa vencer por paixões d'essas que lhe não ficam bem. Não se tracta agora de amores que são ou não correspondidos, tracta-se de coisa mais séria: do socego do reino e dos interesses de el-rei, nosso amo. Margarida é um mero instrumento das nossas vontades; o que nós devemos querer só, é que nos sirva com fidelidade, que nos obedeça sem hesitar. Agora mesmo está ella com el-rei, que a mandou chamar ha mais de uma hora, e tenho esperança que obtenha de sua magestade, com mimos e afagos, o que eu não pude alcançar com as minhas supplicas e conselhos; o consentimento para sua alteza nomear os seus gentis-homens.

— Mas falla-se em que sua alteza nomeará quatro dos maiores inimigos de vossa excellencia.

— Agora que se lhe ha de fazer? Depois do que se tem passado, se el-rei lhe não conceder os fidalgos que

elle quer sem razão plausivel, não faltarão queixas, intrigas, e talvez conspirações e violencias.

— Disseram-me que o infante, se o obrigassem a desistir da primeira escolha dos fidalgos que nomeou...

— Esses não lh'os concede sua magestade, por certo. El-rei não quer que seu irmão seja servido nem pelo conde de Sarzedas, nem pelo conde de Oriola. O mais que eu espero é que Margarida, empregando o grande poder que tem sobre o animo de sua magestade, consiga resolvel-o a dar ao infante licença para fazer nova escolha.

— E se sua alteza escolher, como dizem, os quatro condes...

— O conde da Torre, o de S. João...

— E os condes de Aveiras, e Villar-Maior...

— É mau, mas não ha remedio senão conceder-lh'os.

— Côte-Real torna-se um centro permanente de conspirações. O conde da Torre...

— Esse tem mais soberba que valor, mais palavras do que obras :

Tan soberbio en la paz,
Y tan cobarde en la guerra,
Toda su fama se encierra
En patarata, no mas.

O conde de S. João é mais para temer. Melhor soldado, de valor, e dotado de boas prendas e virtudes. Os outros dois...

— São seus inimigos antigos...

— Somos inimigos por herança, já nossos avós o eram também.

— E ha de vossa excellencia consentir que taes homens se juntem na casa de sua alteza para lhe fazerem guerra.

— Agora, que remedio? Convém antes de tudo tirar aos inimigos todo o pretexto, com que se possam auctorisar para levantarem calumnias e tramarem intrigas contra el-rei, e contra os seus ministros. Sinto passos — proseguiu o conde, escutando a uma porta da sala, que dava para extensa galeria. — É Margarida talvez, que me vem contar o que passou com el-rei. Vá-se, Henrique Henriques; bem sabe que...

— Que ella me odeia — atalhou este. E abrindo outra porta, sahiu precipitadamente, resmungando palavras de colera, e ameaça. Mal Henrique Henriques tinha acabado de sahir, entrou Margarida sumptuosamente vestida de velludo escuro, e com os cabellos cahidos em anneis, que apenas prendiam alguns fios de perolas.

A formosa amante de Affonso VI, pallida e abatida pelo soffrimento, parecia a estatua da melancolia talhada em marmore por mão de divino artista. Os seus olhos, encovados e amortecidos, apenas lançavam frouxo clarão através das lagrimas que constantemente os nublavam; os labios já se lhe não abriam para fagueiros e suaves sorrisos, mas só para tristes ais, e lamentosos suspiros. A dor profunda, o insoudavel tormento de um primeiro amor cortado de penas e amargurado

de ciumes, pintava-se-lhe vivo no desbotado e melancolico semblante.

O conde, que esperava Margarida á porta da galleria, apenas ella entrou pegou-lhe da mão tremula, e com voz branda e affavel, em que transparecia comtudo a anciedade, perguntou-lhe o que passara com el-rei.

— Sua magestade consente... está por tudo — respondeu a Calcanhares sem dar quasi attenção ao que lhe dizia o valído, e lançando os olhos inquietos pela sala como se procurasse alguém.

— Consente em que sua alteza fique com os fidalgos que lhe aprouver nomear? Não fez nenhuma excepção?

E vendo que lhe não respondia, o conde, sacudindo o braço e apertando a mão de Margarida, exclamou:

— Não ouves o que te digo! Acho-te distrahida! Que te aconteceu?

— Nada — respondeu ella, buscando soltar a mão que o valído apertava entre as suas.

— Não te disse...

— Nada mais me disse el-rei.

— E ácerca dos gentis-homens de sua alteza?...

— Diz que, para não ouvir fallar mais em tal, está resolvido a dar-lh'os...

— Os que elle nomeou já?

— Sim... não...

— Responde-me, Margarida. Escuta, attende ao que te pergunto, e responde-me.

— Já disse a vossa excellencia que el-rei... está resolvido a acabar com esta questão por uma vez.

E, desprendendo-se das mãos do Castello-Melhor, Margarida correu ás janellas que deitavam para o Tejo. Foi então que ella viu Antonio do Prado, que estava, como dissemos já, encostado á balaustrada da varanda.

— Antonio do Prado! — bradou ella, transpondo quasi de pulo a distancia que a separava do licenciado — Como vai elle?

Ouvindo a voz de Margarida o medico de sua alteza voltou a cabeça sobresaltado para responder: porém, vendo o conde, encobriu com um sorriso feio e triste a sua perturbação, e perguntou fazendo uma reverencia:

— De quem deseja ter novas, D. Margarida?

— De quem ha de ser?! — exclamou a Calcanhares com impaciencia — D'elle; de Francisco, é que eu quero ter novas.

— Vai melhor, muito melhor. *Natura bona morbos sanat.* O texto diz mais — proseguiu o licenciado, voltando-se para o conde — *medici errores cooperit;* mas n'este caso não tem applicação, nenhuma applicação esta parte, porque...

— Estás mais socegada, Margarida? — perguntou o conde, pegando-lhe outra vez na mão — Já sabes que esse... mancebo, por quem tanto te interessas — é um parente de Margarida, como deve saber já, senhor licenciado — já sabes que está melhor, livre de perigo...

— Livre de perigo — confirmou o licenciado.

— Agora podes responder-me ao que te perguntei,

contar-me o que passaste com el-rei — proseguiu elle, abaixando a voz para que Antonio do Prado o não ouvisse.

— Já lhe respondi, senhor conde — disse a Calcanhares no mesmo tom. — Está tudo como vossa excellencia deseja. El-rei resolveu-se finalmente a ceder ás supplicas de sua alteza.

— Então vou immediatamente aos quartos de sua magestade.

— Vá, vá depressa, que el-rei espera-o — atalhou Margarida, com a alegria espontanea de quem inesperadamente se sente alliviado de um grande pêso.

— Hoje mesmo será bom que a rainha saiba, que esta questão está de todo resolvida. Á sua influencia sobre o animo d'el-rei, e ao meu desejo de a servir, attribuirá ella tão feliz resultado — pensou consigo o Castello-Melhor. — Cuidado, Margarida! não faças alguma imprudencia, que nos deite, que te deite a perder — disse elle depois ao ouvido da Calcanhares. — Lembra-te dos excellentes conselhos de meu tio, do virtuoso frei Pedro. Tu és o anjo da guarda d'este reino. Deus, pela sua infinita misericordia, ha de compadecer-se dos teus padecimentos e dar-te o premio que mereces. Prudencia! — Mal acabou de fazer estas hypocritas recommendações á victima dos seus interesses politicos, que como tal podia ser considerada a pobre Margarida, o conde sahiu pela mesma porta por onde ella pouco antes havia entrado.

Logo que se viu só com o licenciado, a Calcanba-

res levou-o para um canto da sala; e ahi, deixando-se cabir sobre uma cadeira, perguntou-lhe se cumprira a sua promessa, e se tudo estava disposto, como ella lhe havia dito.

— É grande o risco de uma tal empreza — respondeu Antonio do Prado, sentando-se tambem. — Tenho pensado muito nas perigosas consequencias que póde ter, e parece-me melhor, *dum tempus habemus...*

— E não fez nada do que prometteu.

— *Qui fugit molam, fugit farinam.* Quem não quer tomar bons conselhos, nem escuta os velhos, cedo se deita a perder.

— Tenha dó de mim, senhor licenciado. Acabo agora de estar com el-rei por mais de uma hora, já não tenho paciencia: faltam-me forças para padecer mais.

— Não é minha intenção augmentar-lhe os padecimentos; é, pelo contrario, do meu dever como medico dar-lhe allivio. Mas *omnis curatio est vel canonica vel coacta*: e ás vezes um conselho a tempo, ainda que desagrade a quem o ouve, póde ser remedio para grandes males.

— Não me dê agora conselhos, que lh'os não posso tomar. Diga-me se hoje mesmo podemos tirar Francisco d'Albuquerque do Córte-Real. Não se póde perder tempo, é quasi noite...

— Peço-lhe perdão, D. Margarida, peço-lhe perdão do que vou dizer. Ha imprudencia grande, ha quasi loucura n'esse seu intento. Fazer assim um rapto de noite... O rapto de um homem! — proseguiu o licen-

ciado rindo maliciosamente. — É caso raro; e não fallam as historias... Ah! Ah! Ah! Fallam do rapto de Ganimedes. Ah! Ah! Ah! *Iste mundus aut ridet nos, aut irridetur à nobis*: vamo-nos rindo sempre antes que os outros se riam. — E desatou uma estrondosa gargalhada.

Esta hilaridade extemporanea de Antonio do Prado por tal modo excitou a colera da Calcanhares, que, pondo-se de pé:

— É de mais! — bradou ella, batendo com o pé no chão. — É de mais, senhor licenciado! Prometteu-me dispôr tudo para eu poder tirar Francisco do Córte-Real. Disse-me que só esperava que elle estivesse em estado de poder, sem perigo, ser transportado do Corpo-Santo a Xabregas, para me fazer o que havia promettido; e agora ri-se, e zomba de mim! Não vê que eu não posso soffrer por mais tempo este martyrio? Não o ver, e saber que elle está com uma mulher que o ama, que o ama ha tanto tempo, e por quem elle se esquecerá de mim, talvez! Disse-lhe, senhor Antonio do Prado, que alcançaria de el-rei que o nomeasse cirurgião da sua real camara, o conde de Castello-Melhor fallou-lhe no officio de cirurgião do hospital real, nem uma nem outra coisa terá, se...

— Eu ainda lhe não disse que tencionava faltar ao que prometti — atalhou o licenciado. — Isto eram só conselhos, severos sim mas de amigo: *Ego, quos amo, arguo et castigo*. Mas emfim, D. Margarida, se os não quer tomar não os tome, que eu por isso não lhe hei

de ser menos fiel. Sou homem de palavra, e de uma só fé. Sei o muito que póde com el-rei, e quanto bem me deseja fazer....

— Então, se não mudou de resolução, se está ainda pelo que me disse, para que faz... para que deixa perder assim um tempo precioso....

— Porque ainda não é bem noite. Temos hoje uma excellente occasião para levar a cabo esta imprudencia. É o menos que se lhe póde chamar. Mas, se a não soubermos aproveitar ficamos ambos perdidos. Deixe-se guiar pelos meus conselhos: *Discernit sapiens res, quas confundit asellus*, quer dizer — proseguiu elle, julgando conveniente construir em traducção não literal o texto, tão pouco modesto quão pouco delicado, que citara, — quer dizer: Ao homem de experiencia é facil discernir as coisas, que ao menos instruido confundem e perturbam:

O que não experimentares
Não cuides que o sabes bem. .

— Quando havemos de ir?

— Agora — respondeu o licenciado, olhando para o poente, — agora mesmo. Já se escondeu o sol; d'aqui a nada é noite. Thereza vai, com a tia, á Graça para assistir a umas vespas; Luiz de Mendonça, sei eu, que tambem lá não está; e tudo o mais ficou preparado, e disposto como se quer.

— Então, vamo-nos.

— Vamos; e que Deus seja connosco.

Instantes depois, Margarida com a cabeça inteiramente envolta n'uma manta escura, e acompanhada do licenciado Antonio do Prado, entrava para uma liteira no pátio da Capella.

Deixemos tambem agora os paços d'el-rei para entrarmos no Côrte-Real, e vermos o que a esta mesma hora se passava no quarto de Francisco d'Albuquerque.

O capitão já estava, segundo a sábia opinião do licenciado Antonio do Prado, inteiramente livre de perigo; porém a sua fraqueza, resultado de abundantes perdas de sangue e da violencia das febres que padecera, era tão grande, que mal podia volver sobre as almofadas a pesada cabeça livida em que se viam tristes signaes de longa e penosa enfermidade.

Os olhos do capitão voltados para Thereza, que estava assentada ao lado da cama, pareciam buscar no rosto d'esta a revelação de um segredo ou a explicação de um mysterio; tão grande era a sua curiosa fixidez, tão incerto e simultaneamente escrutador o seu olhar. Este longo e vacillante olhar foi-se, porém, transformando lentamente: a sua expressão mudou por graus insensíveis. A principio terno, tornou-se depois melancolico, triste, doloroso. Duas lagrimas, brotando a custo como se viessem do coração, pouco a pouco se conglobaram e suspenderam nas palpebras do enfermo, até que sacudidas por um impulso commum de dor e de angustia, como que lhe saltaram pelas faces e se foram embeber nas almofadas.

Francisco d'Albuquerque recordava-se vagamente

de haver visto junto de si Margarida e Thereza, ambas meigas e carinhosas, ambas debulhadas em lagrimas, que lhes arrancava a dor de o verem padecer; e esta recordação, que elle não sabia onde tivera origem, pensava-lhe como um remorso cada vez que olhava para a casta e suave companheira da sua infancia.

Quando, depois de longo scismar, de triste e amargo cogitar, sentiu que as lagrimas lhe cahiam pelas faces, o capitão não pôde ter-se que não estendesse para Thereza a mão tremula, murmurando com voz debil e sumida:

— Perdão, Thereza, perdão!

Thereza, toda ternura e solicitude, seguira no rosto do seu amante as varias transformações de um sentimento, cuja amargura se pintava claramente n'aquelle olhar longo e profundamente melancolico. Desde o dia em que a Calcanhares viera disfarçada ao Córte-Real, Thereza tivera forças para esquecer as penas do seu mal correspondido amor, e lembrar-se unicamente de que um irmão, o amigo e companheiro dos seus primeiros annos, padecia e gemia alli sobre o leito de dor. A pobre rapariga achara no seu coração, não provado ainda pelos grandes soffrimentos, animo para perdoar e conservar inalterada a amizade antiga ao homem que tanto ao vivo a offendera. O ciume, paixão acre e pungente, nem uma vez só viera perturbar a casta serenidade d'este sentimento puro como o perfume das violetas, limpido como o ceo da madrugada em dia de primavera.

— Socega, Francisco — disse ella apertando a mão do enfermo — socega. Eu não tenho que te perdoar... E se tivesse — accrescentou ella vendo que Francisco d'Albuquerque fazia um ligeiro gesto de negação — e se tivesse, perdoar-te-ia como a irmão, que és meu. Socega, que o affligires-te póde causar-te damno; e eu quero ver-te restabelecido bem cedo, para... para...

E, cobrindo com um sorriso gracioso e suave o pranto que ella sentia rebentar-lhe dos olhos, Thereza debruçou-se sobre a cama, e deu um beijo na fronte do capitão.

— Que fazes ahi, Thereza? — bradou n'este momento da porta do quarto a tia Brizida — Que esperas para dar ao doente o remedio que o licenciado ahi deixou? Já são quasi sete horas; é tempo de nos irmos arranjando para sahir.

— Tia Brizida, minha rica tia! — balbuciou Thereza, estremecendo ao ouvir a voz da beata — Pois quer ir a esta hora, lá tão longe...

— A que horas querias tu que fossemos rezar as vespervas á Graça? — respondeu a velha — As vespervas rezam-se ao cahir da tarde, e isto é quasi sol-posto. Nossa Senhora te ajude, filha, que me parece que não andas em teu juizo!

— Então havemos de deixar aqui só este pobre enfermo...

— Elle não precisa de nós por agora, e cá fica o Diogo a tomar conta n'elle. Ás vespervas não falto eu

hoje. Deus me livre! pois eu havia de faltar hoje á festa da Graça? Ha tanto que não vou lá...

— Ainda hontem pela manhan foi...

— Confessar-me ao meu frei Thomaz do Espirito Santo? Fui, isso fui; para bem dos meus peccados. Foi elle quem me recommendou que não faltasse hoje; e não hei de faltar. Tu has de vir tambem comigo, que te não deixo aqui só. Não ouviste o que disse Antonio do Prado esta manhan, quando lhe perguntei se podiamos sahir?

— Ouvi, mas elle...

— Elle é um homem de juizo, e de muito saber; e tu... és uma tontinha — atalhou a tia Brizida, passando a enrugada mão pelos cabellos de sua sobrinha. — « Sáiam, disse elle, podem sahir. Até é bom que o deixem só depois de lhe darem este remedio, que o ha de fazer dormir. Eu cá venho á noitinha, e esperarei que voltem. » Anda, dá-lhe o remedio, que são horas...

— Tem uma côr tão feia, tão escura — disse baixinho Thereza, pegando no vaso que continha a bebida que deixara o licenciado. — Não sei se lh'o dê...

— Tambem agora entendes de medicina? Que sabes tu de remedios? Remedios todos são feios, e fazem arripiar as carnes. Dá-lhe isso, e que Deus permitta que seja para seu bem.

Thereza, hesitando sempre e como detida por um presentimento, approximou o vaso que lhe dera a tia Brizida dos beiços pallidos de Francisco d'Albuquerque.

que; e este, obedecendo como uma criança ao gesto da sua formosa enfermeira, bebeu até á ultima gotta o liquido que elle continha.

Apesar das palavras e gestos de impaciencia da velha beata, Thereza deixou-se ficar sentada á cabeceira do leito, e esperou, sem despregar os olhos do doente, que o remedio produzisse effeito, o que breve succedeu. Francisco d'Albuquerque cahiu em pesado torpor, e depois em profundo somno, causado pelo narcotico que Antonio do Prado lhe mandara ministrar.

— Agora podemos sair — disse Thereza pondo-se de pé, e detendo a custo as lagrimas que lhe nublavam os olhos. — Elleahi fica dormindo esse somno, que me faz mal, que se parece com... a morte.

— Não tenhas susto, não ha que recear — atalhou a tia Brizida. — Vamos pedir por elle ao Senhor dos Passos, vamos que é tarde. E não havemos de ir de vagar se lá quizermos chegar a tempo.

Cobrindo-se então com mantas de capuz, a tia e a sobrinha, acompanhadas da velha Josepha e de um moço do infante, sahiram do Côte-Real para irem assistir ás vespas que n'aquelle dia se celebravam no convento da Graça.

— Tenha cuidado no senhor capitão — disse Thereza a Diogo Cutilada antes de sair. — Não se afaste muito do quarto, porque elle póde acordar, e carecer de alguma coisa...

— Veja o que faz — accrescentou a beata — veja o que faz, senhor Diogo. Olhe que nós vamos descansa-

das, porque temos que se não ha de descuidar das suas obrigações.

— Vão socegadas — respondeu o soldado. — Eu cá estou costumado a tractar doentes, e bem sei o que devo fazer.

— Meu amo ainda agora adormeceu — disse elle comsigo, apenas sahiram as duas mulheres — e só d'aqui a uma ou duas horas é que póde acordar. Então, se hei de ficar aqui a olhar para o tecto, melhor é que vá para o páteo palrar com os moços da estrebaria, e apanhar o fresco da tarde. — Depois de tirar esta prudente conclusão das suas reflexões, o bem-avisado sebastianista desceu as escadas do palacio, e foi juntar-se com os criados de sua alteza.

Francisco d'Albuquerque ficara só. Estendido sobre o leito, immovel, pallido, respirando apenas imperceptivelmente, n'aquelle quarto allumiado só pela tenue e incerta luz do crepusculo que entrava a custo por uma janella meio cerrada, o enfermo tinha o lugubre aspecto de um cadaver. O silencio d'aquelle triste quarto era apenas interrompido a espaços pelo som distante das vozes e dos passos de criados que atravessavam os corredores do palacio.

De repente appareceu á porta um vulto de homem, alto e disforme. Depois de olhar cautelosamente para todos os cantos, e de escutar, detendo a respiração, se algum leve rumor perturbava o silencio do aposento, o vulto avançou vagarosamente alguns passos. A luz fusca, que entrava pela janella, deu então de chapa

no rosto do mysterioso personagem. Era Antonio do Prado.

O licenciado, quando se desenganou de que o enfermo estava só, approximou-se apressadamente do leito em que elle jazia, apalpou-lhe a testa e as mãos, tomou-lhe o pulso, escutou-lhe o lento respirar, e certo de que o narcotico não tivera funestos resultados, soltou um longo suspiro, porque se sentia livre enfim do temor que lhe remordia a consciencia.

O medico de sua alteza esperou que fizesse mais noite; e então, quando viu que o quarto e o corredor proximo estavam quasi em total obscuridade, envolveu Francisco d'Albuquerque n'um amplo gabão, e levantando-o nos braços robustos com a mesma facilidade com que pegaria n'uma criança de poucos annos, sabiu; atravessou alguns corredores, evitando sempre a luz, e desviando-se dos logares onde sentia ruido de passos ou de vozes; desceu uma estreita escada de caracol, e abriu a porta que deitava para a praia do Corpo-Santo. Ahi estava parada uma liteira, na qual o medico do infante, ajudado pelo liteireiro, metteu o capitão ainda adormecido.

Poucos minutos depois, os habitantes do Córte-Real, assustados, escutavam brados de afflicção, que soavam para o lado do palacio, onde eram os quartos dos criados fidalgos de sua alteza. Correram todos a ver o que era, e deram com Antonio do Prado, que, n'um violento accesso de desesperação, bradava:

— Onde está o meu doente? Quem ousou tiral-o

d'este quarto sem minha licença? Se elle morrer, hão de dizer agora que fui eu quem o matei! Vou queixar-me a sua alteza. É assim que se obedece aos preceitos do medico! *Cave calumniosum!*

Os criados do infante olhavam uns para os outros, espantados do que ouviam, e sem poderem entender as palavras do licenciado. Diogo Cutilada, pallido e aterrado, precipitou-se no quarto de seu amo; e vendo que não estava já no leito, onde pouco antes o deixara, deitou a correr pelos corredores, debulhado em lagrimas e gritando como um perdido:

— Assassinaram o meu capitão! Mataram-me o meu rico amo! Acudam, acudam-lhe. Procurem os assassinos!

Immediatamente os criados do infante se espalharam por todos os corredores e escadas do palacio, com archotes e tochas accesas, para procurarem os assassinos e roubadores de Francisco d'Albuquerque; e o proprio D. Pedro, com a espada na mão e seguido de D. Rodrigo de Menezes, corria pelas salas dando ordens e praguejando contra os seus inimigos, a quem elle attribuia aquelle nefando crime.

Fôra esta a causa da desordem em que Luiz de Mendonça achou o Côte-Real, quando voltou do paço, onde tinha ido, como o leitor provavelmente se recorda, levar uma carta de sua alteza para a rainha.

CAPITULO XXIV.

CONSELHO NOCTURNO.

Luiz de Mendonça, assustado pela desordem em que via os criados do infante e pelos brados e clamores discordes que troavam por todo o Córte-Real, subiu rapidamente as escadas do palacio, e detendo um mulato que ia correndo com um archote na mão, perguntou-lhe qual era a causa de tão estranho tumulto.

— Mataram-o — respondeu o mulato, desprendendo o braço das mãos de Luiz de Mendonça. — Mataram-o; e nós andamos em busca dos assassinos...

— A quem mataram? — perguntou este enfiado de susto.

O mulato, em vez de lhe responder, galgou a escada em dois saltos e desapareceu.

Certo de que uma grande desgraça succedera, de

que um grande crime fôra commettido na sua ausencia, Mendonça voou pelos corredores e pelas salas do palacio em busca do infante, porque receava que D. Pedro tivesse sido victima de alguma nefanda vingança. Quando entrou porém na antecâmara e viu sua alteza, de pé no meio da casa encostado á espada, e fallando em altas vozes com D. Rodrigo de Menezes e mais dois ou tres fidalgos, o seu coração tranquillizou-se algum tanto. Para não interromper esta animada conversação, Luiz de Mendonça esperou á porta da sala que o infante o visse e o chamasse para lhe ir então dar conta do que passara com a rainha na difficil mensagem de que fôra encarregado.

— O atrevimento do válido — dizia o infante — já não conhece limites. Se nos não unirmos para o combater, se eu não tomar, á força se necessario fôr, o logar que me pertence como irmão e actual herdeiro de el-rei, o conde de Castello-Melhor mandar-nos-ha assassinar, aqui mesmo dentro do Côrte-Real.

— Socegue vossa alteza — atalhou D. Rodrigo de Menezes. — Este negocio é serio, muito serio; e deve ser levado com prudencia. Consulte vossa alteza os seus amigos. Eu já mandei chamar parte dos fidalgos, a quem a tyrannia do ministro totalmente afastou do lado d'el-rei. Esperemos por elles, escutemos os seus conselhos antes de tomar uma deliberação definitiva.

— As delongas n'esta occasião são uma imprudencia — bradou o infante. — Á violencia só com a violencia se resiste. El-rei já me ameaçou com um pu-

nhal. O válido mandou matar Francisco d'Albuquerque, porque sabia que era um valente militar que o conde da Torre, por elle tão odiado, chamara ao meu serviço: e como não pôde lograr da primeira vez o seu intento infame, hoje, agora mesmo, mandou outra vez assassinal-o covardemente aqui, dentro do meu palacio...

Um grito abafado de Luiz de Mendonça interrompeu de subito o infante. Voltando-se então, e dando com os olhos no amigo de Francisco d'Albuquerque, pallido, hirto, com os olhos lançando áscuas vivas de ira, a mão no punho da espada, D. Pedro proseguiu:

— És tu, Luiz de Mendonça! Já sabes o que succedeu?

— O que foi, senhor?

— Mataram-te o teu companheiro, o teu amigo! E não podemos dar com os assassinos, nem achar vestígios d'elles. Oh! se os apanharmos um dia ás mãos havemos de tirar d'este crime uma vingança, que sirva de exemplo a todos os válidos insolentes, a todos os infames assassinos! Até o cadaver, Mendonça, até o cadaver lhe levaram, esses monstros sem alma!

— Permitta-me vossa alteza que vá eu proprio indagar tambem, procurar...

— É inutil. Dize-me — proseguiu o infante chamando Luiz de Mendonça para um canto da sala, e fallando-lhe baixo — dize-me cá; entregaste a carta á rainha? Vistel-a? Fallaste-lhe?

— Sua magestade dignou-se receber-me, apesar de

já estar fechada a portaria das damas. Leu a carta de vossa alteza e manda-lhe dizer...

— O que?

— Que el-rei resolveu nomear gentis-homens de vossa alteza os fidalgos que lhe aprouver nomear, com a unica condição de desistir da primeira eleição, e de não nomear o conde de Sarzedas.

— São embustes, são novos embustes do Castello-Melhor — bradou o infante.

— Que ha mais de novo? — perguntou D. Rodrigo, ouvindo esta exclamação do infante.

— Manda-me dizer a... mandam dizer do paço — respondeu sua alteza — que el-rei me concede finalmente alguns fidalgos para servirem na minha casa. Mas é falsa a nova de certo.

— Talvez que o não seja — disse D. Rodrigo. — O conde conhece, como homem de estado que é, as difficuldades da sua situação. Luctar com o infante, com o irmão d'el-rei, é difficil a um ministro, se elle não souber empregar convenientemente os meios que a experiencia e a astucia ensinam aos que lhes sabem escutar os prudentes conselhos. O valído quer encobrir a guerra com as apparencias da paz: com uma das mãos serve a vossa alteza, e com a outra apalpa, talvez, o lugar onde mais seguramente lhe póde cravar o punhal. Para inimigos taes toda a prudencia é pouca. Contemporisar foi a maxima de um grande guerreiro; e deve ser tambem agora a base do nosso plano de guerra n'esta difficil campanha. Venceremos como venceu Fabio.

— E se fôr verdadeira a noticia, quem hei de escolher para o meu serviço, Rodrigo?

— Já disse a vossa alteza a minha opinião a esse respeito. Convem que vossa alteza se cerque de amigos seguros e de influencia no exercito. Os quatro condes são os fidalgos que melhor podem servir a causa de vossa alteza; são inimigos pessoases do valido. O conde da Torre é mestre de campo, general da côrte e provincia da Estremadura. O de S. João é governador das armas de Traz-os-Montes. O conde de Villar-Maior é o coronel da infantaria da côrte, e dispõe das forças que se acham em Lisboa.

— Mas o conde de Aveiras?

— Esse é o regedor da casa da supplicação: precisamos ter por nós tambem os tribunaes.

N'este momento um criado veio annunciar a sua alteza, que grande numero de fidalgos e titulos se achavam já reunidos no Córte-Real: e D. Pedro, acompanhado pelo seu astucioso mordomo-mór, immediatamente se encaminhou para a sala, onde o esperavam os seus parciaes.

Era na mesma sala, em que, no dia da entrada solemne da rainha em Lisboa, se haviam reunido os fidalgos do partido do infante para decidirem se elle se devia ou não retirar da côrte, que os inimigos do Castello-Melhor estavam esperando por sua alteza. A assemblea era numerosa; e o clamor das vozes e o desordenado dos gestos bem claro mostravam, que a indignação e a colera mal podiam alli ser comprimidas pelo

respeito devido ao infante. O astuto e sagaz D. Rodrigo de Menezes mandara chamar os nobres fidalgos ao Córte-Real « para os consultar ácerca das medidas que convinha tomar, a fim de evitarem o perigo que os ameaçava a todos, e principalmente a sua alteza; em cujo palacio já tinham ousado entrar assassinos, mandados pelo válido; e se havia commettido n'aquella mesma noite um terrivel crime. »

Quando D. Pedro entrou na sala, os fidalgos foram-lhe ao encontro para lhe beijarem as mãos, e o felicitarem de haver escapado, por mercê da Divina Providencia « á trama infame e tenebrosa que os traidores contra elle haviam urdido. » O infante, depois de agradecer aos fidalgos a solícitude e vivo interesse que tomavam pela sua causa, atravessou por entre elles e foi sentar-se na cadeira de velludo, collocada sobre um estrado no topo da sala, onde costumava presidir ás sessões, que os seus parciaes tinham no Córte-Real todas as vezes que algum grave acontecimento lhes fazia re-crear as vinganças do válido, ou lhes dava esperanza de o derribarem do poder.

O infante, apenas viu serenar-se o tumulto que a sua entrada na sala causara na assemblea, rompeu em accusações e brados de colera contra o conde de Castello-Melhor. A sua ira crescera em presença da indignação dos fidalgos. Como todos os espiritos fracos, ou ainda não robustecidos pelos annos e experiencia, o espirito do infante deixava-se levar mais pelas impressões externas do que pelo sentir intimo e reflectido.

Não havia detel-o em taes occasiões, que não commettesse ou dissesse imprudencias e loucuras: e o proprio D. Rodrigo de Menezes conhecia, que só passada a tormenta podia governar de novo o seu, quasi sempre, docil pupillo.

— As vidas de todos estavam em perigo imminente — dizia sua alteza. — Os assassinos, que o valído trazia sempre ás suas ordens, tinham ousado penetrar no Córte-Real, e commettido alli, a dois passos d'elle infante de Portugal, um barbaro, um cruento homicidio. Era finalmente chegada a occasião de se empregarem todos os meios, ainda os mais violentos, para destruir um poder tyrannico, que lhes ameaçava até as proprias vidas. Se a condescendencia, o cego e irreflectido apoio d'el-rei mantinham no valimento um ministro indigno, não era isso razão sufficiente para elles se deixarem assassinar; e, sobre tudo, para consentirem nos erros, nos crimes, nas injustiças, que todos os dias punham a patria á beira do abismo. O meu dever — proseguiu elle, dando no braço da cadeira com tal força que o estalou — o meu dever como filho de D. João IV, e o vosso tambem como fidalgos que sois, dos mais principaes d'este reino, é não soffrermos que el-rei seja por mais tempo enganado por um valído; que o deshonra; que dispõe das rendas publicas e vive no fausto, quando eu estou em pobreza e sem gentis-homens, para me servirem; que dá os logares mais eminentes do estado aos parentes e amigos, e deixa sem emprego os homens a quem a patria deve a sua independencia. De mais te-

nho soffrido já affrontas e intrigas. É preciso destruir por uma vez a pandilha que se senhoreou do paço, e governa d'alli o rei e o reino.

Estas palavras, que a colera dictara ao infante, foram como chispa electrica lançada sobre polvora; produziram subita e violenta explosão. Muitos dos fidalgos pozeram-se de pé por um impulso commum, praguejando e amaldiçoando os valídos, e levando a mão ás espadas e aos punhaes.

— É um infame! — dizia um.

— Um ladrão! — exclamava outro.

— Fez-se escrivão da puridade para governar só o reino.

— E até *excellencia* quer, em vez da *senhoria*, que lhe pertence!

— Toda a fazenda para elle é pouca.

— Só nos seus uteis, dizem que gastou o anno passado para mais de setenta mil cruzados!

— É elle o doador de todos os postos e commendas...

— E das tenças e officios.

— Sendo vassallo é quem governa o reino, como rei absoluto.

— Aqui não ha senão apanhal-o na primeira occasião opportuna — bradou com voz trovejante o conde da Torre. — Onde não chegam a razão e os bons conselhos póde alcançar o ferro de uma espada. Se eu tiver occasião de chegar a esses tyrannos, hei de lhes

chegar de vez. Golpe que eu dou é seguro, como todos sabem.

— Dá a morte, e cava a sepultura — atalhou D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, implacavel inimigo do conde da Torre por motivos já conhecidos do leitor.

Esta phrase de D. Luiz moveu o riso n'alguns dos fidalgos que cercavam o conde, e teve o poder magico de o fazer calar subitamente; porque era allusiva a um celebrado soneto, que gongorico poeta fizera á espada do general fanfarrão, depois d'elle ter rasgado um toiro de uma só cutilada. O soneto, como curiosa e verdadeira amostra do estylo poetico d'aquella, em tudo, desgraçada época, merece ser transcripto aqui, tal qual o traz na sua *Nova Floresta* o padre Manuel Bernardes. Eis como o poeta panegyrista teceu os louvores da toiricida espada:

Foy para o rayo de aço curta esfera
A vida de hum só bruto limitada:
Queixa-se da materia a cutilada:
Mais funda entrára, se mais fundo houvera.

Torna (se podes) a viver, ó fera;
Vae buscar mais pescocos á manada:
Que no resto das iras desta espada,
Nova morte sem nova acção te espera.

Mas já que ao ferro do melhor Mavorte,
Depois de sorver vidas, ainda dura
Vasta e anhelante a sêde de seu corte:

Que empregos achará força tão dura?
Rasgue o boy, e abra a terra: desta sorte
Sabe das sobras da morte a sepultura.

Acceso em ira, o conde da Torre levou do bastão que tinha na mão direita, e teria com ella descarregado um golpe no seu adversario, se outros fidalgos se não interpozessem.

Este incidente passou-se porém com tanta rapidez, e era tal a agitação que havia na assemblea, que de poucos foi notada, e nem o proprio infante deu por elle.

D. Sancho Manuel, conde de Villa Flôr, o illustre general que ganhara contra D. João d'Austria a gloriosa batalha do Canal, e salvara com esta unica victoria a independencia de Portugal, que os exercitos hespanhoes, então senhores de Evora e da maior parte do Alemtejo, estavam talvez a ponto de subjugar, levantou-se por esta occasião e pediu a sua alteza licença para fallar. O voto do conde era tido por todos em tão grande conta, a sua nobre e bizarra presença, a magestade do seu rosto crestado pelo sol, a altivez dos seus olhos negros tinham tal poder, que o tumulto parou mal elle abriu a boca para fallar; e ao rumor que havia na sala para logo succedeu o mais profundo silencio.

— Sua alteza tem razão — disse elle — em recear que a sua vida preciosa, que as vidas de todos nós corram perigo, agora que o valído ousa já mandar praticar actos de atroz vingança aqui mesmo dentro do Córte-Real. Tanta ousadia deve-nos enganar de que os nossos inimigos estão dispostos a tudo. Mas não é só a nossa propria segurança que nos deve mover a fazer-

mos guerra sem mercê, nem descanso ao Castello-Melhor. O interesse da patria, por quem nós temos feito tantos sacrificios e derramado tanto sangue, tambem exige que entremos em campanha sem mais delongas. O desejo do valido é pôr termo á guerra, e assentar pazes ou fazer ao menos treguas com Hespanha: e é esta a razão porque ainda se não accordou nas bases d'esse tractado de liga que a França nos propõe, e de que as armas portuguezas poderiam tirar tão grande utilidade. Se deixarmos o conde no poder, veremos perdido o fructo das nossas victorias, esquecida a gloria das nossas armas, o nosso exercito desarmado e destruido, as nossas praças desguarnecidas... E quem sabe se ainda um dia os grilhões castelhanos nos tornarão a dilacerar os pulsos! Eu não fallaria de mim agora aqui, se o que vou relatar não fosse facto sabido de todo o Portugal, e uma prova irrefragavel da má vontade que o valido tem a todos os que servimos a patria com a espada ou com o conselho, n'um campo, onde elle, cortezão costumado a viver com as damas nas salas do paço, não ousa mostrar-se. Quando D. João d'Austria entrou pelo Alemtejo com um luzido exercito de vinte e sete mil homens, e tomou Evora, de que era governador esse covarde Manuel de Miranda Henriques, irmão do segundo valido d'el-rei, era eu capitão general da provincia, e tinha ás minhas ordens, em Estremoz, uma columna de vinte e quatro mil homens, pobre de bastimentos e munições, pobrissima de dinheiro. Sahi a campanha como pude; e depois de varios recontros,

em que Deus protegeu sempre as nossas armas, resolvi apresentar batalha ao inimigo, apesar do voto dos cabos do exercito e do proprio conde Schomberg ser oposto á minha resolução. Ganhei a batalha, destruí o exercito hespanhol, puz em fugida D. João d'Austria, e salvei Portugal. Quereis saber o premio que me deram, na côrte, por esta victoria? O conde de Castello-Melhor começou a tecer intrigas contra mim e a malquistar-me com el-rei, persuadindo-o de que a batalha só por milagre de Deus se ganhara, e de que fôra criminoso arrojo meu pelejar contra a opinião de todos, e sem ordem de sua magestade. Tanto fizeram, tanto enredaram esses malvados valídos, que el-rei me mandou ordem de entregar o governo ao conde Schomberg, e de vir sem detença a Lisboa. Reuniu-se conselho de estado para se decidir se era ou não delicto ter eu ganho uma victoria, e salvado Portugal! Fui absolvido... por innocente. Mas o governo da provincia tiraram-m'o para o darem a outro general. É assim que o ministro d'el-rei premeia os trabalhos dos que servem a patria. Parece que só o guia o desejo de comprazer a Castella, e de rebaixar a gloria das nossas armas. O interesse do reino, a honra de sua magestade, a nossa propria segurança pedem que arranquemos o poder das mãos do Castello-Melhor, que d'elle se serve para deitar a perder o reino, destruir a gloria portugueza, e, talvez, manchar o reinado do senhor D. Affonso VI com algum tremendo crime.

Este longo e virulento aranzel do conde de Villa

Flôr ateou de novo as iras dos fidalgos contra o Castello-Melhor. Clamores discordes, acompanhados de gestos descompostos, recommçaram a estrugir a sala: os insultos e as pragas contra o valido revoavam de boca em boca; e todos á porfia accrescentavam uma affronta mais ás que os seus visinhos lhe urravam aos ouvidos. Mais de um alvitre ousado, mas pouco moral, foi proposto para acabar de uma vez com o conde; mais de um ferro brilhou ao clarão das tochas. Com o proprio rebramar a tempestade engrossava, e o marulho fazia levantar novas ondas sobre as ondas encapelladas que reserviam em nutantes cachões.

O prudente D. Rodrigo de Menezes, vendo que era tempo de soffrear os impetos da colera desregrada dos fidalgos, para que alguma imprudencia não destruísse de golpe a trama que elle andava paciente e laboriosamente urdindo em roda do valido, approximou-se do infante, e disse-lhe baixo para que só elle o ouvisse:

— Ordene vossa alteza a estes fidalgos que soceguem; que se calem para que se possa ouvir a opinião dos mais experientes...

— Deixa-os desabafar. É tempo de acabar com estas infâmias.

— Não é prudente...

— Tu és prudente de mais. Por causa das prudencias se perdem os ensejos.

— Permitta-me vossa alteza que eu exponha ao conselho a minha opinião ácerca d'este successo. O bispo do Porto tambem quer fallar...

— Tens razão, tens razão, meu Rodrigo — atalhou D. Pedro, cahindo em si. — Com os teus conselhos é que me eu tenho achado sempre. A amizade dos outros é fumo que se desfaz, a tua é fogo que sempre arde.

Então o infante levantou a voz para pedir aos fidalgos que se calassem; porém em vão, porque as suas palavras se perderam no meio do bradar frenetico e confuso dos seus parciaes. Vendo que não podia, por palavras, nem gestos, obter silencio da inquieta assemblea, sua alteza embocou uma trombeta doirada que estava sobre a mesa, e lançou na sala dois sons agudos e estridentes, que fizeram estremecer todos os fidalgos, muitos dos quaes levaram involuntariamente as mãos aos ouvidos.

Aos clamores e ao movimento succederam subitamente o silencio e a quietação. Aproveitando o effeito que os sons da trombeta haviam produzido na assemblea, D. Pedro bradou:

— A vossa colera é justa, senhores; bem o sei. Sinto-a eu aqui tambem, dentro em mim, a pedir-me vingança. Mas não é ainda tempo de obrar: escutemos os homens de bom conselho, e assentemos no que por agora se deve fazer. D. Rodrigo de Menezes deseja manifestar-nos a sua opinião, esclarecer-nos com as suas luzes, dirigir-nos com a sua habitual prudencia. Ouçamol-o com attenção; e moderemos os impetos da nossa ira para podermos melhor apreciar as razões que o obrigam a não ser da opinião dos dois generaes que acabam de fallar.

— Sua alteza faz-me grande mercê em me querer escutar — disse D. Rodrigo, saudando profundamente o infante. — Em verdade eu não me sinto propenso, como estes illustres fidalgos, para os meios violentos. Para combater um ministro válido é mister ter força; digo mais, é indispensavel estar seguro da victoria. Não vencer, quando se vai contra a vontade de um rei, é ser criminoso de lesa magestade, isto é, condemnado e justicado. Vencer, é salvar a patria e o rei, isto é, ser poderoso e victoriado. Ora se nós fôssemos agora, com as espadas em punho, accommetter no paço o escriptão da puridade, é certo que não seriamos nós os vencedores. Não penetrastes bem as intenções de sua alteza, senhores — proseguiu elle, olhando fixamente para D. Pedro, de modo que lhe fez baixar os olhos e lhe tirou a força de o desmentir — quando suppozestes que vos convidava para uma empreza imprudente, infructuosa e prejudicial ao reino. O senhor infante deseja, pelo muito amor que tem a seu augusto irmão e a Portugal, afastar da côrte o privado: mas sua alteza bem sabe que ainda não dispõe de força bastante; que o povo e muitos fidalgos ainda não estão de tal modo convencidos da justiça da sua causa, que se possa, sem imprudencia manifesta, dar principio á lucta. Aproveitemos o tempo para fortalecermos esta legião de verdadeiros e leaes fidalgos, que se reuniu em roda de sua alteza com o nobre fim de derrubar um tyranno e salvar a patria. Quando a nobreza souber o attentado que o conde de Castello-Melhor commetteu contra o filho

do senhor D. João IV, que Deus tenha em gloria; quando souber que o valído mandou assassinar, no Córte-Real, um dos moços fidalgos de sua alteza, virá espontaneamente offerecer espada, riqueza e vida ao herdeiro da coroa; tomará o partido do infante offendido contra o ministro, que ousou affrontal-o. A plebe tambem a podemos attrahir a nós persudindo-a, como é de razão, de que é o valído a causa unica dos seus males. Essa gente, ignorante e rude, nem sempre conhece os seus verdadeiros interesses; a nós, que prevemos e conhecemos o futuro e o presente, é que pertence levar pelo bom caminho a vontade do povo. A plebe quer paz, e receia a liga com a França, porque suppõe que d'ella lhe virá a prolongação da guerra: o conde sabe-o, e é esta a razão porque se não quer comprometter pela liga, e consulta — elle sempre audacioso, dominado sempre pelo orgulho e pela vaidade — consulta a cada passo o conselho de estado ácerca dos negocios da guerra. Não nos declaremos nós tambem pela liga, para que o povo se não afaste de nós; mas trabalhemos para ella, afim de termos seguro o apoio da França. Todo o tempo é tempo para se tomar uma definitiva resolução sobre objectos importantes. Não somos... Sua alteza não occupa ainda, infelizmente, o lugar que lhe pertence no reino, para que tenhamos receio de nos comprometter com palavras. As apparencias são boas armas para os combates politicos; usemos d'estas armas até vencermos, e depois da victoria quebremol-as. Demais, se sua magestade não tiver filhos, o que é

provavel, o herdeiro da coroa é o senhor infante; muito conviria pois que sua alteza, quanto antes, acceitasse as propostas de casamento que de França lhe tem mandado fazer o senhor de Turenne. A alta influencia d'este fidalgo segurarâ melhor o apoio d'el-rei Luiz XIV á justa causa que defendemos. Mademoiselle de Bouillon é um bom partido...

Desde que D. Rodrigo de Menezes começou a fallar de casamento, o infante enfiou. Os olhos incenderam-se-lhe lançando um clarão pallido e sinistro, e o beijo inferior, grosso e algum tanto pesado, como o de todos os Braganças, começara a agitar-se de colera. Comprimindo a custo os affectos que lhe trasbordavam do coração, D. Pedro ergueu-se de salto, e com voz tremula mas pausada, disse:

— Não falles, Rodrigo, não falles do meu casamento a estes fidalgos. Como sabes, ainda não tenho opinião assentada a esse respeito; e é essa até uma das coisas de que el-rei meu irmão injustamente me accusa. Não sei ainda que resolução tomarei; e sem ter a casa de Bragança, sem o consentimento de minha irman, a rainha de Inglaterra, e... sem eu encontrar uma princeza tão virtuosa e digna como mademoiselle d'Aumale, não me posso decidir a casar.

O mordomo-mór, mal viu o gesto irado e o sanhudo semblante de seu amo, percebeu logo quão melindrosa era a sua situação; e receando que aquella colera, cuja causa elle não podia saber ao certo, porque tinha apenas leves desconfianças do amor que sua al-

teza tinha á rainha, lhe viesse transtornar os planos e intrigas politicas, pediu auxilio ao bispo do Porto, seu velho e astuto amigo; porque não julgou prudente affrontar cara a cara a ira do principe, que nem sempre se deixava levar pelos seus conselhos, nem subjugar pela força das suas razões.

Sua alteza apenas acabou de fallar deixou-se cahir na cadeira de espaldar, por tal modo pallido e agitado pelo esforço que fizera para comprimir a explosão da colera que o suffocava, tão severo e ameaçador no carregado da fronte e no fitar agudo e penetrante dos olhos, que os fidalgos, admirados do que viam, calaram por alguns minutos, olhando assustados uns para os outros.

O bispo do Porto, D. Luiz de Sousa, aproveitou-se d'este favoravel ensejo para tranquillisar o animo do infante, e, ao mesmo passo, destruir a impressão funesta que a colera inexplicavel de sua alteza produzira na assemblea. O bispo apinhou, n'um estirado discurso, citações sobre citações, subtilezas sobre subtilezas, para provar: que o conde de Castello-Melhor era o maior malvado da terra: que a prudencia era a mais util das virtudes: e que o infante tinha direito de casar quando quizesse e com a princeza que fosse mais do seu agrado. « Estas tres proposições, dizia o bispo, eram de uma verdade tão evidente e palpavel, que ninguem, estando na graça de Deus e em seu perfeito juizo, ousaria contestal-as. »

Um fidalgo, porém, singular em tudo que fazia e

dizia, verdadeiro e leal a ponto de ser tido na côrte por grosseiro e de mau tracto, livre nos gestos e nas palavras, desleixado nos vestidos, orgulhoso e insolente com os grandes, affavel e chão com os humildes, um fidalgo, emfim, a quem as considerações não prendiam, a quem os enredos não assustavam, ousou contestar as proposições defendidas no seu conceituoso discurso pelo bispo do Porto. O marquez de Cascaes mostrava ser homem de cincoenta annos. Alto e magro; rosto comprido, coroadado por uma fronte espaçosa e cortado por profundas rugas longitudinaes; olhos de um azul alvacento, que se revolviam com incrível velocidade á sombra de sobranceiras espessas e grisalhas, labios finos e quasi sempre franzidos por um sorriso, que lhe dava á physionomia certo ar de escarneo e de altivez; carão, emfim, por tal modo coberto de manchas pardas e irregulares, que similhava a pelle da onça.

— Não gosto de irresoluções — começou o marquez de Cascaes. — Vamos ao paço, e dêmos cabo do valído. Ahi estão trinta fidalgos, qual d'elles mais valeroso, todos amigos da patria e de sua alteza. Nada de demoras, mãos ás espadas e vamos...

— É uma loucura! — exclamaram muitos.

— Loucura é isto tudo — respondeu o marquez, rindo. — O valído é como todos os ministros, quer governar; é como todos os homens, gosta de honras e de riquezas. Não o accuseis de crimes que elle não commetten, que não é isso de fidalgos honrados. Se o Castello-Melhor quizesse acceitar pazes com Hespanha, de

um modo deshonroso para nós, teria acceitado as propostas que de Madrid trouxe o cavalheiro Fanshaw, em vez de as rejeitar com tal nobreza e dignidade, que obrigou el-rei Luiz XIV a dizer que só á republica romana, na epocha do seu maior poder, conviria tal modo de negociar. Quando o conde subiu ao ministério estava o estado ás beiras do precipicio, e foi o conde quem salvou o estado...

— Foi para defender o válido que vossa excellencia cá veio? — perguntou D. Rodrigo de Menezes com indignação.

— Vim para dizer a verdade. O válido tem commettido erros; tem faltado ao respeito devido a sua alteza; mas, de alguns dos crimes de que estes fidalgos o accusam, está innocente, totalmente innocente. Diz o senhor conde de Villa Flor, que foi o Castello-Melhor quem o intrigou com el-rei, por elle ter salvo a patria. O válido teve culpa d'essa injustiça, é verdade, mas não teve a principal culpa. Foi o senhor marquez de Marialva...

Um brado geral da assemblea cobriu a voz do marquez de Cascaes, que ia, levado pelo amor da justiça e da verdade, accusar o marquez de Marialva, irmão de D. Rodrigo de Menezes, de ter instigado o válido a malquistar el-rei com D. Sancho Manuel, a fim de ficar, elle marquez, com o commando do exercito do Alemtejo.

O infante, aconselhado pelo seu mordomo-mór, interveio na altercação calorosa que se ia levantando,

para lhe pôr termo antes que dêsse de si alguma desagradavel consequencia.

— Tenho em muito os conselhos e rectas opiniões do marquez de Cascaes — acudiu sua alteza — mas parece-me que se não tracta agora aqui de avaliar a conducta politica de Castello-Melhor...

— Não parece — murmurou o marquez.

— Não se tracta por agora, repito, de avaliar os actos politicos do valído, mas sim as injustiças, as violencias de que, por culpa d'elle, eu e vós todos temos sido victimas. Do que vos tenho ouvido, senhores, concluo que o melhor é, em vez de darmos immediatamente principio a uma luta em que poderíamos não levar a melhor, chamarmos pouco a pouco a nós a nobreza e o povo. Para resistirmos á perseguição, que o valído presentemente nos faz, basta-nos vigilancia e coragem. Para o derrubarmos do poder necessitamos força e prudencia.

Quando o infante acabou de fallar, um dos porteiros levantando o reposteiro branco que fechava a porta da sala, annunciou:

— Sua excellencia o senhor marquez de Marialva.

— Que entre — disse D. Pedro.

A figura magestosa e bem talhada do marquez de Marialva appareceu então á entrada da sala. Depois de fazer uma mesura cortezan, o nobre fidalgo atravessou a casa, ajoelhou aos pés de sua alteza, beijou-lhe a mão, e apresentando-lhe uma carta fechada com um fio verde:

— De sua magestade el-rei — disse.

O infante abriu a carta immediatamente, e depois de a ler:

— El-rei, meu irmão — disse — ordena-me, que nomeie gentis-homens para a minha casa. Foram attendidas as minhas razões; e é-me dado enfim ter uma casa de principe. Desejara, senhores, nomear-vos a todos para a minha casa; porém como me não é dado fazel-o, escolherei d'entre vós, não os que mais estimo, porque a todos vos estimo igualmente, mas os que ha mais tempo me servem. Conde da Torre — proseguiu elle — quereis ser gentil-homem da minha casa?

— Grande mercê me fará vossa alteza em me nomear — respondeu o conde da Torre, saudando.

— E vós, conde de S. João?

— Senhor, eu estou ás ordens de vossa alteza.

— Conde de Villar-Maior, desejaes entrar ao meu serviço?

— É uma honra que todos os fidalgos ambicionam.

— Falta só preencher um logar; offereço-vol-o, conde de Aveiras.

— Beijo as mãos de vossa alteza por tão grande favor.

E os quatro condes foram beijar a mão de seu illustre amo.

Meia hora depois o marquez de Marialva sahia do Côte-Real com uma carta, em que sua alteza agradecia a seu augusto irmão a mercê que lhe fizera em lhe conceder gentis-homens para a sua casa, e lhe partici-

pava quaes eram os fidalgos que escolhera para esses logares.

— É este o meu primeiro passo, senhores, no caminho que me indicastes, como o melhor para salvar o estado dos perigos que o ameaçam — disse o infante logo que o enviado d'el-rei sahiu da sala. — Terei de ora ávante junto de mim cinco dos mais prudentes, dos melhores fidalgos de Portugal; e em breve, se Deus me ajudar, virá juntar-se a elles toda a nobreza, todo o povo, a nação inteira.

CAPITULO XXV.

A ESTALAGEM DO ALEMTEJO.

A estalagem do Alemtejo ficava, como os leitores sabem já, situada no becco dos Seguros, que dava para o largo da Sé. A sala da estalagem, casarão immenso de telha-van, humido e mal rebocado, estava, na noite em que passavam os successos que fazem objecto d'este capitulo, muito mais illuminada do que na occasião em que o capitão Francisco d'Albuquerque, recém-chegado a Lisboa, fôra alli cear e indagar novas da côrte, onde ia entrar pela primeira vez.

Quatro a cinco candieiros de tres lumes, collocados sobre as compridas mesas de pinho, derramavam pela casa uma luz avermelhada e oscillante, que fazia com que parecessem densas trevas os clarões froixos, que, na cosinha proxima, lançava de quando em quando o

lume da chaminé. Em roda de uma das mesas muitos homens, cujos pellotes de panno da serra ou gibões de grosseira tela e chapeos de regateira mostravam pertencerem á plebe, passavam de mão em mão copos de estanho a trasbordar de vinho, que tiravam d'um enorme cangirão de barro de Estremoz, collocado no centro da mesa entre dois candieiros, como se fôra o idolo, em honra do qual se faziam aquellas copiosas libações. Sentado na cabeceira, e presidindo á tumultuosa assemblea, estava um velho de mais de cincoenta annos, alto, robusto, espadaúdo como um Hercules; de testa larga e sulcada de rugas, calva, espaçosa e vermelha, olhos rasgados e brilhantes. Á direita d'este velho ficava um clérigo, cuja physionomia extraordinariamente aguda, em que predominava um nariz enorme e curvado como um bico de papagaio, era a viva representação da astucia e da maldade. Á esquerda, o gordo e rubicundo frei Antonio da Redempção ria escancaradamente a cada copo que lhe chegava ás mãos, e que elle de um trago enxugava.

Á porta que dizia para as casas interiores, o baixo e alentado estalajadeiro repimpava-se no seu telonio, isto é, sobre uma arca de pau santo crivada de pregaria amarella.

— Feche-nos aquella porta e não deixe entrar mais ninguem, mestre, que queremos fallar á vontade — disse ao estalajadeiro o clérigo que estava sentado na cabeceira da mesa.

— São nove horas dadas; e agora já cá não vem nenhum hospede — respondeu o estalajadeiro.

— Sempre é bom trancar a porta da rua.

— Agora não são horas de maré, as faluas da outra-banda chegaram todas e não trouxeram passageiros — disse o estalajadeiro. — A ultima pessoa por quem esperavamos chegou agora.

— E não cheguei cedo, pelo que vejo — atalhou Diogo Cutilada que ainda estava de pé, buscando um banco para se sentar. — Já estão reunidos todos os amigos...

— E podemos dar principio á ceia, que fome não falta — atalhou frei Antonio da Redempção.

— Pois vamos a isto — bradou o velho calvo, que occupava o logar principal entre os dois respeitaveis membros do clero. — Mestre Pedro, traga-nos de comer.

— Antes de trazer a ceia — insistiu o clerigo — vá trancar a porta, mestre Pedro.

— Por aqui não tenha receio...

— Feche, que sempre é mais seguro.

Já o estalajadeiro se levantava da sua arca para obedecer ás ordens do clerigo, quando a porta se abriu de par em par, e um homem de elevada estatura, embuçado n'uma capa escura, e com o chapeo ornado de plumas negras enterrado até aos olhos, entrou na sala. Vendo tão grande copia de individuos, a quem o seu repentino apparecimento parecia causar espanto, e que n'elle fixavam olhos accesos pela curiosidade, o recém-

chegado hesitou um instante: depois, com passos vagarosos, mas firmes, entrou na casa.

— Salve-os Deus — disse com uma voz sonora e vibrante, levando a mão ao chapeo sem comtudo descobrir o rosto. E approximando-se do estalajadeiro, que se preparava para o despedir, perguntou: — Não é aqui a estalagem do Alemtejo?

— É, sim senhor; é esta mesma — respondeu mestre Pedro com visível embaraço. — Mas a esta hora...

— E na estalagem ha só esta sala?

— Não... não: ha outra.

— Responda: vamos, eu sei que ha outra sala.

— Outra sala ha tambem — acudiu o estalajadeiro cada vez mais enleado e olhando em roda de si — mas está tomada como esta por hospedes.

— Conduze-me a essa outra casa — disse imperiosamente o desconhecido.

— Não posso... tenho ordem...

— Essa ordem não se entende comigo.

— Mas não é por esta porta que se entra. Ha outra entrada pelo largo da Sé.

— Ha de haver caminho por dentro de casa.

— Já disse a vossa mercê que tenho ordem...

— Nada de demoras. — E baixando a voz, o mysterioso hospede disse algumas palavras ao ouvido do mestre Pedro, o qual, logo curvando-se respeitoso até ao chão, ficou esperando submisso as ordens do que parecia ter sobre elle completo dominio.

— Pega de uma luz, e ensina-me o caminho — ordenou elle.

O estalajadeiro, tirando uma das candeias de ferro que estavam pregadas na parede, obedeceu immediatamente, e sahiu da sala, seguido pelo desconhecido.

Apenas mestre Pedro e o seu imperioso companheiro transpuzeram a porta, levantou-se na sala o murmurio de muitas vozes, que perguntavam umas ás outras, formavam conjecturas, exprimiam receios, ou zombavam indifferentes.

— Isto é algum espia do válido! — dizia um.

— Algum dos da *patrulha alta*! — bradava outro.

— Nada, nada. É um militar que chega do Alemtejo.

— A esta hora, e de plumas negras no chapeo! Militar não é de certo.

— Eu não sabia que mestre Pedro tinha outra sala além d'esta.

— Nem eu.

— Nem eu.

— E o tal homem da capa escura...

— Todo preto, como um tição...

— Sabia da tal casa.

— Que temos nós com isso? — atalhou o clerigo, buscando desviar a conversação para outro objecto — Seja quem fôr o tal homem, nós nada temos com elle.

— Não temos nada com elle, senhor padre José da Fonseca! — exclamou o velho que presidia á mesa — E se elle fôr um espia!

— Não é, não póde ser espião — respondeu o padre José. — Socegue, senhor Antonio de Belem: é algum provinciano...

— Será bom sempre indagarmos... Eu cá sou o juiz do povo, e não quero que se diga...

— O que não quer vossa mercê que se diga? — perguntou o clérigo, pregando no juiz do povo olhos vivos e luzentes.

— Nada... Dizia eu que era bom saber quem este homem é — respondeu Antonio de Belem com visível perturbação.

— Estamos a tempo de o saber — disse frei Antonio da Redempção. — Ah! vem o estalajadeiro.

De feito, n'este instante mestre Pedro, já mais socegado, mas ainda um tanto enfiado, appareceu á porta com o candieiro na mão.

— Quem era esse homem? — perguntou o juiz do povo.

— Não sei — respondeu o estalajadeiro — não sei quem é. Um hospede.

— Tão escondido, que nem o nariz nos quiz deixar ver.

— Lá teria suas razões.

— E se fosse um espia...

— Espia não é de certo; fique socegado.

— E que sala é essa que você tem lá para dentro, mestre Pedro; e de que eu, freguez antigo da casa, nunca lhe ouvi fallar? — perguntou frei Antonio.

— É uma casa que eu arrendei ha pouco, aqui pe-

gada com a minha, para dar mais largueza á estalagem.

— Então isto vai de vento em pôpa — acudiu frei Antonio, piscando um olho — os hospedes já lhe não cabiam em casa.

— Não cabiam...

— É singular! Venho aqui tanta vez, e ha tantos annos, e nunca vi metterem-lhe azafama os hospedes.

Mestre Pedro estava sobre espinhos. Fazia-se ora amarello, ora vermelho; coçava o nariz e a barba; esfregava os olhos, e abria a boca como um peixe fóra de agua. Os olhos de Antonio de Belem e do padre José da Fonseca seguiam, com visivel anciedade, as rapidas mudanças por que passava a cara do estalajadeiro, como se receassem que este deixasse perceber pela sua agitação o segredo da mysteriosa sala. O padre, por fim, não podendo ter-se já de impaciencia, veio em auxilio de mestre Pedro.

— Confesse-nos aqui a verdade, mestre — disse o clerigo — a casa para onde foi o tal phantasma escuro não é destinada para receber os hospedes, heim!

— É... é para hospedes — balbuciou o desgraçado estalajadeiro, arregalando os olhos e fazendo signaes sobre signaes ao padre José, que fingia não perceber.

— Não nos venha com contos cá a nós, que o conhecemos — proseguiu o padre. — A casa é destinada para alguma coisa occulta, que se quer que a justiça não saiba...

N'este instante uma furiosa cotovellada do juiz do

povo, que parecia quasi tão afflicto como mestre Pedro, ameaçou a integridade das costellas do capellão do infante; que tal era o officio que na casa de sua alteza exercia o padre José. Mas fazendo-se desentendido, apesar da dor, e sobretudo do abalo que o agitara como uma enorme descarga electrica, o cego e insensivel perguntador proseguiu:

— Nós todos somos de segredo. Ninguem vai denuncial-o á justiça, mestre Pedro.

— Senhor padre José, eu não tenho... não ha motivo para me denunciarem a minha casa.

— Aqui o nosso amigo Antonio de Belem é o juiz do povo; mas eu fico por elle...

— O maldito do padre está sandeu chapado! — murmurou comsigo o juiz do povo. Depois alto: — Deixe lá o homem ganhar a vida como puder, padre José; não lhe faça mais perguntas.

— Eu por mim não lh'as fazia; mas algum dos amigos, que presentes estão, póde ser que seja mais escrupuloso. Emfim, sempre é melhor que se saiba a verdade. Nós promettemos todos guardar o segredo de mestre Pedro. Promettem, senhores meus? — perguntou elle voltando-se para a assemblea.

— Promettemos, promettemos — responderam todos á uma.

— Então, bem. Agora, já o mestre Pedro se póde fiar em nós. Diga-nos a verdade...

— Mas a verdade já a disse.

— Diga, confesse que tem alli...

— Tenho alli...

— Uma casa de jogo.

— É verdade — disse o estalajadeiro, respirando ruidosamente, como se lhe houvessem tirado de cima do peito um pêso de mil arrobas.

— E que esse cavalheiro...

— Sim! o que é? — rosnou mestre Pedro enfiando outra vez um pouco.

— É algum fidalgo moço, que vem arruinar-se á maldita espelunca, que você para ahí tem.

— É verdade! — bradou o dono da casa, com manifestos signaes de alegria; e fazendo ao padre um signal de intelligencia.

A nova, de que havia alli pegada uma casa de jogo, tinha feito impressão nos alegres hospedes da estalagem do Alemtejo. Via-se nos olhos de muitos transparecer a torpe e abjecta cobiça do jogador, que ouve o tinir do oiro na mesa onde os dados obedecem aos caprichos da fortuna ou á vontade dos ladrões.

— Vamos depois da ceia experimentar a sorte — disse frei Antonio da Redempção.

— Vamos primeiro tomar o sabor aos guizados de mestre Pedro, e depois passaremos ao jogo — respondeu o capellão de sua alteza.

— Vamos, vamos a isso! — bradou o estalajadeiro — Ólá! Perdigoto, traz a ceia d'estes senhores. Eu vou ajudar o rapaz para isto andar mais depressa. — E logo o roliço hospedeiro sahi correndo.

Um quarto de hora depois a ceia estava na mesa, e

era vigorosamente atacada pelos dezoito ou vinte convidados do juiz do povo. O appetite fez esquecer n'um instante o jogo e a curiosidade.

Quando viu os seus joviaes companheiros deixarem maiores intervallos entre copo e copo de vinho, e diminuir consideravelmente o movimento das maxillas, que a principio haviam trabalhado com portentosa velocidade, Antonio de Belem impoz, com um gesto, silencio; e todos se calaram instantaneamente.

— É tempo de fallarmos em coisas sérias — disse elle. — O senhor padre José da Fouseca disse-me, ha dias, que desejava praticar, em objectos que interessam ao povo todo, com alguns dos membros da casa dos Vinte e Quatro e dos officios, que fossem de melhor conselho, e em quem eu tivesse mais confiança. Eu, a fallar a verdade, tenho todos em muita conta, porque de gente como nós não ha que desconfiar; e por isso escolhi aquelles que são amigos meus ha muitos annos, com quem me tenho achado sempre nas occasiões de perigo, e que sei tem mais poder no animo e vontade do povo de Lisboa.

— O caso não é tão serio, por ora, como vossa mercê o quer fazer, Antonio de Belem — atalhou o padre José. — Isto não é uma conjuração...

— Bem o sei — disse o juiz do povo. — Louvado Deus, o tempo dos conjurados já lá vai. Agora a gente, quando não lhe agrada uma coisa, quando vê que se não levam os negocios politicos pelo bom caminho, vai ao paço e diz a el-rei claramente o que entende, e

o que quer. E se as portas do paço se não abrem logo, espera-se que el-rei sáia, agarra-se-lhe no freio do cavallo, e alli mesmo na rua, diante de todos, falla-se-lhe a verdade inteira. Eu, que aqui estou vivo e são, já por duas vezes fiz parar sua magestade, que Deus guarde, no meio da rua, para lhe dizer o sentir do povo a respeito das coisas da guerra.

— E é assim que deve fazer sempre, senhor Antonio de Belem. Um juiz do povo é para dizer verdades ao rei, e defender os interesses da nação. Nunca a lingua lhe dôa, meu rico Antonio de Belem! Mas, como eu ia dizendo, o caso por ora não é tão serio — proseguiu o capellão do infante — póde vir a sê-lo, mas ainda o não é. O que eu queria só era conhecer e tractar em amizade estes bons e honrados membros da respeitavel casa dos Vinte e Quatro, e dos officios da cidade; e saber o que elles pensam do que ultimamente se tem passado na côrte. Porque emfim se as coisas continuarem assim será preciso tomar alguma resolução, para impedir que o reino se não perca de todo.

— É verdade. Tem razão — bradaram algumas vozes.

— Já deveis saber o que ha seis dias se passou no Côrte-Real?

— Ouvi dizer que tinham lá entrado os da patrulha — disse frei Antonio da Redempção — e tinham assassinado...

— Meu amo, o meu rico capitão! — exclamou Diogo Cutilada.

— O senhor Francisco d'Albuquerque? — perguntou o frade.

— Esse mesmo — respondeu o padre José. — Os assassinos entraram lá, para assassinar sua alteza; e, receando que elle gritasse, quando lhe passaram pelo quarto, mataram-no...

— Mas o senhor Francisco d'Albuquerque não estava em estado de gritar. Desde o dia em que fôra ferido, alli para a banda das portas da Ribeira, nunca mais pôde fallar.

— O que é certo — atalhou o padre — é que os *valentes* d'el-rei, mandados pelo Castello-Melhor, entraram no Córte-Real e tiraram a vida a um dos fidalgos do senhor infante. Este maldicto valido ha de perder o reino e entregar-nos nas mãos dos hespanhoes, depois de ter tirado ao povo até o ultimo real. A liga com França, que seria uma felicidade para o reino...

A estas palavras levantou-se dos respeitaveis membros da casa dos Viute e Quatro, que compunham a assemblea, um murmurio de desapprovação e desgosto. O povo não sympathisava com a liga proposta pela França; porque sabia ser a sua principal consequencia a prolongação da guerra, que havia vinte e seis annos Portugal sustentava com o oiro e com o sangue contra a Hespanha. O capellão do infante percebeu logo que seguia errado caminho, e que, em vez de servir seu amo, serviria o valido se o accusasse de não acceitar as propostas de Luiz XIV. Querendo aproveitar ainda a má disposição d'aquelles homens rudes, mas sinceros

para o seu fim, que era engrossar o partido que combatia o Castello-Melhor, o astucioso clérigo proseguiu:

— A liga com França, que seria uma felicidade para o reino não chegasse nunca a concluir-se, já está em andamento, e breve será assignada.

— Dizem por ahí que o conde está inclinado a fazer pazes com Castella — disse um dos da casa dos Vinte e Quatro — e que é a rainha, e o conselho de estado...

— Elle consulta o conselho de estado, é verdade — atalhou o padre. — O conde é astucioso, e não quer comprometter-se. Mas a verdade é que a paz não está já feita, por culpa d'elle. Se elle acceitasse as propostas que trouxe o inglez...

— O senhor Fanchó? — O juiz do povo queria dizer Fanshaw — Isso não eram propostas que se acceitassem cá em Portugal.

— As primeiras de certo que não. Mas se o valído apertasse com o conde de Peñaranda, outras poderia alcançar muito honrosas para este reino. Não se deve consentir por mais tempo no governo tão atrevido ministro — proseguiu, batendo na mesa, o padre José da Fonseca, que desejava dirigir a conversação a assumpto, para assim dizer, mais caseiro e por isso mais apropriado para a intriga. — Não havemos de consentir que um vassallo se atreva a um principe herdeiro da coroa, e seu senhor natural! Se o não tirarem de ao pé d'el-rei, veremos ir a mais os crimes e as desgraças por essa terra!

— É verdade, é verdade! — barafustou com furia Diogo Cutilada — Dos crimes ahi temos a prova na crueza com que mataram o meu capitão; que nem o corpo lhe deixaram para ser enterrado em chão bento, os malvados!

— Esses escandalos e peccados não só em si são maus; devemos tel-os como prognosticos de longo purgatorio, em meio do mundo presente e d'esse outro mundo de gloria, que as prophcias e avisos do ceo nos estão cada dia promettendo. Acabemos com os peccados, para diminuir os castigos de Deus.

— Falla-se ainda em prodigios do ceo? — disse Diogo Cutilada — Ouvi dizer, que lá para Melgaço apparecera um feio signal...

— Sim, appareceu. Era uma espada de fogo verde, que sahia de entre duas nuvens pequenas, uma branca e outra vermelha. A espada correu para a parte de Valença do Minho, e foi sobre Galliza desfazer-se em raios e coriscos. Este anno de sessenta e seis ha de ser ainda anno de grandes maravilhas. O cometa que appareceu ha dois annos, ainda não produziu todos os seus effeitos, apesar do que o padre Antonio Vieira disse que tinha achado no livro de um antigo philosopho chamado Ptolomeu.

— E o que dizia o philosopho? — perguntou em tom doutoral, e tossindo magestosamente frei Antonio da Redempção.

— Dizia o seguinte: *cum æde ostenta orientalis sunt, et solem antecedunt, et in oriente apparent, cele-*

ritatem eventus secuturi significant. O que, posto em linguagem, quer dizer...

— Que o ser o cometa oriental — atalhou o frade — caminhar adiante do sol, e apparecer no oriente, é signal de que não hão de tardar muito os seus effeitos.

— Boa traducção é essa, e que lhe faz honra, frei Antonio.

Este rasgo de erudição dos dois clerigos foi recebido com pasmo pelos circumstantes. O capellão do infante, que não perdia um só dos gestos expressivos dos seus ouvintes, notou os signaes de admiração — bocas abertas, olhos esbugalhados, e dedos ora estreitamente engranzados para apertar as mãos umas ás outras, ora tacteando vagamente os objectos que estavam espalhados pela mesa — com que lhe escutavam, sem o entenderem, um mal apreciado texto latino, que elle havia offendido com mais de uma syllabada. Desejoso, porém, não de ostentar erudição, senão de catequizar homens que mal sabiam lêr, o astucioso padre resolveu comsigo pôr de parte vaidades, e fallar ao geito dos que o escutavam.

— Ha tempos que se não falla de prodigios, nem de prophecias — disse Antonio de Belem. — Desde a tal espada de Melgaço, que ha bem uns tres mezes que appareceu, nunca mais se fallou em signaes do ceo.

— Não é tanto assim — replicou o padre. — Apesar de estarmos ainda no tempo fatal de que fallam as trovas do Bandarra :

A linhagem dos fidalgos...

— Sim, sim. Bem me lembra — atalhou o Cutilada —

A linhagem dos fidalgos
Por dinheiro é trocada,
Vejo tanta mixturada,
Sem haver chefe que mande;
Como quereis que a cura ande,
Se a ferida está damnada.

— Apesar da ferida estar damnada, já começam a apparecer signaes de cura. Não sabeis ainda da visão de Bartholomeu Pincho, o lavrador do Algarve?

— Não. Não sabemos — responderam todos.

— Pois eu vol-a conto.

Os convivas largaram os copos, puxaram os bancos para mais perto da mesa, encostaram-se á mão, e escutaram.

— Bartholomeu Pincho é, como vos disse, um pobre lavrador do Algarve; temente a Deus, e simples como um rustico. Mas Nosso Senhor não escolhe para os seus milagres os mais sabedores e ricos de espirito, senão os mais innocentes e que maior fé tem na sua misericordia.

— Seja Deus louvado! — murmurou frei Antonio, levantando os olhos ao ceo.

— Este tal lavrador andava, ha já vinte oito annos, dois annos antes da feliz acclamação do senhor D. João IV...

— Que Deus tenha em gloria — disse o juiz do povo.

— Que Deus tenha em gloria — repetiu o padre.

— Como ia dizendo, o bom do homem andava lavrando uma fazendita que tinha arrendado a um convento, quando veio pousar diante d'elle, no chão, quasi de baixo dos pés dos bois, uma ave branca, branca como neve...

— E elle o que fez?

— Apanhou-a?

— Não, não a apanhou. Ficou maravilhado do que via, porque ave tão linda nunca por aquelles campos tinha apparecido. Os bois pararam tambem; e a ave, fallando com voz suavissima, disse...

— Pois o passaro fallou? Que me diz, senhor padre José?— perguntou um dos ouvintes menos credulo.

— Fallou. Aquillo sempre foi um grande prodigio! Fallou e disse: « Portugal, Portugal! has de ter rei portuguez e natural. »

— Grande maravilha!

— Por tal a teve o pobre Bartholomeu Pincho. Temente a Deus, como era, teve receio de que fosse o diabo, que em fórma de passaro o quizesse tentar e perdê-lo. Que n'aquelle tempo, em que os hespanhoes nos governavam, não era graça fallar em rei portuguez...

— É bem verdade — confirmou Antonio de Belem. Mais de um foi á forca por menos do que isso.

— E outros appareceram afogados no Tejo.

— Para se livrar de escrupulos e de medos, Bartholomeu Pincho foi direito ao collegio de jesuitas de Faro, onde tinha um irmão, e contou-lhe tudo tal qual se tinha passado.

— E o irmão o que lhe disse?

— Conta-se que o irmão, como homem de bom juízo que era, lhe aconselhou que pedisse a Deus um signal de que não era o diabo que lhe havia fallado.

— E veio o signal, heim! — disse frei Antonio da Redempção.

— Claro está que veio. O signal foi uma cruz de cera com letras mysteriosas, que o bemaventurado lavrador achou á noite debaixo do travesseiro.

— Bem se vê que a tal ave não era o diabo.

— Uma cruz nunca foi signal de coisas más — acudiu sentenciosamente o juiz do povo.

— E a prophesia cumpriu-se, como todos vimos.

— É essa a visão de Bartholameu Pincho, de que vossa mercê nos queria fallar? — perguntou o incredulo, que no começo interrompera a narração do padre José da Fonseca — Uma coisa que já lá vai ha tanto anno!

— Verdade é que o primeiro milagre... milagre se póde chamar tão estranho prodigio, ha muito anno que succedeu — a:alhou o capellão de sua alteza, a quem as observações do incredulo não faziam perder o sangue frio. — Mas a ultima...

— Pois esse bemaventurado lavrador foi segunda vez visitado pela ave prophetica? — perguntou Antonio de Belem.

— Haverá um mez, se tanto, que Bartholameu Pincho, andando a lavrar, viu outra vez a ave branca pousada no cimo de uma lorangeira.

— Fallou-lhe? Prophetisou algum successo extraordinario para breve?

— « Portugal terá rei novo — disse a ave branca com voz suavissima — olha para o sol e vê. » Então Bartholameu ergueu os olhos e viu no sol o vulto immenso de um rei, coberto com um arnez de ferro brunido e luzente, que despedia faiscas de tão viva luz, que os olhos mal a podiam supportar. « De longe, de encoberta ilha ha de vir o novo rei em frota immensa, escondido por denso e serrado nevoeiro — proseguiu a mysteriosa voz. — Do cabo de S. Vicente, onde ha de desembarcar, a Lisboa, o seu transito deixará na terra indelevel rasto de sangue, e de sangue serão inundadas as ruas da futura capital do mundo. As terras da Africa serão conquistadas pela espada do novo rei; e em Jerusalem lhe será confiada a coroa do imperio christão. »

— É mais uma prophecia que nos promete a chegada d'el-rei D. Sebastião — exclamou Diogo Cutilada.
— Não tarda o dia em que:

Começará a ventura
Do Imperio mais lusido,
Deste Infante esclarecido
Que promete a escritura.

— Ainda nenhum de vós ouviu fallar de um livro escripto pelo celebre padre Vieira, intitulado o *Quinto Imperio*? — perguntou o capellão de sua alteza.

— Ouvi eu.

— E eu.

— Por causa d'esse livro do *Quinto Imperio* foi o padre Vieira chamado em Coimbra ao tribunal do santo-officio — disse o juiz do povo. — E, dizem, será condemnado a rigorosas penas por não querer desistir, nem retractar nenhuma das proposições que escreveu.

— Eu li o livro por uma copia que me mandou um amigo meu de Coimbra — accrescentou frei Antonio da Redempção — e posso affirmar, agora aqui que ninguém nos ouve, que o livro é bom de lei. Todo fundado em prophcias de santos e nas trovas do Bandarra...

— Então, se vossa reverendissima tem o livro, ha de estar lembrado do modo por que aquelle grande pré-gador interpreta as prophcias — disse o padre José da Fonseca. — Não é el-rei D. Sebastião que ha de voltar d'Africa para ser imperador. Ao senhor D. João IV é que pertence a coroa, como o prova o padre Vieira.

— Mas o senhor D. João IV já morreu! — atalhou o incredulo, rindo á socapa.

— Deus fará o milagre de o resuscitar. É o que se conclue das proprias palavras do Bandarra.

— Grande milagre será esse.

— Maiores os tem feito Deus. E a promessa de Christo, quando appareceu a D. Affonso Henriques, nenhuma duvida nos deixa de que o mundo está para ver um grande prodigio. D. João IV resuscitará um dia para dar principio ao imperio temporal de Christo.

— Amen! — accrescentou frei Antonio.

— Tenhamos fé nas promessas divinas; mas não consintamos que por mais tempo o crime e o peccado

se assentem ao pé do throno! — exclamou o padre — O valido causará a perdição do reino; e fará talvez com que Deus, em vez de nos fazer o primeiro, nos condemne a ser o ultimo povo da terra.

— Jesus, Maria! Que mau agoiro esse! — bradou Antonio de Belem.

— Quem nos ha de livrar de tão grande perigo? — perguntou o estalajadeiro.

— Nossa Senhora da Guia nos encaminhe bem — disse um.

— Quem nos poderá valer! — bradou outro.

— Soceguem — atalhou o padre José, que vira com alegria o vago e supersticioso terror causado pelas suas hypocritas palavras. — Não percam ainda a esperança. Deu-nos Deus um principe virtuoso, illustre nas sciencias, zeloso da religião e do bem da patria, de agudo engenho e prudente juizo, um principe emfim perfeito para nos livrar dos castigos que nós, por nossos peccados, merecíamos. O senhor infante é o anjo tutelar de Portugal...

— Viva o senhor infante! — bradou o juiz do povo.

— Viva! — responderam todos pondo-se de pé.

Então troou pela sala o estampido de muitas vozes que bradavam, a qual mais forte, vivas e louvores ao infante D. Pedro. D'este frenetico enthusiasmo foram em parte causa os astuciosos discursos do padre José; mas, é força confessal-o, ao vinho do mestre Pedro se podia attribuir o que n'elle havia de mais exaltado.

O cangirão monstruoso que o estalajadeiro por tres

vezes enchera de espumoso vinho do Lavradio durante a ceia, foi n'um instante despejado pelos sedentos amigos do juiz do povo: e o espherico mestre Pedro recebeu quarta vez ordem de ir á adega buscar um almude de fervor patriotico para a assemblea.

— Não é tempo ainda de travarmos lucta com os inimigos do reino — disse alevantando a voz o capellão de sua alteza. — El-rei, mal aconselhado, cercado de cortezãos desleaes, não quer afastar de si esses validos, que lhe estão deshonrando a coroa e deslustrando a gloria do seu reinado. Esperemos. Quando fôr tempo, Antonio de Belem, nosso honrado juiz do povo, em quem todos temos confiança, que todos apreciamos e nos honramos em ter por amigo, e que sua alteza o senhor infante honra com a sua confiança, vos dirá o que deveis fazer. Vamos a beber á saude do honrado defensor do povo. Viva Antonio de Belem!

Com o braço esquerdo o padre abraçava o juiz do povo, com o direito levantava o copo acima da cabeça, bradando: — Viva Antonio de Belem!

E todos, em altas vozes, respondiam: — Viva Antonio de Belem! Viva o honrado juiz do povo!

N'este momento o estalajadeiro entrou na sala carregado com um immenso cangirão a trasbordar de vinho, o que fez recrescer a alegria, os brados, as gargalhadas e o entusiasmo dos dignos representantes dos officios da cidade.

Logo que poz no centro da mesa o cangirão, não sem difficuldade, porque todos o queriam ajudar e pou-

cos conservavam ainda nos movimentos a diligencia e firmeza necessarias para tão difficil empreza, mestre Pedro chegou-se ao juiz do povo, e batendo-lhe no hombro, disse-lhe ao ouvido :

— Esperam-no lá dentro.

— Já ? — perguntou Antonio de Belem.

— Já, sim. Vá de pressa, não os faça esperar — disse o padre José da Fonseca, que ouvira as palavras do estalajadeiro.

— Vou, vou sem demora — murmurou Antonio de Belem, lançando olhos saudosos ao cangirão.

E passando desapercibido por detraz dos seus convidados, que aparavam nos copos o vinho que corria a jorros da vasilha monstruosa, o juiz do povo sahio da sala precedido de mestre Pedro.

CAPITULO XXVI.

SUA PATERNIDADE.

A casa que do becco dos Seguros fazia esquina para o largo da Sé, era uma d'essas casas estreitas e elevadas como torres, com janellas do feitio de gaiolas, fechadas por apertadas gelosias, paredes derrocadas e gibosas, frontaria terminada em angulo agudo, formado pela união dos dois planos do telhado, de que ainda se encontram alguns exemplares nos antigos bairros de Lisboa. Esta casa, logo acima da estreita porta que lhe servia de entrada, alargava consideravelmente, porque, apoiada em grossas traves dispostas á maneira dos modilhões em cornija corinthia, a parede sahia tres ou quatro palmos fóra da linha dos alicerces, roubando assim ao triste becco dos Seguros a maior parte dos poucos raios de sol, que a sua situação e extrema estreiteza lhe consentiam que pudesse gosar.

Na noite em que tinham logar os acontecimentos, cuja narrativa fez objecto do precedente capitulo, esta casa estava triste, obscura e silenciosa como todas as outras casas do largo da Sé; e apenas um tenue clarão, sahindo a custo pelas adufas mal cerradas das janellas do primeiro andar, indicava que alli alguém velava ainda, apesar de no relógio da cathedral terem dado, havia muito, nove horas. Á boca da noite a porta abria-se nove vezes, e de cada vez um homem totalmente escondido nas pregas de ampla capa desapparecera na obscuridade da estreita escada, depois de haver fechado a porta cautelosamente.

Mestre Pedro, o dono da estalagem do Alemtejo, alugara havia mezes aquella velha casa para n'ella estabelecer sala de jogo: e todas as noites vinte ou trinta fidalgos, trazendo comsigo para victimas dois ou tres mercadores ricos da rua Nova, tomavam posse da sala do primeiro andar, e permaneciam alli, em roda de uma grande mesa coberta de oiro e de cartas de jogar, até o clarão da madrugada fazer desmaiar a luz avermelhada dos candieiros. Então cada um dos jogadores se embuçava na capa, enterrava o chapeo até aos olhos e abalava. Havia porém, á sahida da espelunca de mestre Pedro, uma notavel differença entre os individuos pertencentes a duas classes diversas, e n'aquelle tempo quasi inimigas, que haviam passado a noite em roda da mesma mesa, a combater na mesma arena. Os fidalgos sahiam rindo, os mercadores chorando.

Mestre Pedro, amigo sincero da ordem, porque re-

ceava que alguma briga desastrosa chamasse sobre o seu novo estabelecimento a attenção da justiça d'el-rei, estabelecera como regra invariavel que, quando uma sociedade de fidalgos se achasse de posse da sua sala de jogo, nenhum estranho n'ella podesse ter entrada sem expresso consentimento de quem por toda a noite tomava posse da casa. Por isso, quando algum fidalgo encontrava pela cidade um mercador rico atacado da terrivel mania do jogo, e resolvia, ajudado pelos seus amigos, dar-lhe cabo da fortuna, mandava pela manhan alugar a sala a mestre Pedro; e assim ficava certo, se outro aviso não havia precedido o seu, de encontrar á noite uma mesa espaçosa, tres candieiros luzentes como oiro e accesos por tres bicos, dois baralhos de cartas, uma collecção de dados, e a mais completa solidão.

Na manhan do dia em que o juiz do povo de Lisboa convidara a cear, a pedido do capellão do infante, alguns dos seus collegas da casa dos Vinte e Quatro, um lacaios com a libré da casa de Marialva viera, da parte de D. Rodrigo de Menezes, alugar a sala de jogo. O nome do velho fidalgo algum espanto havia causado ao estalajadeiro; como, porém, o lacaios trazia boa porção de cruzados e lhe recommendava o mais inviolavel segredo, e, além d'isto, elle sabia que D. Rodrigo era o conselheiro intimo de sua alteza, o bom do mestre Pedro resolveu impor silencio á sua atrevida curiosidade e obedecer pontualmente ás ordens do valído do infante. Ás Ave-Marias mandou pôr de guarda á porta, que dava para o largo da Sé, sua mãe velha de mais de se-

tenta annos, coxa, quasi cega e com a lingua tolhida por uma paralysis, mas cujo ouvido conservava ainda bastante sensibilidade para perceber as ligeiras pancadas na porta, onde os jogadores annunciavam a sua chegada. O estalajadeiro confiara a sua mãe tão importante logar, porque sabia quão preciosos eram estes dotes, raros na mulher, indispensaveis n'um porteiro de casa onde se joga ou se conspira, com que a velhice e a doença a haviam mimoseado.

Como dissemos, á boca da noite, nove vezes a velha abriu a porta, e de cada vez um homem de capa entrou cautelosamente na casa de mestre Pedro. De uma das vezes, porém, quando a porta estava ainda meio aberta depois da entrada de D. Rodrigo de Menezes, um vulto informe, ligeiro e veloz como uma sombra, sahiu do becco dos Seguros e desapareceu na obscuridade da escada, passando entre a parede e a velha porteira. Como a velha era quasi cega, e D. Rodrigo estava de costas viradas para a rua e ia já subindo a escada, nem um nem outro deram pelo mysterioso vulto.

Nove eram pois as pessoas que, pela volta das nove horas, estavam sentadas em roda de uma vasta mesa de jogo, no novo estabelecimento de mestre Pedro: D. Rodrigo de Menezes, os quatro condes que sua alteza escolhera para seus gentis-homens, os condes da Eriçeira e Villa-Flor, o bispo do Porto, e Gil Vaz Lobo, mestre de campo-general e tambem parcial ardente de D. Pedro. Apesar de cada um d'estes fidalgos ter na

mão uma carta, e de pela mesa estarem espalhadas algumas moedas de oiro, claramente se via que o *lansquenet*, jogo de parar então muito em voga não obstante a sua origem plebéa, os não interessava; de modo que mais pareciam buscar no jogo uma maneira de matar tempo, do que uma distracção para o espirito, ou um incitamento para as paixões.

Quando deram nove horas no relógio da Sé, D. Rodrigo levantou-se da mesa, e dando alguns passos pela casa:

— Já me vai tardando sua paternidade! — disse — Vem de longe, e talvez algum impedimento, alguma causa inesperada o haja detido no caminho.

— Mas quem é? D'onde vem sua paternidade, como vossa senhoria lhe chama? — perguntou o conde de Villa-Flor.

— Quem é? — repetiram mais dois ou tres fidalgos.

— Vêl-o-hão, se elle vier. É, como já tive a honra de lhes dizer, um bom conselheiro, um bom politico, um amigo sincero de sua alteza.

— E o outro auxiliar, que nos prometteu, senhor D. Rodrigo, tambem faltará? — ajuntou o conde da Ericeira.

— Não; esse não falta de certo. D'aqui o estamos nós ouvindo fallar com os seus amigos.

— Esse, tambem se não póde saber quem é?

— Póde. É o juiz do povo.

— É pelo senhor infante, o juiz do povo! — exclamaram com admiração os fidalgos.

— Ainda se não decidiu de todo: mas não tardará. Está em muito boas mãos.

— Como!

— Agora mesmo está elle a cear alli, na sala da estalagem, com o padre José da Fonseca á direita, e um tal frei Antonio da Redempção, grande inimigo tambem do Castello-Melhor, á esquerda.

— E tres homens só fazem tão grande bulha? — observou o conde da Torre.

— Não são tres, são dezoito ou vinte.

— Que casta de gente?...

— Da casa dos Vinte e Quatro, dos officios. Homens de importancia todos, como vê — disse, rindo, o estribeiro-mór do infante.

— E nós havemos de fallar com o juiz do povo, com essa gente dos officios? — perguntou, endireitando a volta branca, que lhe cingia o pescoço, o orgulhoso conde da Torre.

— Não ha remedio. É preciso fallarmos a Antonio de Belem com affabilidade; catechisal-o, pol-o de todo pela nossa parte. Desde a feliz restauração de Portugal, a amizade do juiz do povo, como sabem, não é para desprezar.

— Eu hei de fazer o que puder — atalhou o conde.

— Faremos todos o que necessario fôr para bem da patria — concluiu D. Rodrigo.

Aqui, a conversação dos fidalgos foi interrompida pelo ranger de uma porta que se abria; era a que dava para a estalagem do Alemtejo. A esta porta appareceu

o roliço mestre Pedro, e atraz d'elle a elevada e magestosa figura do desconhecido, que tanta curiosidade fizera aos amigos do juiz do povo quando, poucos minutos antes, havia atravessado a sala grande da estalagem.

— Que quer aqui, mestre Pedro? — perguntou ao estalajadeiro, que parecia esperar que o interrogassem, o estribeiro-mór do infante.

— Está aqui um fidalgo, que procura a vossa senhoria, e que me disse... que lhe podia abrir todas as portas — respondeu com hesitação mestre Pedro.

— E quem é esse fidalgo? — perguntaram algumas vozes.

Aquelle, ácerca de quem se fazia esta inquirição a mestre Pedro, tendo lançado os olhos em roda de si, e, provavelmente, reconhecido que alli se achavam reunidas as pessoas que procurava, entrou lentamente na sala; e levando a mão ao chapeo sem comtudo se descobrir inteiramente, disse, com a mesma voz sonora e cheia com que tinha saudado os commensaes de Antonio de Belem:

— *Pax Christi.*

— Vossa paternidade! — exclamou, correndo para elle com os braços abertos, D. Rodrigo de Menezes.

— O padre... — murmuraram alguns fidalgos.

Impondo silencio com um gesto, o Menezes ordenou ao estalajadeiro que se retirasse; ao que este immediatamente obedeceu, fechando cuidadosamente a porta.

Foi então que o recém-chegado tirou o chapeo e a capa, saudando de novo com um gesto os fidalgos, que, para o receber, se haviam posto de pé. Sua paternidade mostrava ter não menos de sessenta annos, a sua estatura era muito acima do mediano. O rosto comprido, mas proporcionado, causava respeito e admiração a quantos o viam, porque, ao mesmo tempo que magestoso, era esclarecido pela luz intima e resplandecente do talento e do saber. Na larga testa, sulcada de rugas, no sobre-olho ainda negro e espesso, sobre tudo nos olhos vivos e scintillantes tinha elle tal poder, tal grandeza, tal força, que poucos ousariam resistir a uma ordem sua, poucos se atreveriam a não lhe seguir os conselhos. Esta nobre e grandiosa physionomia, era, por assim dizer, allumiada por um resplendor de cans alvissimas, que, sahindo de um pequeno barrete de seda negro, lhe cingiam a vasta cabeça. O sorriso, entre melancolico e amargo, singelo e ironico, que se lhe deslisava nos beiços pallidos em parte escondidos por um bigode cortado á maneira dos indios, isto é, direito na parte que acompanhava o beiço superior, ondulante e alongado até á barba a partir dos cantos da boca, completava o character, elevado e grandioso sim, mas dubio e incerto, que á primeira vista se notava no rosto de sua paternidade.

— Já quasi que não esperava a vossa paternidade — disse D. Rodrigo. — É tarde: mais de nove horas. E como vossa paternidade me mandou dizer que contava chegar ainda com dia, por isso me ia tardando

vel-o aqui para fallar-lhe e apresental-o a estes amigos....

— Que já o são meus, ha muito — atalhou sua paternidade, saudando os fidalgos; e sentando-se. — Ah! Estou cansado da jornada, que não foi pequena. Estou velho; e a minha fraqueza não póde com os trabalhos de uma jornada difficil e perigosa, depois do que tenho padecido com os rigores d'aquelle carcere de Coimbra. Demorei-me algumas horas mais do que tinha determinado; mas não foi culpa minha, foi vontade de Deus, que sempre faz as coisas pelo melhor!

— Então que lhe aconteceu?

— Como vossa senhoria sabe, como sabem estes senhores todos, ha mais de um anno que estou em custodia no santo-officio, por haver escripto proposições, que eu, se a misericordia divina de todo me não abandonou, julgo puras e verdadeiras. E, se não foram secretas instrucções de quem póde mais do que o sagrado tribunal, ser-me-ia impossivel mesmo o ter vindo agora aos pés de vossa senhoria, como eu desejava tanto e ha tanto tempo, pelo julgar assim necessario ao serviço de Deus. Sali como pude, occultamente, para que o não saibam validos e ministros, do meu carcere de Coimbra. Larguei a minha roupeta de panno grosseiro, mais pardo que preto, o meu trabalho contínuo, o meu rosario, os meus livros da Madre Santa Thereza, aquella solidão onde tudo fazia com Deus, por Deus, e para Deus; e parti de Coimbra. Mas uma triste nova me deteve algumas horas na estrada...

— Que nova foi? Que disseram a vossa paternidade? — perguntou D. Rodrigo.

— Soube, que ia caminho de Coimbra, para me matar, se eu soubesse da inquisição, um dos *valentes* d'elrei, um fulano Caminha...

— Como o soube? como lhe escapou? — acudiram alguns fidalgos.

— *Super inimicos meos prudentem me fecisti, Domine!* — exclamou sua paternidade, levantando as mãos ao ceo — Tive aviso do padre Nuno da Cunha. Deixei-os passar; e depois prosegui na minha jornada para Lisboa. Não que a mim se me dêsse, a minha Senhora do Rozario bem o sabe! morrer alli ás mãos d'aquelle peccador: que em toda a parte ha terra para o corpo, e Deus para a alma: senão porque desejo reviver com a resurreição geral do genero humano, que tenho por certo ha de ser muito cedo.

— Para nós todos, e para o reino — disse D. Rodrigo — é a vida de vossa paternidade necessaria.

— É espantosa a crueldade com que o valido persegue os homens afeiçoados a sua alteza! — bradou o conde da Ericeira.

— Tenho dito e repetido mais de mil vezes: aqui não ha senão acabar de uma vez com o Castello-Melhor e todos os seus! — accrescentou o conde da Torre.

— Tenhamos paciencia e esperanza em Deus, que nos não ha de abandonar — disse o bispo do Porto.

— Tenhamos paciencia para as tribulações e fé na palavra divina — disse sua paternidade com a voz sem-

pre solemne e sonora. — Dia virá em que a voz dos prédadores será escutada por toda a terra, e todas as nações se converterão á nossa santa fé. Então será consummado o matrimonio de Christo com a egreja universal, e esta terá um só corpo e um só espirito, uma só fé e uma só caridade.

— *Amen!* — responderam muitas vozes.

— Ver-se-ha então — proseguiu sua paternidade levantando a voz, como se estivesse prédando — o mundo todo, dissipadas as trevas da heresia, entrar na communhão dos fieis. Como ao cego da cidade de Bethsaida, Christo porá a mão nos olhos dos que vivem na escuridão, e elles começarão a ver: *Iterum imposuit manus super oculos ejus, et cæpit videre*. Cumprir-se-hão as prophcias. O novo imperio levantar-se-ha poderoso e grande sobre as ruinas dos imperios antigos. Um imperador e um papa governarão o mundo; convertido pelas missões dos filhos do glorioso Patriarcha S. Ignacio, que são o braço direito da egreja: *Vos estis*, disse Clemente VIII, *brachium dextrum Ecclesiæ Dei*.

— Ainda vem longe esse dia de gloria para Portugal; de triumpho para a religião! — disse o bispo do Porto.

— *Qui perseveravit usque in finem, hic salvus est* — atalhou sua paternidade. — Tenhamos perseverança até ao cabo, se quizermos alcançar a salvação. Estamos, verdade é, em tempo de grandes tormentas; mas eu, que estou muito costumado a navegar, que tenho tantos annos de marinheiro, bem sei que nunca falta

S. Pedro Gonçalves a quem a elle se encommenda e se fia nos seus poderes.

Esta allusão ao infante, de que sua paternidade se servira com o fim de fixar a attenção dos fidalgos sobre o assumpto para que se haviam reunido áquellas horas na sala de jogo de mestre Pedro, produziu o effeito que o jesuita desejava.

— Muito devemos nós esperar de S. Pedro Gonçalves, como diz vossa paternidade — acudiu o conde de Villa-Flor — porque é santo capaz de grandes milagres. Mas tão longe o trazem da côrte do ceo... Falle-mos claro; sua alteza está tão afastado de seu irmão, tem-no indisposto os validos por tal modo com sua magestade, que difficil lhe será pôr termo a esta situação indecorosa para todos nós, perigosa para a santa fé, em que actualmente se acha Portugal.

— Difficil é, impossivel não; porque nada é impossivel á vontade de Deus — atalhou sua paternidade. — No estudo das prophecias, a cada passo se me vão descobrindo maiores e mais seguros fundamentos para esperanças e felicidades; e basta que em nós, instrumentos da providencia, haja humildade e mais humildade, confiança e mais cónfiança em Deus, e um profundo e verdadeiro conhecimento, que da sua mão vem e ha de vir tudo, para que cedo chegue esse imperio de Christo no mundo, de que Izaías disse: *In eum gentes sperabunt*.

— Para que se cumpram as prophecias basta só a vontade de Deus, bem o sei — disse o conde da Eri-

ceira. — Mas quizera ver já os primeiros indícios da felicidade futura apparecerem no horisonte; e por ora tudo são trevas.

— As obras da justiça divina assentam sobre merecimento, e ainda as da Providencia esperam cooperação — respondeu o jesuita. — Mas não ha de que perder a esperança, onde os signaes da misericordia são tão evidentes. Pelas cartas de que o senhor D. Rodrigo de Menezes me fez mercê, tenho sabido noticias do estado das coisas na côrte. Com tantos annos de rustico, como tenho já, mal posso dar um parecer acertado sobre o que n'estas circumstancias convem fazer; mas o que eu posso é ajudar com as fracas forças, que as enfermidades, os annos e os trabalhos me deixaram ainda, esses que mais podem e mais valem do que eu.

— É de vossa paternidade que fiamos tudo — disse D. Rodrigo de Menezes. — Todos em Portugal sabem apreciar o muito que valem os sabios conselhos de vossa paternidade. A situação em que sua alteza actualmente se acha é difficil e perigosa; o valído consentiu, quero dizer, aconselhou a el-rei que dêsse gentis-homens ao senhor infante; porém as intrigas com que busca afastal-o de seu augusto irmão, recrescem de dia para dia; de modo que sua alteza agora só por occasião de funções publicas vai ao paço, não porque receie o perigo, mas porque quer d'este modo provar o seu respeito pela magestade.

— Para derrubar inimigos poderosos, cuja existencia é contraria ao bem da fé e á grandeza do reino

— disse sua paternidade — é preciso ter grande poder e grande ousadia. Faça-se sua alteza amar, e terá poder para tudo.

— Muitos fidalgos, desgostosos de ver o que se passa na côrte, e attrahidos pela grande alma de sua alteza, tem vindo ao Côrte-Real offerecer o conselho e a espada — atalhou D. Rodrigo.

— Não é tempo ainda para a espada, como por vezes tenho escripto a vossa senhoria — respondeu o jesuita — para o conselho sim.

— E que aconselha vossa paternidade que se faça n'esta occasião?

— Sua alteza deve, sem mais hesitação, deixar a côrte e partir para o exercito do Alemtejo. O senhor infante, quando era ainda de pouca idade, foi nomeado pela rainha, que Deus haja, capitão general; não é muito que hoje peça a sua magestade licença para ir ao exercito tomar parte na defeza do reino. No exercito pôde sua alteza accrescentar muito o seu poder; em levando quantidade de dobrões que distribua aos soldados e aos trabalhadores; em conhecendo, fallando e chamando pelos seus nomes, não só aos grandes e medianos, senão ainda aos mais pequenos. D'esta maneira se conquistam e confirmam os corações de vassallos; e a maior empreza é facil a quem tem o dominio dos corações.

— Corações comprados não tem valor — acudiu o conde da Torre.

— A polvora, a bala e os canhões são comprados,

senhor conde, e bem se vê o impeto com que servem e os estragos que fazem no inimigo.

— Para comprar é preciso ter dinheiro — disse D. Rodrigo de Menezes — e sua alteza...

— Não o tem?

— Vossa paternidade bem sabe o estado em que está a casa do senhor infante.

— O ducado de Beja e a casa confiscada ao marquez de Villa Real e ao duque de Caminha, de que sua alteza está de posse, dão renda sufficiente para o senhor infante poder passar ao exercito como general.

— Não dão nem renda sufficiente para o senhor infante viver na côrte com o luzimento devido á sua elevada posição.

— E as suas commendas de Christo?

— Pouco rendem ou nada.

— E as saboarias do Porto, de Traz-os-Montes, e d'Entre Douro e Minho, de que o senhor D. João IV fez tambem doação a sua alteza? — perguntou o bispo do Porto.

— Estão empenhadas.

— E os dois mil quintaes de pau Brazil, de que ellei lhe fez mercê?

— Ainda não chegaram.

— Quando a Bahia estava em risco de cair totalmente nas mãos dos hollandezes — acudiu sua paternidade — mandou-me o senhor D. João IV, que Deus tenha em gloria, chamar a Carcavellos, onde eu estava convalescente; quando cheguei a Alcantara soube da

boca de sua magestade o que era passado no Brazil, e que o conselho d'estado fôra chamado para dar o seu parecer sobre aquelle negocio. Esperei até á noite pela resolução do conselho, e disse-me então sua magestade que todos os conselheiros tinham representado a importancia de ser soccorrida a Bahia, para o que eram necessarios perto de trezentos mil cruzados que não havia, nem occorria meio algum de poder haver. Então, indignadô, respondi a el-rei: Basta, senhor, que a um rei de Portugal hão de dizer seus ministros, que não ha meio de haver trezentos mil cruzados com que acudir ao Brazil, que é tudo o que hoje temos! Ora eu, com esta roupeta remendada, espero em Deus que hoje hei de dar a vossa magestade toda essa quantia. Prometti, e cumpri, porque Deus me ajudava. Hoje tambem, se para serviço da fé e bem de Portugal forem mister outros trezentos mil cruzados, mostrarei que esta roupeta vale ainda tanto quanto então valia; e que ainda ha mercadores tão ricos e tão virtuosos como Duarte da Silva, que contem a sua alteza todo o dinheiro de que possa precisar.

— E uma vez no exercito, uma vez senhor dos corações dos soldados...

— Sua alteza arrancará das mãos do Castello-Melhor o poder que não é d'elle, que lhe não pertence. E quem sabe se o senhor infante é esse descendente de Fernando Catholico, esse successor de Affonso Henriques, a quem as chagas de Christo foram dadas por armas, para com ellas destruir o turco e vingar as inju-

rias da egreja, e desfazer todas as heresias, e receber emfim a investidura da mão do pontifice para ir depois á conquista da Terra Santa! Grandes são os decretos da Providencia, e grandes os mysterios que se contém nas prophcias!

A estas palavras seguiu-se um profundo silencio. Todos os olhos estavam fixados em sua paternidade, que, de pé, com a cabeça inclinada para traz, os olhos fulgurantes erguidos ao ceo, a boca semi-aberta, a larga testa cortada por duas rugas profundas, o braço estendido, parecia um dos prophetas antigos annunciando a destruição de um imperio ou a futura redempção da humanidade. Ninguém ousou romper o silencio; porque todos aquelles fidalgos, muitos dos quaes haviam combatido heroicamente nas guerras contra os castelhanos, se sentiam subjugados pela voz e pelo gesto do jesuita. Nenhum se julgava com direito de fallar, quando sua paternidade, calado e com a mão estendida imperiosamente, parecia querer-lhes impor silencio.

— Eia, senhores! — bradou minutos depois esse homem, a quem todos escutavam como se fôra um oraculo — É chegado o tempo de sua alteza se despedir do ocio, dos livros, das meditações solitarias, e de ensinar aos portuguezes e ao mundo o que em tão curtos annos tem aprendido. Armas, guerras e victorias, pôr bandeiras inimigas e coroas aos pés, são de hoje em diante as obrigações de sua alteza, e as de todos nós.

Um murmurio de admiração e de entusiasmo correu por toda a assemblea; mas foi seguido logo de pro-

fundo silencio. As palavras do jesuita haviam rasgado, como por milagre, um canto do véo que lhes encobria o futuro; e todos, perplexos e assustados, meditavam e estremeciam.

Pouco a pouco o fogo da inspiração foi-se apagando nos olhos de sua paternidade. Os musculos distenderam-se, as rugas da testa desdobraram-se, o braço cahiu inerte. Aquelle velho, minutos antes bello, grande, sublime, tomou quasi subitamente um ar tão humilde; o corpo curvou-se-lhe tão quebrado e sem força; a cabeça cahiu-lhe tão sem alento; os olhos baixaram-se-lhe para o chão com tal tristeza, que, quem pela primeira vez o visse n'aquelle instante, julgaria ter diante de si o infimo dos filiados na companhia de Jesus, a quem a obediencia passiva houvesse apagado a luz da razão e o vigor da vontade propria.

Traçando a capa, pondo na cabeça o chapeo de plumas negras, sua paternidade saudou respeitosamente os fidalgos.

— Vou-me direito ao collegio de S. Antão — disse elle quasi em voz baixa — onde me espera o padre provincial para fallarmos de objectos relativos ás missões do Maranhão, que muito interessam o serviço da fé. E lá ficarei até que a vontade de Deus me leve para outra parte.

E saudando segunda vez os conspiradores, sahiu pela porta que dava para o largo da Sé.

Meia hora depois entrava na sala, e era recebido, afagado, cumprimentado, louvado e lisonjeado por

D. Rodrigo de Menezes e pelos outros fidalgos, o correeiro Antonio de Belem, juiz do povo da cidade de Lisboa.

As affabilidades e lisonjas dos fidalgos pozeram termo ás irresoluções do juiz do povo. D'esta noite em diante Antonio de Belem teve parte em todas as conspirações que se tramaram a favor do infante D. Pedro.

CAPITULO XXVII.

NOVO ROLDÃO.

Côrte-Real, como dissemos n'um dos primeiros capitulos d'esta historia, era um edificio composto de um corpo principal de fórma quadrangular, com um grande páteo no centro, e de dois extensos lanços, coroados de eirados com balaustrada, que se estendiam até ao mar. No andar inferior de um d'estes lanços havia uma extensa galeria, de cujas paredes pendiam armas de fórmas variadas, mas de que ainda se fazia uso no seculo XVII, outras que só como ornamento ou objecto de curiosidade mereciam logar n'uma sala de armas.

Era n'esta galeria que o infante D. Pedro passava ordinariamente as tardes, conversando com os criados e officiaes da sua casa das coisas da côrte, de guerras e combates, e sobretudo de forças e valentias para que sempre mostrara grande inclinação. Havia apenas um

anno que sua alteza tomara o costume de ir de tarde para aquella galeria, d'onde podia gozar o, para elle, apreciavel espectaculo de um cavallo bravo luctando com a força e a arte do picador, de ferozes cães de fila rasgando-se uns aos outros em lucta encarniçada, ou mesmo de combates corpo a corpo entre os mulatos das cavallariças, não menos ferozes do que os cães de fila. D'antes o infante descia ao picadeiro e tomava parte tambem n'aquelles divertimentos grosseiros e brutaes pouco dignos de um principe, mas a que os dois filhos de D. João IV se entregavam apaixonadamente. Os conselhos, porém, do severo e astucioso D. Rodrigo de Menezes haviam-no convencido, de que lhe era conveniente não imitar os desvarios d'el-rei, mostrar-se socegado e grave, para augmentar o seu poder e trazer pela sympathia maior numero de fidalgos ao seu partido. Esta fôra a causa por que sua alteza modificara os seus habitos, se abstinera de toda a communicação immediata com os moços das cavallariças, se cercara de criados nobres, e escolhera para casa de recreio a galeria das armas, cuja situação era a mais conveniente para elle poder gozar do espectaculo de exercicios de força, em que resolvera não tomar parte, mas por que conservava extraordinario gosto.

É n'esta galeria que vamos agora encontrar sua alteza, encostado a uma das janellas que deitavam para o Tejo, com os olhos voltados para o horisonte onde o sol estava a ponto de se esconder nas aguas do oceano. Ao lado de sua alteza, de pé, familiarmente encostado

á janella, estava o conde da Torre: dentro da sala, a pouca distancia conversavam em voz baixa alguns criados.

Depois de um instante de silencio o infante murmurou voltando-se para o conde:

— Já vai tardando!

— Talvez o maldito do valído o mandasse assassinar tambem — bradou o conde da Torre.

— Que dizes, conde? Não póde ser. Deus nos livre de tal. O meu pobre Rodrigo!

— Nenhum de nós lhe escapará talvez! Como o Castello-Melhor manda em tudo e tudo governa, quem sabe se d'aqui a dois dias estará vivo ainda um só dos servidores de vossa alteza! O conde de S. João lá vai já caminho de Traz-os-Montes, apesar de estarmos no coração do inverno; eu já tive ordem de ir fazer gente para o exercito do Alemtejo. E sabe Deus se ambos acabaremos as nossas diligencias, sem encontrarmos o punhal de algum dos valentes d'el-rei?

— Não ousarão tanto!

— Não vê vossa alteza, que a tudo se atrevem esses ministros insolentes! — exclamou o conde, batendo com o punho no parapeito da janella — Se até a negarem a vossa alteza o que de justiça lhe pertence, elles se atrevem! Veja como, consultando um a um os conselheiros de estado e aproveitando futeis pretextos, tem sabido impedir até agora vossa alteza de tomar posse do logar de capitão general, que por tantos motivos lhe pertence!

— Mas ao meu estribeiro-mór, não se me atrevem elles! De dia, nas ruas da cidade... É um susto sem fundamento — disse o infante n'um tom de voz mal seguro e enleado, que parecia desmentir o socego que as palavras affectavam, ou pelo menos provar que uma grave apprehensão lhe pesava no espirito. — D. Rodrigo foi a Santo Antão fallar com o padre Vieira. Logo, em elle voltando, saberemos a causa da sua demora.

— O privado não póde perdoar a D. Rodrigo de Menezes o não ter accettato o cargo de vice-rei da India, que lhe elle mandou offerecer, a fim de o afastar para longe de vossa alteza. Mas livre-se o Castello-Melhor, elle e todos os seus, que um dia eu os apanhe de baixo de mão! Hei de provar-lhes que o conde da Torre ainda é o mesmo que, na batalha do Canal, matou trinta hespanhoes e aprisionou cincoenta.

Um rapido e quasi imperceptivel sorriso encrespou o beijo superior do infante. Sua alteza dava grande apreço ás historias maravilhosas, que o general, *cujá fama se encerrava em patarata* como dizia o pasquim castelhano, inventava a cada passo para provar o seu valor, de que muita gente duvidava, e a sua força em que era difficil não acreditar ao ver as suas athleticas proporções. Apesar da tristeza, que manifestamente lhe pesava no espirito, sua alteza, pondo a mão no hombro do conde, disse:

— N'essa batalha foste um novo Sansão, conde.

— Não digo tanto, meu principe — respondeu este, endireitando-se magestosamente. — Não fui um novo

Sansão; mas fiz o que acabo de dizer a vossa alteza. Trinta hespanhoes sentiram o pêsso da minha espada: cincoenta estiveram pendurados na minha mão direita.

— Como foi isso? — perguntou o infante, que tinha desejo de se distrahir, como todo o mancebo de dezoito annos a quem uma ideia triste incommóda.

— Eu conto a vossa alteza como foi. Imagine vossa alteza que isto é o valle por onde passa a estradita a que chamam o *canal* — disse o conde apontando com o bastão para o espaço que mediava entre a janella e algumas cadeiras situadas a pouca distancia. — Aqui o o parapeito, é o monte occupado pelo nosso exercito; e aquellas tres cadeiras, as tres collinas de que os castelhanos estavam senhores. Proximo á primeira collina da direita, a mais ingreme de todas e onde se estabelecera o proprio D. João d'Austria, é que estava formada em columnas a cavallaria inimiga. Foi por alli que a batalha começou. Cavallaria contra cavallaria....

— Que bello espectaculo!

— Vossa alteza não póde imaginar o que foi aquelle combate! Um mar escuro e revoltado de homens e cavallos, sulcado por milhares de relampagos, que as espadas, illuminadas pelos raios do sol, pareciam accender no ar! Mal se travou a peleja entre a nossa e a cavallaria inimiga, logo quatro terços de infantaria se pozeram em marcha para a primeira collina. O terço dos inglezes pela esquerda: os terços de Francisco da Silva e do Menezes pelo centro: e o de Tristão da Cu-

nha pela direita. A cavallaria hespanhola cahiu sobre os inglezes, mas foi recebida com um chuveiro de balas e deixou-lhes livre o passo. Do alto do monte as descargas de mosquetaria eram sem parar; mas os nossos subiram sempre, sem se descompor, sem darem um tiro...

— Morreram muitos?

— Alguns morreram, em quanto iam pela encosta. Mas apenas os terços, que occupavam o centro, chegaram ao pé do inimigo, deram uma descarga á queimadura. Os capitães tiraram as espadas, e os hespanhoes deram-lhes as costas e fugiram.

— Foi então que mataste os trinta hespanhoes?

— Não, meu principe, não foi n'esta occasião. Quasi ao mesmo tempo que a primeira collina, foi atacada a segunda; menos ingreme, é verdade, mas egualmente bem defendida. Fui eu que commandei os terços de infantaria e os esquadrões de cavallaria, que investiram este segundo baluarte do exercito inimigo. Na frente de todos, com a espada na mão, subi a encosta a cavallo; sem que me fizessem torcer ou desviar da linha recta, nem os tiros dos castelhanos, nem os barrancos do caminho. Cahi sobre os hespanhoes, e zás! Atravessei de banda a banda a primeira linha, como uma bala de canhão. Um, dois, tres, quatro, dez castelhanos cahiram logo alli mortos de um bote da minha espada. Eram gritos e gemidos por todos os lados; fugia tudo diante de mim, como se eu só valesse tanto como um exercito.

Estas ultimas palavras eram acompanhadas de gestos furibundos e de gritos discordes, como se o heroico general estivera realmente á barba com os terços de D. João d'Austria.

— Chegaram os terços — proseguiu elle com o mesmo enthusiasmo — e os inimigos, que eu já tinha posto em confusão com os golpes da minha espada, largaram as armas e deitaram a fugir pela encosta abaixo. Depois de ter dado cabo alli mesmo de uns trinta castelhanos, larguei o cavallo a galope para ver se apriionava alguns officiaes que iam fugindo. A poucos passos, porém, uma bala perdida quebrou-me a mão direita do cavallo, e cahi...

— Foi o que valeu aos hespanhoes, heim!

— Não lhes valeu de muito: porque eu, sem perder o animo, soltei-me dos estribos a que tinha ficado preso e corri a um muro alto que estava perto, por detrás do qual tinham de passar os que iam fugindo. Era quasi noite, assim por estas horas. Escondi-me atraz do muro e esperei.

— Uma emboscada perfeita.

— Tal e qual. Foi uma pescaria de hespanhoes, como vossa alteza vai ver. Passou um mestre de campo, e eu, sem dizer palavra, estendo o braço, e upa! O meu castelhano filado, içado por cima do muro, mão na boca para não gritar, espada fóra, e a caminho para o alto do monte, onde estavam os meus terços. Passa um capitão, e succede-lhe o mesmo. Um alferes o mesmo. Braço fóra do muro, hespanhol pescado.

— Brava maravilha essa! E esse exercicio violento durou em quanto foram passando inimigos?

— Houve um capitão allemão, que esteve a ponto de dar signal aos seus da minha emboscada.

— Como!

— Já tinha aprisionado trinta homens, quasi todos officiaes, quando, estendendo a mão, agarrei uma orelha. Segurei, mas senti grande pêso; acudi com a outra mão, e apanhei outra orelha; firmo os pés n'uma pedra e puxo. Estava quasi em cima do muro o meu prisioneiro, que era um allemão de uma obesidade enorme, quando sinto uma coisa fria tocar-me na mão direita, e a orelha separar-se do corpo...

— Quem fez essa separação cruenta!

— O maldito do allemão! Cortou elle a propria orelha com a espada para se livrar do perigo.

— Mas ficou seguro pela outra.

— Nada. A outra como não podia com o pezo, arrancou-se por si.

— Pobre tudesco! — exclamou o infante rindo.

— Tive receio que elle, com seus alaridos, avisasse do perigo aos hespanhoes que vinham atraz: porém, quando se me soltou das mãos, cahiu no chão com tal força, que quebrou ambas as pernas; e em vez de alaridos, só pôde dar gemidos e ais.

— Então continuaste a pescar castelhanos?

— Continuei a divertir-me, meu principe. Ai, que dia de prazer foi aquelle para mim! Quem me dera po-

der estender agora o braço d'esta janella, e agarrar um castelhano!

Ao fazer esta exclamação, o conde da Torre, exaltado pela narrativa das suas fabulosas façanhas, estendeu o braço e deitou a mão a um vulto que andava pela praia. N'um abrir e fechar de olhos, o desgraçado admirador das bellezas do Tejo sentiu-se levantar do chão, içar por cima do parapeito da janella, e cahir quasi de joelhos aos pés do infante D. Pedro.

A desditosa victima dos furores bellicosos do conde da Torre era um homem entre os vinte e cinco e trinta annos, baixo, magro, um pouco desproporcionado, e com o hombro direito mais descahido que o esquerdo. Uma pallidez permanente, mas que o terror havia augmentado n'aquella occasião, dava-lhe á pelle a cór esverdeada da azeitona. O rosto, que ornavam bigode, sobrelhas e pestanas negras como azeviche, e asombrosa ampla grenha de cabellos crespos e grossos, era de uma expressão dubia, entre astuciosa e adormecida, humilde e desconfiada, mansa e colerica, intelligente e insignificante. O chapeo acairellado que lhe cahiu da cabeça, e o bastão que se lhe desprende das mãos ao dar em terra depois da viagem aerea que o pulso do conde o obrigara a fazer, mostravam que elle era capitão de milicianos.

Espavorido ao ver-se cercado de vultos, que a tenue luz do crepusculo não deixava distinguir bem, em uma casa cujas paredes estavam cobertas de armas de todos os feitios, e em que fôra lançado de um modo tão

extraordinario como inopinado, o senhor Aniceto Muleta (assim se chamava o pobre miliciano) sem se erguer da postura humilde em que o haviam deixado, levou suas mãos á cabeça, e tapando os olhos, murmurou :

— Não me matem !

Uma estrondosa gargalhada rebentou de todos os lados. Ouvindo esta manifestação de alegria, quando esperava sentir o ferro de algum assassino cravar-se-lhe no coração, Aniceto Muleta cobrou animo, tirou as mãos dos olhos, poz-se lentamente de pé, afagou o bigode, mettendo na boca as pontas dos cabellos, apanhou o chapeo e o bastão, balançou-se ora n'um pé, ora n'outro, como fazem as garças ribeirinhas, e depois de um minuto de silencio arrancou do peito, n'uma voz cava, baixa, tremula, as seguintes palavras :

— Insultastes-me, senhores ! Ousastes pôr a mão n'um capitão ! Não se escarnece impunemente de um homem que tem uma espada á cinta.

Segunda gargalhada, mais estrondosa do que a primeira, veio interromper as ameaças do senhor Aniceto Muleta.

Exasperado, e sobretudo certo de que lhe não queriam fazer mal, rompeu em queixas violentas contra aquelles que suppunha terem proposito firme de o offender.

— Pendurar pelas abas da casaca um militar que tem entrado em cinco batalhas ! — dizia elle, levando a mão lentamente ao punho da espada — Isto não póde

ficar assim! Estou no Córte-Real, ir-me-hei queixar a sua alteza: e se me não fizer justiça, então... então... vou-me queixar a el-rei.

— E essa espada de que lhe serve, senhor Aniceto? — perguntou o conde da Torre, pondo a mão no hombro do miliciano.

A voz do conde, e o duro contacto d'aquella pesada mão, causaram um subito tremor no capitão Aniceto Muleta. O chapeo cahiu-lhe outra vez das mãos, as pernas dobraram-se-lhe como se fosse ajoelhar, e em voz quasi inintelligivel, murmurou:

— O senhor conde da Torre! Deus tenha misericordia de mim!

CAPITULO XXVIII.

O CAPITÃO ANICETO MULETA.

— Ainda se lembra de mim, senhor Inceto Malei-tas? — perguntou o conde da Torre, rindo.

— Aniceto Muleta, um criado de vossa senhoria — disse o capitão de milicianos com voz tremula, e fa-zendo uma profunda reverencia.

— Aniceto Muleta, é verdade. Já que está aqui, senhor Aniceto, quero apresental-o a sua alteza...

— O senhor infante está aqui! — regougou o infe-liz capitão, fazendo-se verde como um camaleão quan-do está sobre uma folha de figueira, e olhando em roda de si com indisivel terror.

— Venha beijar-lhe a mão. O senhor infante tal-vez queira fazer ao heroe de Fronteira a honra de lhe dar a mão a beijar.

Aniceto Muleta, ao dar com os olhos em sua alteza, sentiu redobrar o tremor que o agitava. Os olhos dilataram-se-lhe desmesuradamente; o beijo inferior procurou apanhar as pontas dos bigodes alongando-se convulsivamente; e o nariz, longo, recurvado como um bico de passaro, e semelhante a um tapume posto ao longo da cara pela natureza como para occultar a um dos olhos os segredos do outro, desceu sensivelmente, como para auxiliar os esforços do beijo. Cabindo de joelhos, o miliciano ficou mudo e immovel como a estatua do medo.

— Quem é este homem? — perguntou D. Pedro ao conde.

— É, como vossa alteza acaba de ouvir, o senhor Aniceto Muleta, capitão de milicianos.

— E d'onde o conheces tu, conde?

— De Fronteira...

— Senhor conde! — exclamou Aniceto, fazendo um gesto de supplica.

— De Fronteira — proseguiu o conde da Torre sem fazer caso d'esta dolorosa exclamação — onde o vi na madrugada do dia seguinte ao da batalha do Canal, de que ha pouco fallei a vossa alteza.

— Já era capitão?

— Já era capitão; e um capitão coberto de gloria. Quando eu o encontrei acabava elle de commetter uma façanha digna...

— Senhor conde da Torre! — murmurou o capitão Muleta, estendendo as mãos para o general.

— Uma façanha que o torna digno da altura a que D. Sancho Manuel o queria elevar.

— Deixe-me sahir d'aqui, meu general! — bradou o miliciano suffocado.

— Como vossa alteza vê, o senhor Aniceto Muleta tem uma modestia excessiva. Não quer nem ao menos que se saiba a historia das suas nobres acções. Foi por modestia que elle fugiu, quando eu o levava a Estremoz para receber o premio que o conde de Villa-Flor lhe destinava.

— Estou com curiosidade de ouvir essa historia — acudiu o infante rindo. — Dar-se-ha caso que o Muleta fizesse tambem pescaria de castelhanos?

— Não, meu principe — respondeu o conde, rindo involuntariamente da allusão de sua alteza. — Não fez uma pescaria de castelhanos; mas lançou a rede a uma dama flamenga.

— Pois este homem teve parte n'esse roubo infame que os villões de Fronteira commetteram? — perguntou sua alteza, lançando ao senhor Aniceto Muleta um olhar de desprezo, que o fez quasi cahir prostrado no chão.

— Vossa alteza sabe... todos em Portugal tiveram noticia da violencia com que foi tractada a dama flamenga que acompanhava D. João d'Austria.

— Deixe-me ir embora pelo amor de Deus! — acudiu o capitão, pondo-se de pé.

— A dama de D. João d'Austria — proseguiu o conde, fazendo ao senhor Aniceto signal para que se

calasse — depois da batalha do Canal ia fugindo para Arronches acompanhada de alguns criados, quando, ao passar por Fronteira, foi accommettida por uma quadrilha de villões, que tinha por caudel um virtuoso clérigo. Entraram no coche em que estava a dama, roubaram-lhe tudo, e affrontaram-na desaforadamente.

— Segundo vejo, este capitão também era da quadrilha do infame clérigo.

— Preferiu roubar em Fronteira, ás ordens de um padre, a pelear no Ameixial com os do seu terço. Isto de milicianos é gente pouco afeita ás coisas da guerra, mas que gosta de ter parte nos despojos do inimigo.

— E como se soube que esse homem cometera o crime imperdoavel de desacatar um infante de Hespanha?

— Foi um engano, uma calúnia — bradou Aniceto Muleta.

— Cale-se, Aniceto; não vê que sua alteza ainda lhe não ordenou que fallasse? A batalha, como vossa alteza sabe, acabou quasi á noite: foi então que eu fui encarregado pelo conde de Villa-Flor de ir, com trezentos e cincoenta cavallos, atraz do inimigo, para ver se aprisionava D. João d'Austria. Persegui os castelhanos; mas, como era noite, sua alteza pôde-se escapar, apesar das grandes diligencias que fiz para lograr o meu intento. Ao chegar a Fronteira, tive noticia da violencia commettida contra uma dama; da offensa feita a um principe pelos villões.

— Já tinham fugido esses miseraveis?

— O clérigo e os da sua quadrilha desapareceram, mal tiveram noticia da minha chegada; mas um villão que prendemos contou-nos, que a esses insolentes se havia aggregado um tal capitão de milicianos, que viera do exercito n'aquella mesma tarde.

— Mentiu o villão! — acudiu o senhor Aniceto.

— Depois do roubo da dama, disse-nos tambem o paisano, o tal capitão fôra esconder-se na cella de um frade seu amigo, que fazia parte da communiidade de um proximo convento.

— Meu rico frei Thomaz do Espirito Santo! — murmurou, pondo os olhos em alvo, o senhor Aniceto.

— Mandeí dar uma busca ao convento — proseguí o conde da Torre — porque desejava haver á mão um dos criminosos, para o pendurar n'uma forca.

— Jesus, misericordia! — clamou o miliciano — Estive a ponto de morrer por causa de uma calumnia.

— Que estavas tu a fazer n'uma cella de frade, em vez de estar no campo de batalha? — perguntou o infante á desgraçada victima do conde da Torre.

— Estavamos, eu e o meu amigo, o meu respeitavel amigo frei Thomaz do Espirito Santo, a acabar a primeira parte de uma obra...

— Alguma arte de furtar, provavelmente.

— Não, meu principe — acudiu o Muleta, a quem as palavras do infante, acompanhadas de riso, haviam dado algum animo. — A obra que então havíamos

principiado, e a que a minha má sina não tem deixado pôr termo, é uma nova *Arte de galanteria*, feita á imitação da que o senhor D. Francisco de Portugal escreveu ha annos. Mas muito mais desenvolvida e completa. É obra que ha de acabar por uma vez com barbarismos e desconchavos de maus escriptores.

— Ah! ah! Uma *Arte de galanteria*! — disse o infante — E deixaste o terço, n'um dia de batalha, para ir a Fronteira escrever uma arte de galanteria com um frade!

— Vossa alteza bem sabe que cada t'm tem a sua vocação. Eu não nasci para matar os meus semelhantes....

— Nascestes para galantear, e combater os barbarismos?

— Foi por galanteio que este miseravel tomou parte no roubo e no desacato, feito por villões a uma dama — acudiu o conde da Torre, lançando ao misero Aniceto Muleta um olhar de desprezo, que lhe entorpeceu a lingua, e lhe pôz de novo os membros n'uma convulsão.

— Não... não é verdade — balbuciou o capitão.

— Atreve-se a desmentir-me!

— Não é a vossa senhoria que eu desminto, é ao calumniador...

— Já se não lembra vossa mercê da cruz de diamantes, que os meus soldados lhe encontraram na bolsa, e em que estavam gravadas as armas de D. João d'Austria?

— Eu não fui... fui acudir... sim, corri para salvar a dama...

— E ficou-lhe com uma cruz de diamantes.

— Foi ella, quem m'a deu...

— D. Sancho jurou que havia de mandar enforcar, quando os apanhasse, os que tomaram parte n'aquelle delicto covarde. Se vossa mercê escapou da outra vez, não escapará agora á justiça.

— Misericordia! Jesus me valha! Ai, que estou perdido se vossa alteza se não compadece de mim! — exclamou o Muleta, cahindo aos pés de D. Pedro debulhado em lagrimas.

— Como escapou elle á cólera do Villa-Flor?

— De um modo singular. Quando m'o trouxeram, como me não podia demorar em Fronteira, ordenei a um soldado que o levasse prêso á garupa do cavallo. Assim se fez: tiraram-lhe a espada, que nunca servira na guerra...

— Quem usa da penna serve-se pouco da espada.

— Tiraram-lhe a espada, e com o proprio talim ataram-no pela cintura ao arção da sella. Sahimos de Fronteira, e a pouca distancia démos com um troço de castelhanos que ia fugindo. Corremos sobre elles para os aprisionar, e foi n'esta occasião que o senhor Muleta se nos escapou das mãos.

— Como fez elle isso?

— Deixou-se escorregar; e, pendurado pela cintura, cortou, provavelmente com algum ferro que trazia escondido, a silha do cavallo; o que fez immédia-

tamente voltar a sella e cahir o soldado. Isto tudo foi obra de um instante. Como o vi ficar estendido no chão ao pé do soldado, a nadar em sangue, julguei que uma bala dos castelhanos havia varado o soldado e o prêso. Disse comigo — tiveste uma morte melhor do que merecias, excommungado capitão — e passei para diante, julgando que o senhor Aniceto se não levantaria mais.

— E então! levantou-se, como vês.

— Quando d'ahi a uma hora tornamos a passar pelo sitio, onde o havíamos deixado por morto, encontramos só o soldado com uma faca cravada no coração.

— Este homem é assassino? — perguntou D. Pedro, pondo-se de pé.

— Foi para salvar a vida — respondeu, humilhando-se no pó o misero Muleta. — Perdoe-me, acuda-me vossa alteza; senão estou perdido.

— És um perro! — disse sua alteza com altivez — e eu devia mandar-te entregar á justiça, mas...

— Mas o que, meu principe, o que quer vossa alteza fazer?

— Perdoar-te por esta vez. Não quero que digam, que do Côrte-Real sahiu um homem para a forca.

A estas palavras Aniceto Muleta, arrastando-se até aos pés do infante, pegou-lhe da mão e beijou-lh'a muitas vezes; chorando, e murmurando palavras entre-cortadas de soluços.

— Vai-te — disse o infante, recuando e apontando

imperiosamente para uma das portas da galeria. — Vai-te; e não tornes outra vez a vir ao Córte-Real...

— Não fui eu que vim, foi... — murmurou o capitão, com ar meio triste, meio ridículo.

— Bem sei — atalhou sua alteza sorrindo involuntariamente. — Vai-te.

O senhor Aniceto julgou prudente obedecer, sem mais réplica, á ordem do infante. Quasi sem se levantar e recuando, para não voltar as costas a sua alteza, o auctor da nova *Arte de galanteria* foi-se sumindo pouco a pouco nas trevas, que a noite começara já a espessar no fundo da galeria.

Quando sahiu da galeria, o capitão Aniceto Muleta achou-se só, n'uma sala espaçosa e escura, com porta para uma pequena escada que descia para a praia.

Depois de ter lançado em roda de si escrutador e vacillante olhar, de ter percorrido todos os cantos á casa, levantado todos os reposteiros, tacteado todas as paredes e moveis, o honrado miliciano, que reunia ás suas outras prendas o ter uma curiosidade insaciavel resolveu aproveitar-se da situação, em que o acaso o collocara, para buscar descobrir algum segredo de sua alteza, ou algum dos fios da trama politica que, dizia-se, se andava urdindo dentro do Córte-Real. Agachando-se, espalmando-se contra a parede, cobrindo-se com a ponta de um reposteiro, encrustando-se por assim dizer no canto mais escuro da sala, o Muleta, detendo a respiração e paralygando os movimentos, fechou os olhos para ouvir melhor, e esperou.

A principio ouviu as ruidosas gargalhadas do infante e dos fidalgos, que zombavam e escarneciam d'elle, ornando-lhe o nome de epithetos e apodos, que em nada lisongearam o seu amor proprio; antes lhe enraizaram no coração odio e desejos de vingança, profundos, inextinguiveis, mas impotentes. Passados porém alguns minutos as gargalhadas cessaram, e uma bulha de passos, que se iam afastando, fez perceber ao senhor Aniceto que os fidalgos sabiam da galeria. Por um momento elle suppoz que as esperanças, que concebera, de descobrir alli mesmo algum dos segredos de D. Pedro, haviam sido baldadas, e que a sua temeraria curiosidade servira só para o fazer penar alguns minutos mais. Porém um clarão tremulo que, penetrando por debaixo dos reposteiros, veio traçar no chão, junto ás portas que davam da sala para a galeria, estreitas orlas de luz, e o som lento e compassado dos passos de um homem, que ora parecia approximar-se, ora afastar-se d'elle, excitaram-lhe de novo a curiosidade; e, encostando-se á parede, caminhando nas pontas dos pés, aproveitando para pôr o pé no chão a occasião em que sentia na galeria alguma passada, o capitão de milicianos approximou-se d'um dos reposteiros por onde entrava luz, e ahi, applicando o olho a uma fendasi-nha, pôde ver o que se passava na casa de armas de sua alteza.

Com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça um pouco cabida para diante, os olhos baixos, a testa enrugada e como assombrada pela inquietação e pela tris-

teza, o infante percorria lentamente a galeria na sua maior extensão. Nenhum signal de alegria havia já n'aquelle rosto, pouco antes animado pelo riso da zombaria: a melancolia, que as historias do conde da Torre e do Muleta haviam desvanecido por algum tempo, parecia querer agora, condensando-se no espirito de D. Pedro, ganhar o tempo perdido. A expressão sinistra e carrancuda, que notou na physionomia do infante, fez estremecer o senhor Aniceto de susto e de esperança ao mesmo tempo. Elle comprehendeu que a colera de sua alteza devia de ser uma terrivel colera: e teve susto. Percebeu que, se sua alteza fallasse n'aquelle instante, revelaria alguns dos seus mais secretos pensamentos: e teve esperança.

Tendo observado por alguns instantes os movimentos lentos e a grave physionomia de sua alteza, o senhor Aniceto Muleta alargou cautelosamente com os dedos a fenda do reposteiro para ver se na galeria havia alguém mais. Quando sentiu que o seu observatorio tinha as dimensões necessarias e a conveniente situação, approxinou um olho da pequena fresta e proseguiu na inspecção que havia começado já com tão feliz exito. Olhou para todos os lados sem descobrir nada que lhe satisfizesse a curiosidade; no fim, porém, tendo voltado um pouco a cabeça e feito uma pregasinha no reposteiro, deu com o terrivel conde da Torre mettido no vão de uma janella, silencioso e immobil como uma estatua. Ouriçaram-se-lhe algum tanto os cabellos, e pela espinha desceu-lhe vagarosamente um calafrio.

O infante e o conde não diziam palavra um ao outro. Sua alteza passeava, o general permanecia imobil; mas ambos pareciam esperar alguma coisa, porque de minuto a minuto voltavam os olhos para uma das portas da galeria.

O reposteiro d'essa porta agitou-se enfim, e D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, que o capitão de milicianos reconheceu logo, porque muitas vezes o tinha visto no exercito do Alemtejo, entrou precipitadamente. O infante parou no meio da casa, e estendendo a mão, que o conde da Ericeira beijou pondo um joelho em terra, perguntou :

— Que novidade ha, conde; que me queres?

— Saio agora mesmo do paço, onde el-rei me mandou chamar.

— Para quê? O que te queria meu irmão?

— Apenas recebi a ordem de sua magestade, metti-me n'uma liteira e corri ao paço — respondeu o conde.

— Estava-me esperando na sala dos tudescos Francisco Banha, o tenente do mestre de campo general, que, por ordem d'el-rei, me levou a uma das camaras mais isoladas do palacio. Perguntei-lhe se sabia o que sua magestade queria de mim, mas elle, respondendo-me apenas com uma mesura, sahiu, fechando a porta por fóra com o ferrolho, e deixou-me só um tanto assustado e afflicto.

— Que te queria el-rei?

— Estive duas horas esperando pelas ordens do se-

nhor D. Affonso VI; e já começava a desconfiar que me queriam deixar alli preso para...

— Para te castigar, de que crime?

— Do crime de respeitar e servir vossa alteza, senhor.

— Pois já é um crime tão grande o servir-me, que mereça castigo de prisão?

— Os conselheiros de sua magestade assim o pensam. O que acaba de me succeder no paço deu-me a esse respeito um desengano formal.

— Como é que sahiste da camara em que te fecharam?

— Passadas duas horas, como ia dizendo a vossa alteza, senti abrir a porta. Era Antonio Banha que voltava, trazendo-me um papel por ordem de sua magestade.

— Um papel!

— Sim, meu principe: um papel em que se dizia, pouco mais ou menos, o seguinte: « Sua magestade manda dizer a vossa senhoria que está informado de que vossa senhoria foi quarta feira passada ao Córte-Real, e de que sua alteza o levou á sua galeria das armas, e lhe offereceu as armas que estão na dita galeria: ordena sua magestade que vossa senhoria declare, em baixo d'este papel, que partido pretende seguir, se o de sua magestade, se o de sua alteza. »

— E que respondeste tu a esse insolente papel?

— Respondi o que devia, meu principe.

— O valido quer afastar de mim todos os meus ami-

gos! — bradou sua alteza — O conde de S. João já lá vai para Traz-os-Montes; o conde da Torre tem ordem para partir depois d'amanhan para Santarem; o meu D. Rodrigo querem tirar-m'o para o mandarem para a India; a ti querem afastar-te de mim com ameaças...

— Não o conseguirão.

— Bem sei, Luiz de Menezes; bem sei. Mas isto não póde soffrer-se por mais tempo.

— Tem vossa alteza razão — acudiu o conde da Torre, que até alli se havia conservado calado, mas não sem dar vivos signaes de impaciencia e de cólera. — Um só tiro de mosquete póde dar a paz a este reino; não é pois justo que todos estejamos padecendo, que todos sejamos impunemente deshonrados.

— A rainha, pobre senhora! tambem é victima da desmedida ambição do Castello-Melhor — disse o infante em voz tremula e sumida. — O valído persuadiu a meu irmão que a nobre princeza queria governar tudo, dispor de tudo na côrte, e como receia que a justa cólera de sua magestade lhe faça um dia ter o castigo que elle merece, procura por todos os modos afastar ellei da sua real esposa.

— Os escandalosos amores do senhor D. Affonso VI com a Calcanhares ainda continuam? — perguntou o conde da Torre.

— É da Calcanhares que o valído se tem servido para combater a influencia que a rainha tem estado por vezes a ponto de adquirir sobre o espirito de meu irmão — disse o infante.

— Ha poucos dias sua magestade a rainha, depois de uma viva questão com o senhor D. Affonso, recolheu-se aos seus quartos, dizendo que não queria tornar a ver mais o valído.

— As coisas estão, ao que parece, muito mudadas hoje no paço — atalhou o conde da Ericeira. — A noticia de que sua magestade vai dar um herdeiro á coroa...

A estas palavras D. Pedro empallideceu, e com voz convulsa exclamou :

— A rainha está de esperanças! Ainda m'o não participaram.

— Foi hoje que essa noticia se espalhou no paço. El-rei e o conde de Castello-Melhor foram dar os parabens e cumprimentar sua magestade; e quando eu sahi agora da minha prisão, dizia-se que tinha havido uma reconciliação entre os reaes esposos.

— E o conde?

— O conde teve a honra de beijar a mão á rainha.

— A rainha de esperanças! — murmurou sua alteza, deixando-se cahir sobre uma cadeira.

— Como nos poderemos livrar da tyrannia do valído, agora que elle tem o apoio d'el-rei e que a rainha lhe perdoou! — exclamou D. Luiz de Menezes.

— Não ha que hesitar — acudiu o conde da Torre. — É preciso dar por uma vez cabo do valído para não sermos victimas do seu implacavel odio. O Castello-Melhor mandou sem hesitação assassinar o pobre Francisco d'Albuquerque; e nós, quando se tracta de salvar

a honra e talvez a vida de vossa alteza, de assegurar a independencia de Portugal, havemos de fazer escrupulo em lhe dar o castigo que elle, pelos seus crimes, merece!

A nova que o conde da Ericeira trouxera do paço pareceu tão extraordinaria, tão inesperada ao infante, destruiu-lhe tão inopinadamente as esperanças, resfriou-lhe tanto a ardente paixão que a formosura da rainha lhe accendera na alma, causou-lhe simultaneamente tal dor, tal desconsolo, tal mágoa, tal desesperação, que por alguns instantes elle não pôde nem pensar, nem mover-se; ficou privado da voz e do sentimento. As palavras porém do conde da Torre foram-lhe direitas ao coração acordar o odio e o desejo cruento de procurar na vingança allivio e desafogo. Levantou-se de pulo, e com os punhos fechados, a boca espumando de raiva, sua alteza bradou:

— Castiguemos o Castello-Melhor. Demos cabo de todos os validos. Vinguemos por uma vez todas as affrontas. É uma deshonra para um filho de D. João IV soffrer tamanhas offensas sem punir os que ousam faltar-lhe ao respeito! Quero dar uma lição aos validos e aos maus reis, que fique de memoria no mundo.

Esta cólera tremenda de sua alteza pôz o senhor Aniceto Muleta em tal convulsão de terror, que sentiu o chão fugir-lhe debaixo dos pés, viu chispas de fogo saltarem-lhe diante dos olhos, e segurando-se com uma das mãos á hobreira da porta para não cahir, foi obrigado a agarrar o queixo com a outra para que na gale-

ria se não ouvissem os estalos que os dentes lhe davam batendo uns nos outros. O desgraçado Aniceto não podia perceber por que o desgosto do infante, vendo quasi baldadas as esperanças de ser herdeiro da coroa de Affonso VI, se havia transformado em cólera contra o conde de Castello-Melhor. E não é para admirar que um capitão de milicianos não percebesse esta singular transformação, quando o proprio D. Pedro a não saberia explicar.

É certo que o espirito humano, quando se lhe apaga uma esperança ou o abandona um sentimento, tem extraordinarias aberrações: delira, por assim dizer, nos limites da razão, vagueia por todas as paixões em busca de alguma coisa que possa substituir a esperança ou o sentimento destruido. Assim o infante D. Pedro buscava desaforar as suas mágoas dando largas a um cego odio contra o valido, odio que nós, avaliando devidamente os successos e os homens d'aquelle tempo, devemos reputar até certo ponto injusto, e causado antes pelo fogo de ruins paixões, e pela acção corrosiva de astuciosos conselhos, do que por offensas que o Castello-Melhor lhe houvesse feito; porque essas, se as houve, foram de tão pouca monta, que ao historiador consciencioso difficil será consideral-as como justificação bastante das violencias que contra o ministro de Affonso VI praticaram o infante e os do seu partido.

— Tem vossa alteza razão — acudiu o conde da Torre, interrompendo os clamores do infante. — É dever de um principe magnanimo, como vossa alteza é, o

ensinar ao mundo de que modo se castigam ambiciosos valídos.

— O Castello-Melhor não ha de como o irmão, o Simão de Sousa, escapar-se-nos impunemente das mãos.

— Depois d'ámanhan é sabbado — insinuou o conde da Torre — e aos sabbados o valído vai de madrugada ao convento da Madre de Deus, desacompanhado, quasi só.

— É possível ahi sem que se saiba...

— Fazer-lhe justiça.

— Mas a cólera de meu irmão...

— De homem morto só os herdeiros se lembram.

— Senhor, consulte vossa alteza, antes de tomar uma decisão tão grave, a D. Rodrigo de Menezes — disse com voz tremula o conde da Ericeira, que tinha enfiado durante este rapido dialogo do infante com o conde da Torre.

— Tens medo? — perguntou abruptamente o infante.

— Vossa alteza bem sabe que eu nunca em minha vida mereci que me chamassem medroso — respondeu D. Luiz de Menezes erguendo a cabeça, e recuando alguns passos.

— Bem sei, bem sei — acudiu o infante estendendo-lhe a mão. — És, sempre te tens mostrado um valente e nobre fidalgo.

O conde da Ericeira, sem responder, beijou a mão que sua alteza estendera para elle, e tornou a recuar alguns passos.

— D. Rodrigo de Menezes vai tardando — disse o conde da Torre. — São quasi sete horas, e começo a recear...

— Que o mandassem assassinar! É de mais, tens razão, conde. Estar sempre com receio de perder os meus amigos, de os ver sacrificados por minha causa, é uma coisa que eu não posso tolerar já.

— O Castello-Melhor...

— Confio-te, conde, a desaffronta da minha honra offendida por esse malvado.

— E se el-rei quizer vingar...

— Silencio. Eu fico por tudo — atalhou o infante. E voltando-se para o conde da Ericeira, repetiu: — Silencio! Nem uma palavra a este respeito.

N'este momento o senhor Aniceto Muleta, que estava já mais morto do que vivo, ouviu um ligeiro ruido de passos na escada que dava para a praia. Mal elle se havia escondido por detraz de um reposteiro, quando dois vultos atravessaram rapidamente a sala; e levantando o reposteiro por onde elle estivera espreitando, entraram na galeria.

Apenas se viu só, o capitão de milicianos, caminhando pé ante pé encostado ás paredes, e sem respirar, desceu a escada, abriu a porta que dava para a praia, e deitou a correr para o Terreiro do Paço.

Só quando se viu fóra do Córte-Real é que o senhor Aniceto teve animo para tomar fôlego, e meditar sobre as vantagens e perigos da sua melindrosa situação.

CAPITULO XXIX.

POLITICA DE JESUITAS.

O infante estava ainda acceso em cólera, tremulo de raiva contra o Castello-Melhor; o conde da Torre, encarregado por sua alteza de mandar assassinar o valido, tinha ainda no rosto a expressão, entre severa e alegre, assustada e insolente, do homem que vê chegar o momento de se vingar de um inimigo; D. Luiz de Menezes, pallido e triste, conservava-se ainda immobíl no vão da janella para onde se retirara, quando D. Pedro, allucinado pela violencia das paixões, lhe lançara em rosto uma accusação falsa e injuriosa, quando o reposteiro se ergueu, e entraram na galeria os dois homens, cuja presença causara tanto terror ao capitão Aniceto Muleta, e o obrigara a abandonar o escondrijo, d'onde estivera escutando a importante con-

versação de sua alteza com os dois fidalgos, seus parciaes.

Um dos personagens, que tão confiosa e desafogadamente penetraram na sala de armas onde estava o infante, era o seu estribeiro-mór D. Rodrigo de Menezes: o outro era o jesuita, que fôra á estalagem do Alemtejo na noite em que os fidalgos, inimigos do valído de Affonso VI, se haviam reunido na sala de jogo do mestre Pedro, com o fim de catechisarem o celebre juiz do povo Antonio de Belem, e resolverem-o a abraçar o partido de D. Pedro. O leitor já deve ter percebido, nos precedentes capitulos, que este jesuita não era outro senão o celebre padre Vieira.

Mal viu entrar o seu estribeiro-mór, o infante exclamou:

— Chegaste enfim, meu Rodrigo. Louvado seja Deus. Já te julgava morto. Receava que te tivessem mandado para o outro mundo, vendo que não conseguiam mandar-te para a India.

— Ainda não, mas não tardará — respondeu D. Rodrigo, beijando a mão a sua alteza. — Porém se eu morrer no serviço de vossa alteza dar-me-hei por feliz.

— Não esperava ver-vos agora no Córte-Real, padre Vieira — proseguiu o infante voltando-se para o jesuita, que ficara de braços cruzados e cabisbaixo á entrada da galeria. — Julgava que não sahirieis do collegio de Santo Antão senão para voltar a Coimbra.

— É necessario que eu volte sem demora para o

certão frigidissimo de Coimbra — respondeu o padre Vieira, beijando a mão ao infante. — Não quiz, porém, ir-me de Lisboa sem primeiro beijar a mão a vossa alteza.

— Ai! padre, padre, já poucos se lembram de mim n'esta terra, a não ser para me malquistarem com meu irmão! Eu aqui não sou nada, padre Vieira!

— Meu principe, e meu senhor da minha alma, vossa alteza é para todos os portuguezes o digno filho do senhor D. João IV, que Deus tem em gloria. Para mim, que busquei nos textos sagrados e nos escriptos dos santos e dos que Deus dotou de espirito prophético, motivo e fundamento de esperanças de futuras grandezas para a egreja de Christo, é vossa alteza aquelle em quem se ha de cumprir e consummar a prophesia das palavras de Deus a el-rei D. Affonso Henriques.

— Em mim! — exclamou o infante.

— Em vossa alteza, senhor. Prometteu Deus dar á sua egreja um imperador, que ajudasse com acções temporaes a espiritual conquista do mundo, que, empregando toda a sua auctoridade e poder em serviço do summo pontifice e favor dos prégadores, defendendo-os com as suas armas e sujeitando com ellas a todos os rebeldes, fundasse na terra o imperio consummado de Christo. E este imperador só rei portuguez e de Portugal póde ser.

— Permitta Deus que assim seja, para gloria d'este reino — disse sua alteza, sentando-se. E apontando

para uma cadeira, proseguiu — Sentai-vos aqui, padre Antonio Vieira; sentai-vos ao pé de mim.

— Vossa alteza faz-me uma honra, que eu não mereço.

— Quebrado como estaes pela idade e pela doença, deve ser-vos penoso ficar muito tempo de pé. Sentai-vos.

— Obedeço ás ordens de vossa alteza — respondeu o jesuita, sentando-se n'um escabello.

— É grande felicidade para mim poder agora receber conselhos de quem tantas vezes os deu ao prudente rei, cuja morte choramos ainda, cuja falta sentem todos os portuguezes.

— Não sei como hei de satisfazer a menor parte das obrigações, com que vossa alteza me empenha e captiva. A minha alma é toda de vossa alteza; mas a vontade não basta, onde fallece o entendimento, para aconselhar um principe cercado de illustrados conselheiros, e que tem em si mesmo a viva luz de um elevado espirito.

— Que vos direi eu, padre Vieira, para vos persuadir a aconselhar-me, o que na vossa prudencia julgaes mais acertado que faça? — acudiu o infante — A verdade: o que vós sabeis já. Estou pobre, abandonado e esquecido por el-rei que me odeia, perseguido pelos validos, longe dos conselhos de sua magestade onde não sou chamado; e brevemente ver-me-hei só, ficarei até sem estes poucos fidalgos que me servem; porque um a um m'os vão tirando todos. Que devo fa-

zer agora para lutar com o poder do Castello-Melhor, que de dia para dia vai crescendo mais? Pedi a el-rei, por conselho vosso, padre Antonio Vieira, que me deixasse ir para o exercito do Alemtejo combater contra os inimigos da patria, e em vez de me conceder o que lhe pedi, el-rei, ou antes o valído, afastou para longe de mim o conde de S. João, ordenou ao conde da Torre que sabisse de Lisboa, e quiz mandar para a India ao meu estribeiro-mór. Que hei de fazer, dissei-m'o padre Vieira, que hei de eu fazer?

— Ter fé e confiança em Deus: *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire*, foram as palavras de Christo a el-rei D. Affonso Henriques. É n'um principe descendente de D. Affonso, e sua decima sexta geração, que Christo prometteu estabelecer o seu imperio. Chegou o tempo da promessa se cumprir; chegou o tempo de serem estirpadas todas as seitas de infieis, convertidas todas as gentes, reformada a christandade. Os missionarios tem espalhado por toda a terra a palavra de Deus; é tempo de começar a colher o fructo da abundante e fecunda sementeira.

Os dois condes e D. Rodrigo de Menezes haviam-se retirado, para deixarem o infante fallar livremente a sós com o celebre jesuita. Sua alteza ficara pois com o padre Antonio Vieira na extensa galeria de cujas paredes pendiam antigas armaduras, espadas, alfanges, mosquetes de exquisitos feitios, longos esmerilhões, e bacamartes enormes. As luzes baças e tremulas de duas vellas de cera, que a aragem da noite, entrando pelas

janellas abertas, ora dobrava, ora fazia ondular, umas vezes alargava em labaredas, outras retrahia e quasi apagava de todo, reflectindo-se vagamente no aço polido das armas derramavam pela casa um clarão frouxo e vario, que dava aos objectos aspecto indefinido e phantastico. A cabeça magestosa e nobre do padre Vieira, assim allumiada por aquella incerta luz e animada pelo fogo intimo da fé religiosa, que o contínuo meditar, o incessante estudar dos livros sagrados e das antigas e modernas prophcias com o fim de n'ellas descobrir revelações sobre os destinos futuros da humanidade, haviam exaltado e engrandecido, parecia, não a cabeça de um *menor Daniel* como elle a si proprio se chama n'uma das suas cartas, mas a de um dos antigos prophetas, quando, sublimes, prediziam a grandeza do povo de Deus.

— De novo tornará a egreja ao estado de santidade e pureza, que já teve no tempo dos primeiros christãos — proseguiu o padre. — Assim o prophetisam o livro dos Cantares, e o Apocalipse. As felicidades promettidas para esses ditosos tempos são virtudes, santidade, graça e salvação para toda a humanidade convertida á fé de Christo.

— Mas se o futuro imperador ha de ser rei portuguez, como suppondes que eu o possa ser, que nem immediato herdeiro da coroa serei d'aqui a pouco? — perguntou sua alteza.

— Á prole da decima-sexta geração d'el-rei D. Afonso Henriques pertence a gloria de fundar o quinto

imperio, como do juramento do mesmo rei, melhor interpretado, se prova.

— A el-rei meu irmão pertence pois essa gloria.

— Só a um rei puro de todo o peccado é que Christo póde confiar o governo temporal do seu imperio: e o senhor D. Affonso VI tem-se esquecido de dar gloria a quem, sendo senhor universal do mundo, o fez rei na terra, abandonando as missões, e havendo-se com grande desattenção nas coisas da egreja.

— Se não fôr a meu irmão, será ao seu herdeiro que Deus glorificará com os bens, que as prophecias promettem ao futuro imperador. Sabereis já, talvez, que a rainha vai dar um herdeiro á coroa.

— São esperanças, meras esperanças por ora.

— Quem vol-o disse?

— Acabo de estar com o padre de Villes, o confessor francez de sua magestade, que foi a S. Antão visitar o nosso padre reitor.

A estas palavras do jesuita um rapido lampejo de alegria transpareceu no rosto de sua alteza.

— Padre Vieira — disse D. Pedro, não no tom de quem affirma uma proposição de que está convencido, senão com a expressão quasi interrogadora de quem deseja que o contrariem — padre Vieira, a coroa que Deus põe na cabeça dos reis só a mão do mesmo Deus póde tirar.

— Ou a mão do representante de Deus na terra: a mão do summo pontifice. *Quare si id exigat finis supernaturalis potest summus pontifex deponere reges,*

eosque regnis suis privare. O reino de Portugal póde justamente privar da coroa o seu principe, ainda que seja legitimo, quando no exercicio da tyrannia. E permitta-me vossa alteza que lhe eu falle livremente n'esta occasião, origem de tyrannia é a pouca capacidade de el-rei.

— Eu não quizera a coroa alcançada por esse modo.

— Em serviço da fé e para a conservação d'este reino, a que Deus tem assistido até hoje com particular providencia, vossa alteza fará o que necessario fôr. Eu bem sei quanto custa deixar o socego de particular, abandonar a paz suave do espirito, para entrar na lida incessante dos negocios. Mas não são só os soffrimentos e trabalhos do corpo, que são bem acceitos por Deus; os do espirito tambem são tomados á conta de penitencia. O cilicio, que anda entre o corpo e o linho, não é o que mais pica: o que gasta o entendimento, e nega a vontade, este é o que afoga a alma, e tira a vida. Os outros cilicios mortificam, este mata.

— Eu não receio trabalhos que sejam para beni da fé e augmento da christandade — disse o infante. — Mas pesar-me-ia o ter de tirar a meu irmão a coroa que lhe pertence.

— Muito pio e christão rei foi o senhor D. Affonso III, e não poz duvida em acceitar o governo que o papa Innocencio IV tirára a el-rei D. Sancho II — atalhou o padre Vieira. — O bem das almas, e o fim sobrenatural da religião fizeram com que o summo pontifice Innocencio IV, usando do poder que Christo, Se-

nhor Nosso, lhe confiou para encaminhar os fieis e os dirigir ao fim da salvação, absolvesse os portuguezes do juramento de fidelidade feito ao rei D. Sancho, e dêsse o governo do reino a seu irmão, o conde de Bولonha.

— Mas então Portugal estava quasi de todo perdido.

— E agora, senhor, não vê vossa alteza que este reino se não pôde sustentar, se a Providencia lhe não acudir breve com um principe prudente que o governe bem? — exclamou o jesuita — O poder proprio em que se funda a conservação de Portugal, ou são as forças interiores do reino, ou as exteriores das conquistas; e nem umas, nem outras bastam para o sustentar. As forças do reino cada vez se vão attenuando e consumindo mais: as rendas e commendas estão empenhadas para muitos annos; os juroes e as tenças não se pagam; os direitos das alfandegas tem levado grande quebra; as terras das fronteiras, infestadas do inimigo e não menos dos defensores, estão por cultivar: em poucos tempos não poderão os homens sustentar as vidas, e ainda menos pagar tributos e satisfazer as despesas do governo.

— As conquistas, porém!...

— As conquistas, meu principe, estão reduzidas a tal estado, que nada melhoram a nossa esperança. A India, quasi totalmente perdida, pela gente, dinheiro e navios que nos tira, mais nos serve de estorvo, que de proveito. O Brazil, que é só o que sustenta o com-

mercio e alfandegas e chama aos nossos portos esses poucos navios estrangeiros que n'elles vemos, está exhausto de dinheiro, e por falta de escravos cedo não terá assucar. E por toda a parte se vão perdendo as almas por falta de missionarios que ensinem aos indios a doutrina; e sobretudo pela tyrannia com que estes são tidos em duro captiveiro pelos portuguezes, que os deixam até sem baptismo e sem sacramentos.

— Deus tenha misericordia de nós!

— Horrorise-se, meu senhor da minha alma, horrorise-se vossa alteza de tanto crime, que tem, que temos todos razão para isso! Aquellas almas não são todas remidas com o sangue de Christo, e Deus confiou-as aos reis e ao reino de Portugal! E será bem que aquellas almas se percam e vão ao inferno por nossa culpa? Senhor, já que ha tantos expedientes para os negocios do mundo, haja tambem um expediente para os negocios das almas, pois valem mais que o mundo.

— Esperemos na divina grandeza, que ha de um dia dar remedio a males que poem as almas em tão grande perigo! — exclamou sua alteza.

— Os missionarios da companhia, trocando a patria pelas brenhas, lá andam pelas terras dos indios prégando a religião de Christo, e trazendo á fé almas que estavam perdidas na obscuridade da ignorancia. Abandonados porém, como estão, pelos que em nome d'el-rei governam as conquistas, os filhos de Santo Ignacio perdem cada dia a occasião de converter alguns indios, ou vêem os já convertidos abandonarem a

fé e voltarem para os mattos. Oh! Quantas vezes pedirão elles a Deus, que lhes dê o eterno descanso em troco d'aquelle trabalho incessante, d'aquelle lucta infructifera! Oh! como se carpirão desconsolados, e se terão por homens no extremo infelizes! Se o zelo das almas, o amor das santas empresas da companhia de Jesus, e, sobre tudo isto, a luz do Espirito Santo não inspirarem o principe que no futuro dirigir os destinos de Portugal, então não só veremos nas conquistas os gentios voltarem outra vez ás trevas do barbarismo, senão até no reino muitos dos que hoje são zelosos da fé esquecerem os seus deveres de catholicos, e deixarem-se invadir pela lepra da heresia.

— Ai! padre, Deus tal não permita. Tudo, estou prompto para tudo, com tanto que se não realisem tão sinistras predicções.

— Não se hão de realizar, se vossa alteza tiver crença viva nas prophcias, e quizer sacrificar o seu descanso ao engrandecimento da nossa divina religião.

— Para realizar tão grande empresa, como essa que me propondes...

— E em que vossa alteza já havia pensado.

— Padre Vieira!

— Vossa alteza é mui grande principe, para não haver pensado em remediar os males d'este reino. A idade, o engenho, e as obrigações tudo está empenhando vossa alteza a obrar conforme seu real sangue, e mostrar ao mundo, que é vossa alteza herdeiro de seus

famosissimos progenitores, não só no sceptro, mas muito mais no valor.

— Para levar a cabo tão grande empresa — proseguiu D. Pedro — é mister, como dissestes ha pouco, muito dinheiro.

— Se vossa alteza prometter justiça a quem ha muito a espera em vão, não faltará a vossa alteza dinheiro e tudo mais que necessario fôr.

— Ides fallar-me dos christãos novos.

— Christãos novos se chama a muitos, que devem ser julgados por tão verdadeiramente christãos velhos como quantos o são, só porque se lhes não conhecem os avós. Senhor, estas distincções causam os odios, e d'estes triumpham os maus e padecem os bons. O baptismo é um só; todos por elle ficam eguaes, e egual é para todos a graça que elle communica; porque para com Deus não ha excepção de pessoa, nem distincção de christão novo e christão velho. Foi com o esquecimento d'estas injustas accusações que de Roma, de França e de Hespanha se tirou a lepra do judaismo.

— Tirar ao santo officio o poder, que os reis meus avós lhe deram para purificar este reino de gente hebreia, é coisa que eu não posso prometter, sem faltar ao meu dever de christão e de principe — atalhou sua alteza.

— Nem perdão das culpas commettidas, nem diminuição no castigo d'ellas pedem os christãos novos. O que elles querem é que os estylos do santo officio se mudem, como já foram mudados em toda a christan-

dade. O estylo, que hoje guarda a santa inquisição de Portugal, é differente do que todas as outras costumam guardar; e d'esta differença resultam gravissimos inconvenientes. O primeiro, o maior de todos, é perecerem os innocentes e triumpharem os culpados. Muitos verá vossa alteza sahirem livres n'um auto de fé, que não mereceram ser presos, e que, apesar de livres, ficam com a nodoa na honra, com os achaques, e com as despezas que causam similhantes prisões: outros verá vossa alteza por *diminutos*, isto é, por não adivinharem o nome da pessoa que os accusou, ir a queimar, depois de terem, obrigados do desejo de salvarem a vida, compromettido, calumniado talvez todos os homens que conhecem. E dos *negativos*, quantos morrem sem culpa? De cem não ha um que não morra innocente! Pois não será injusto, não será cruel castigar um homem porque, sendo christão, não quer jurar que é judeu? Se o inquisidor, em vez de ser christão fosse judeu, que faria, senão dar a liberdade ao que confessasse que praticava o judaismo, e mandar queimar o que só a lei de Christo conhecesse por verdadeira? Cabe aqui bem lembrar a vossa alteza aquelle dito do judeu de signal, que, indo ver com o seu familiar uma procissão do auto de fé, perguntou pelos que iam livres e o familiar disse-lhe: « Estes não confessaram, nem tiveram prova bastante: vão logo para suas casas. » Quando vieram os penitenciados, disse-lhe: « Estes confessaram que eram judeus, mas pediram misericordia, e logo vão para suas casas. » Quando

passaram finalmente os relaxados, disse o familiar: « Aquelles vão a queimar. » O judeu acudiu então: « Porque vão a queimar estes; é porque não querem pedir misericórdia? » « Não vão por isso, respondeu o familiar, senão por negativos, porque não confessam, nem querem confessar que são judeus, dizem e protestam que são christãos. » Riu-se o judeu, exclamando: « Se a mim me fizessem inquisidor, eu lhe prometto que lhes havia de fazer o mesmo; todos os que confessassem que eram judeus os mandaria para sua casa, e a todos os que negassem eu os queimaria. »

— Quereis então que se fechem as inquisições, que fique sem defensores a fé? — perguntou o infante, um tanto abalado pelas razões persuasivas do jesuita.

— Não, senhor. Conforme a minha opinião foi bom e é bom haver inquisição; porque a minha opinião é, que todos os que confessam a lei de Christo, vivendo como catholicos, são christãos; e isto se deve á inquisição, que foi fazendo que todas as familias de judeus, que houve n'este reino, se fossem extinguindo.

— Que quereis que se faça, padre?

— O que já disse a vossa alteza: que se mudem aqui os estylos da inquisição, como o papa os mudou em Roma. É melhor, como Christo Senhor Nosso ensina, ficar a zizania entre o trigo, do que, com o zelo de tirar a zizania, dar cabo do trigo tambem. Nenhuma coisa destroe mais a monarchia, nem deve temer-se mais do que serem os innocentes castigados em vez dos criminosos.

— E havemos de deixar o monstruoso judaismo estender outra vez por este reino o seu corrupto poder?

— Pelo favor e pelo perdão se alcançará d'esses homens o que pela severidade do rigor se não tem até hoje alcançado — acudiu o padre Vieira. — É de fé que toda aquella nação se ha de converter e conhecer a Christo. E as nossas prophcias contam esta felicidade entre os prodigiosos effeitos do milagroso reinado do futuro imperador; porque dizem que ao rei encoberto virão ajudar os filhos de Jacob, e que, por meio d'este soccorro, tirarão o conhecimento da verdade de Christo, a quem adorarão e conhecerão por Deus.

— E se eu promettesse perdoar...

— Se vossa alteza prometter justiça á gente de nação, não lhe faltarão recursos para combater os inimigos de vossa alteza e do reino. Por todos os reinos da Europa está hoje espalhado grande numero de mercadores portuguezes, homens de grossissimos cabedaes, que trazem em suas mãos a maior parte da riqueza do mundo. Todos estes, pelo amor que tem a Portugal, estão desejosos de poderem tornar para este reino, e de servirem a patria com suas fazendas, se houver um rei que os favoreça e alente.

— E o reino ganharia com a volta d'esses homens?

— O reino e a fé ganhariam muito com isso. No tempo d'el-rei D. Sebastião a fazenda dos homens de negocio, que havia em Lisboa, subia a cincoenta milhões; hoje não chega a dois a de todos os mercadores

d'esta cidade. É difficulosissimo de entender a razão de estado que levou Portugal, sendo um reino fundado no commercio, a lançar os mercadores portuguezes para os reinos estranhos. Se esses mercadores, todos homens de nação e christãos novos, que estão espalhados pela Europa, voltassem a Portugal, veriamos de novo em nosso poder as conquistas occupadas hoje pelos estrangeiros, e a nossa independencia ficaria segura para sempre.

— Que se obrigam os christãos novos a fazer em favor do reino e da santa fé? — perguntou sua alteza, pondo-se de pé.

— Senhor, eu não posso dizer a vossa alteza o que elles podem fazer... — respondeu o padre Vieira, levantando-se tambem.

D. Pedro, silencioso e absorvido em profundo meditar, agitado interiormente pela ambição, pela esperanza, e por ventura pelo amor e pelo ciume, deu algumas voltas pela casa. Depois, parando defronte do jesuita, exclamou com voz breve e imperiosa:

— Padre Vieira, conheceis, que eu bem o sei, quaes são as intenções d'essa gente de nação. Fallai-me claro. Dizei tudo; e eu talvez me decida então.

— Já tive a honra de declarar a vossa alteza que nada posso dizer ao certo...

— Dizei, ao menos, o que julgaes que elles farão.

— Nada posso affirmar a vossa alteza, mas parece-me...

— O que vos parece?

— Creio que gastarão, em pôr na India um exercito de cinco mil homens, de quatrocentos até quatrocentos e cincoenta mil cruzados.

— Por uma vez sómente?

— Porão além d'isso, segundo escreveu ha pouco um rico mercador de Hollanda, mais mil e trezentos homens cada anno na India á sua custa; e darão vinte mil cruzados para elles lá se sustentarem.

— E nada mais?

— Obrigam-se tambem os christãos novos a fazer uma companhia para a India, á similhança das companhias hollandezas; engrossando-a de capitaes, conforme se ajustar.

— Pela fé; não me dizeis o que elles farão em favor da propagação da fé?

— Eu já disse a vossa alteza que nada sei ao certo d'estas negociações...

— Bem sei — atalhou sua alteza — bem sei que nada podeis propôr em nome d'essa gente. Mas, emfim, que vos parece?

— Parece-me que elles proverão de viaticos a todos os missionarios, e pagarão as letras dos bispos da India.

— Padre Vieira, eu nada posso prometter, porque nada poderei cumprir.

— Duvída vossa alteza da verdade das prophecias?

— Se fosse necessario, para a felicidade de Portugal e engrandecimento da fé, perdoar aos culpados de

judaismo e mudar os estylos da inquisição, e eu fosse rei, então...

— Que faria vossa alteza?

— Ouviria o parecer dos tres estados, reunidos em côrtes, e depois faria o que melhor conviesse a este reino.

A estas palavras do infante seguiu-se longo e profundo silencio. Sua alteza deu pela galeria alguns passos incertos e sem direcção determinada, como quem busca acalmar a violenta agitação do espirito com o movimento authomatico do corpo. O padre Vieira, encostando a mão á mesa, sobre a qual estavam os dois castiças em que ardiam vellas de cera amarella, fitou os olhos em D. Pedro. O olhar do velho jesuita era tão penetrante, vinha tanto do fundo do seu immenso espirito o raio phosphorescente que lhe illuminava as pupillas e se lhe diffundia pelas iris escuras e como metallicas, havia emfim tal força, tal poder, tal alcance n'aquelle olhar, que o infante sentiu-o sem o ver. Vibraram-lhe os nervos todos, e um subito rubor lhe còrou a face, porque cònheceu que o padre Vieira lhe estava lendo na alma os mais intimos segredos da sua ambição, e medindo a grandeza do impeto com que as paixões lhe agitavam o coração. O padre Vieira viu o effeito que produzia o seu olhar, e logo, baixando a cabeça e tomando uma postura humilde, disse:

— Perdôe-me vossa alteza a liberdade com que lhe fallei. Eu bem sei o pouco que valho, o pouco que posso; bem sei que quem, como eu, anda tão longe do

mundo, e tem olhos de tão pouca vista, não póde ver muito d'elle, ainda mesmo ajudado pela experiencia: mas é tal o amor que tenho a vossa alteza e a este reino, que, tendo vindo a Lisboa por causas que particularmente se referem ás missões do Maranhão, onde eu tenho sempre a saudade e o desejo, não pude deixar de vir chorar aos pés de vossa alteza as desgraças de Portugal e da fé.

— Fizeste bem, padre Antonio Vieira, fizeste bem em me aconselhar; porque os vossos conselhos, para os que os ouvem, são luz que se accende nas trevas confusas do entendimento, e esclarece e illumina tudo — disse o infante, commovido e exaltado por essa influencia magnetica que os homens de talento superior exercem ainda sobre os espiritos menos elevados.

— Estamos cercados de inimigos, senhor. Castella quer Portugal; Inglaterra e França querem a India e Brazil; e Hollanda quer na India o que possue, e no Brazil o que perdeu. Rasgaram a riquissima tunica de purpura d'este senhor de dois mundos: e as nações agora jogam entre si esses farrapos magnificos, que valem imperios e reinos. Ainda é tempo, senhor, de os colher todos, que ainda nenhuma os ganhou; é tempo ainda de os unir uns aos outros, e de refazer as roupas talaes com que se cobriu Portugal, quando era a maior monarchia da terra. É tempo ainda de vossa alteza fazer erguer magestosa a fé que os seus antepassados defenderam sempre e propagaram por toda a parte, e que

os maus hoje lançaram n'um sepulcro, d'onde só a poderosa mão de vossa alteza a póde arrancar ainda.

— Ficai comigo, padre Vieira. As vossas palavras dão-me força; preciso de vós para não perder a coragem na lucta! — exclamou D. Pedro.

— Fui accusado pela santa inquisição, meu principe. Os carceres de Coimbra estão-me esperando, e não posso demorar-me mais tempo fóra d'elles. Não sabe vossa alteza que eu, eu delinqui contra a fé, escrevi e proferi proposições hereticas, temerarias, mal soantes, e escandalosas, que perverti, adulterei, torci violentamente o verdadeiro sentido da Sagrada Escripura com intentos particulares?

— E essas accusações...

— Foi o santo officio que m'as fez; e que por ellas me condemnará talvez... a ser queimado em auto de fé.

— Isso não succederá de certo. Sou eu que vol-o affirmo, padre Vieira.

— Seja feita a vontade de Deus.

— Se vos ides para Coimbra, como poderei receber os vossos conselhos?

— Os meus conselhos nada valem, de nada podem servir a vossa alteza. Chame vossa alteza para junto de si o padre Manuel Fernandes, que tem até hoje vivido no seu retiro da Cotovia; mas que póde ser para vossa alteza de grande proveito na difficil situação em que as coisas se acham actualmente.

— Fal-o-hei meu confessor.

— Eu não ousava propol-o a vossa alteza para con-

fessor; mas como foi vossa alteza que d'isso se lembrou primeiro, dir-lhe-hei que nenhum conselheiro espirital podia vossa alteza achar melhor do que o padre Manuel Fernandes, filho humilde de Santo Ignacio. Agora peço licença a vossa alteza para me retirar. São horas de eu voltar para o collegio de Santo Antão; porque ámanhan de madrugada hei de partir para Coimbra.

— Ide, ide-vos, padre Antonio Vieira: e que Deus vos tenha na sua guarda.

— Deus conserve por muitos annos a vida a vossa alteza, como eu e este reino havemos mister — disse o jesuita ajoelhando e beijando a mão do infante.

— E a mim, a este reino, a todos nós dê o Senhor dias de paz!

— *Gloria in excelsis Deo, et in terra pax!* — acudiu o padre Vieira.

E tomando o chapeo e a capa, o jesuita sahiu pela mesma porta por onde havia penetrado na galeria.

Apenas se viu só, sua alteza, pegando n'uma trombeta que estava pendurada entre armas mouriscas, levou-a á boca, e tirou d'ella dois sons vibrantes, que esturgiram o Córte-Real, e se foram perder na superficie das aguas do Tejo. Muitos criados correram a receber as ordens de D. Pedro.

— Vão-me chamar Luiz de Mendonça, e deixem-me só — disse o infante. E todos obedeceram.

CAPITULO XXX.

A CASA DA TIA BRIZIDA.

Quando já noite fechada, Thereza, a casta e meiga provinciana, voltou com a sua velha tia Brizida, da Graça, onde tinha ido resar vespas, ao Côrte-Real onde deixara Francisco d'Albuquerque entregue aos cuidados de Diogo Cutilada, achou a casa do infante n'aquella confusão e desordenado alvoroço, que, dissemos n'um dos precedentes capitulos, produzira o subito e inesperado desaparecimento do moço capitão.

Quando soube o que succedera, a desditosa Thereza, com a alma traspassada de dor, com o coração oppresso pelo pranto que a intensidade da angustia não deixava correr livre, pallida, convulsa, murmurando apenas sons confusos que mais pareciam soluços que palavras, deixou-se levar por Luiz de Mendonça e pela beata Brizida á casa, em que esta vivia a Santo André.

A casa da tia Brizida, de que já hoje não restam vestígios, ficava situada perto do Arco de Santo André, á esquina do becco denominado dos Açougues. Era uma casa de um só andar, pequena, triste, com duas janellas fechadas por apertadas jalousias, em que apenas se abriam adufas tão estreitas, que mal por ellas podia passar a cabeça da curiosa beata, e uma grossa porta reforçada por duas trancas, e toda chapeada de ferro. Na parede, entre as duas janellas, estava representado em azulejo o milagre de Santo Antonio prégando aos peixes; e defronte d'esta devota imagem, pendurada a um braço de ferro, havia uma lampada de metal amarello, que a velha Brizida cuidava em ter sempre bem accessa e espivitada.

O interior da casa correspondia perfeitamente ao exterior. Percebia-se em tudo alli a minuciosa vigilancia, os cuidados assíduos, a devoção excessiva, a rabugenta austeridade da velha beata que, não tendo nada a esperar no mundo, volta para o ceo grande parte dos seus pensamentos, e emprega em ordenar, dirigir e reger o pequeno imperio da sua casa, o que lhe resta de mundano; que ordinariamente não é pouco.

A sala, segundo a propria expressão da tia Brizida, era mesmo um *palmito*. As seis cadeiras de coiro lavrado, que a mobilavam, estavam tão limpas e polidas, que pareciam espelhos: a pregaria, que as ornava, luzia como se fosse de oiro puro. As duas commodas de pau santo, que ornavam as paredes lateraes da sala, com seus pés em fórma de garra e enfeitadas de enor-

mes argolões amarellos, causariam hoje pasmo a qualquer amador de antigualhas. Sobre uma d'ellas estava uma bella dobadoira, toda marchetada de marfim, cingida por uma meada de linhas alvissimas. Era esta dobadoira muito estimada pela velha beata, porque tinha certo ranger harmonioso e variado, desde o estalido da segarrega até ao chiar do carro, que a ajudava a pender compassadamente nas noites de inverno, quando ella, para se distrahir, dobava, resava, e dormia ao mesmo tempo. Sobre a outra commoda estava um Menino Jesus de cera, deitado em cama de algodão, sobre a qual brilhavam, como pedras preciosas, estrelinhas de papel pintado. Encostada á parede que ficava fronteira á janella estava uma papelleira grande, tambem de pau negro entalhado com arabescos amarellos, e ornada nos cantos de columnas de fuste encanado, com base e capitel dorico, e carrancas de bronze lavradas com perfeição: esta papelleira servia de altar ao santo mais querido, mais adorado, mais festejado de quantos a beata tinha em casa. Este santo, a quem todos os dias se resavam n'aquella devota casa tres resposos e uma ladainha, era um Santo Antonio, bello, gordo e rubicundo como um frade, que era; com o seu habito negro, o seu cordão doirado á cinta, um livro servindo de pianha a um Menino Jesus no braço direito, e um rosario de perolas na mão esquerda. Na pianha do Santo Antonio havia flores, aos lados, em jarras de loiça da India, havia flores, por cima da cabeça, emfim, em fórma de docel cruzavam-se tres pal-

mas bentas com seus palmitos de flores. Quatro castiças de prata com côtos de cera branca esperavam a hora das resas diarias para brilharem em honra do santo. Mas o que nunca se apagava, o que ardia sempre noite e dia era a torcida de uma lampadazinha de vidro, cautelosamente mettida dentro de um pires de porcellana, para evitar que o diabo, sempre inimigo de gente devota, não fizesse cahir d'ella algum morrão sobre a toalha de linho, ornada de rendas, com que a tia Brizida cobria a sua papeleira rica.

A razão d'este amor e estima particular, em que a tia Brizida tinha o seu Santo Antonio, era o ter-lhe sempre confiado todos os seus segredos desde a mais tenra infancia. Quando em pequena queria ir a alguma egreja ouvir cantar os padres em côro, ou a algum convento de freiras comer doces, Brizida resava um responso ao seu santo. Quando, já mulhersinha, sentiu tal ou qual attracção por um mercador seu visinho, foi ainda ao santo que ella confiou esse segredo. Quando mais tarde, vendo que não podia achar marido, deu em em beata, todo o fervor da tia Brizida pelo seu Santo Antonio recresceu, e fez-se quasi paixão. Se perdia alguma coisa, accendia as vellas do Santo Antonio, e pedia-lhe que a ajudasse a buscar o que havia perdido: se chovia a horas de missa, resava ao santo para que parasse a chuva: se trovejava, pegava-se com o seu protector para que lhe não cahissem raios em casa: emfim, se a velha Brizida emprehendia a feitura d'algun prato de ovos molles ou de manjar branco para mimosear o

senhor frei Thomaz do Espirito Santo, seu confessor, era ainda ao seu bemaventurado Antonio que ella confiava o bom exito da difficil tarefa. O Santo Antonio da papelleira era o protector, o guarda, o amigo, o dono da casa da tia Brizida. Dizemos o Santo Antonio da papelleira, para distinguir esta imagem de muitas outras do mesmo santo que havia em casa da velha beata. Esta imagem tinha feito grandes milagres, em quanto as outras, se alguma coisa faziam, era tão pouco, que nem honras, nem orações particulares mereciam á devota tia de Thereza.

O quarto em que dormia a beata não era menos notavel e digno de admirar-se do que a sala, pelo aceio e bom arranjo com que cada objecto permanecia invariavelmente disposto no logar que, havia mais de vinte annos, lhe marcara a minuciosa vontade de sua dona. O leito de madeira arrendada tinha no centro da cabeceira dois anjos, sustentando uma concha com agua-benta, e era rematado por uma cruz. Cortinas verdes, e uma colcha de ramagem escura, completavam o aspecto severo da cama da velha Brizida. As paredes estavam quasi forradas de alto a baixo de imagens de santos, cruces, medalhas bentas e relicarios. Sobre uma mesa viam-se, symetricamente dispostos, dois ou tres rosarios, um livro de orações, um crucifixo de oiro, etc.

A casa, que a tia Brizida destinara para quarto de sua sobrinha, era a que ella chamava o *seu oratorio*: casa pequena, triste, onde apenas entrava luz por uma

fresta, e cujo movel principal era uma especie de altar, sobre o qual estava um enorme presepio, digno de ser tomado por modelo de mau gosto, desproporção, falta de perspectiva e inverosimilhança.

Representava aquelle presepio uma montanha escabrosa e de aspera penedia, em que espontaneamente nasciam rosas do tamanho de pinheiros, e pinheiros do tamanho de malmequeres. Era esta montanha dividida em tres planos. No primeiro e mais inferior abria-se uma caverna, dentro da qual estava o Menino Jesus recém-nascido deitado sobre flores, com Nossa Senhora ao pé, de joelhos e como em oração, e a pouca distancia S. José serrando um tronco de arvore, com a attenção e actividade de um diligente carpinteiro. Á entrada da caverna já vinham chegando os Reis Magos, com suas coroas na cabeça, e sceptros na mão, seguidos de numerosa comitiva; parte da qual ainda estava descendo a montanha, e sahindo de uma especie de castello, que representava a cidade de Jerusalem, e que não era muito maior do que qualquer rei Gaspar ou Belchior. No segundo plano ia subindo pela serra acima Jesus, coroado de espinhos e com a cruz ás costas, acompanhado do solícito e caridoso Simão Cyreneu, seguido e precedido de muitos judeus de tão feia catadura e por tal modo pintados de vermelhão, que mais pareciam demonios ardendo nas profundas do inferno, do que homens caminhando á luz do sol pelos alcantás do Golgotha. Ao lado da vereda, que seguia o funebre prestito, corria, em abundantes cascatas de vidro azul,

o rio Jordão; e além do rio, via-se Christo no horto das oliveiras, ajoelhado, e a receber das mãos de um anjo meio escondido em nuvens de algodão, o calix da amargura. No mais alto da montanha estava um crucifixo de mais de dois palmos de altura, pallido, macerado, e manchado de sangue; com as tres Marias aos pés, e os dois ladrões aos lados. O aspecto geral d'este presepio tinha o quer que era de triste, de àtterrador, assim coroadado pelas figuras de tres crucificados, que, apesar da extraordinaria imperfeição com que estavam moldados, deixavam ver em toda a sua crueza e horror, como as producções singelas da meia-idade, os padecimentos de uma atroz agonia.

Pendurado da parede, por cima do presepio, estava um quadro representando S. Francisco em extasi; cópia imperfeita de um d'esses quadros de Zurbaran, em que os rigores e severa austeridade do ascetismo se acham expressos em toda a sua piedosa grandeza. A cabeça do santo livida e descarnada, quando ao cahir da tarde lhe dava de lado o tenue clarão, que entrava a custo no quarto pela estreita fresta, parecia desprender-se do quadro e agitar-se como movida pelos ardores de fervorosa oração. Á luz oscillante da lampada-sinha, que a tia Brizida accendia á noite no *oratorio*, aquella terrivel cabeça tornava-se mais livida, e o resto do quadro mais tenebroso; então parecia que os beijos se lhe agitavam em convulsão, e dos olhos lhe marejavam lagrimas.

Foi para esta casa silenciosa e sombria, foi para

este funebre quarto, onde tudo infundia tristeza e causava pavor, que levaram, quebrada pela dor, consumida pela saudade; ralada pela desesperação a infeliz Thereza. Sensível, meiga, naturalmente melancolica, a alma da desditosa noiva de Francisco d'Albuquerque, já profundamente lacerada por tantas e tão grandes catastrophes, não podia deixar de ser dolorosamente impressionada pela severidade monacal, o devoto ascetismo, a immobibilidade, o silencio da casa da velha beata.

Nada alli a distrahia das suas magoas, coisa alguma lhe suavizava a inconsolavel saudade, que ella sentia por aquelle a quem já não queria como a amante, mas por quem tinha um sentimento mais casto, mais sublime talvez, mais duradoiro e desinteressado de certo do que o amor; a amizade. A amizade da mulher para o homem, que é muito mais do que a amizade de irmãos, que eguala quasi o amor maternal, que tem emfim o ardor, a dedicação, a devoção do amor, mas sem que o ciume a possa perturbar nunca.

O dia em casa da tia Brizida começava pela ladainha e acabava pelo terço. Á ladainha seguiam-se duas ou tres missas ouvidas na Graça ou no Salvador, depois a confissão, de tarde alguma novena ou a visita dos *lausperennes*. Aos serões, a beata dobava na sua melodiosa dobadoira; Josepha, a criada velha, fiava n'uma roca de canna, deixando de minuto a minuto cahir o fuso das mãos; e Thereza, a desgraçada Thereza, contendo no fundo do coração o murmurar con-

tínuo de suas amargas penas, era obrigada a ler uma ou duas horas os sermões do padre Vieira, ou a vida de algum santo.

A unica pessoa que a tia Brizida recebia em casa era o seu confessor, o senhor frei Thomaz do Espirito Santo. Este frade graciano, homem dos seus quarenta annos, era digno de occupar o primeiro logar entre as coisas feias, que se encontravam em casa da devota beata. Amarello como uma cidra, frei Thomaz tinha um rosto longo, perfeitamente desproporcionado e feio. A testa, que não tinha mais de dedo de altura, era assombrada por cabellos negros, crespos, grossos, semelhantes a lan de carneiro: os olhos eram como os da toupeira, pequenos e sem brilho; vistos atravez dos enormes oculos, que dois fios de seda prendiam atraz das orelhas do graciano, apenas se figuravam como dois pontos negros; o nariz era longo, grosso e como quebrado proximo á ponta: a boca não contrastava, antes se harmonisava em tudo com o resto da physionomia; era larga, ornada de duas ordens de dentes amarellos, e, nas pouquissimas vezes que frei Thomaz fallava ou ria, curvava-se do modo mais desgracioso e desconsolado que imaginar se póde. Havia comtudo na feia cara do frade uma expressão de bondade e de singeleza, ou para melhor dizer de absoluta nullidade, que modificava até certo ponto a desagradavel impressão que o seu aspecto causava a quem o via pela primeira vez.

Frei Thomaz do Espirito Santo rarissimas vezes

fallava, como dissemos; e quando o fazia difficilmente passava além do monosyllabo. No começo da sua vida monacal o bom do frade, quando se via na precisão de travar conversa com algum dos seus companheiros de convento, buscava animal-o a fallar sempre, para se não ver na triste necessidade de pronunciar uma phrase: para isso, cada vez que via o outro frade terminar um periodo da conversação, fazia-lhe uma careta que similhava um sorriso, e dizia-lhe um « sim » animador, balanceando a cabeça. Mais tarde, quando se apercebeu de que este monosyllabo era longo de mais, modificou-o sensivelmente e reduziu-o a um som sibilante, que representava apenas a primeira lettra do impertinente monosyllabo.

Era tambem este som inarticulado, e as palavras rituaes da absolvição, que frei Thomaz unicamente fazia ouvir ás suas confessadas; e por isso tinha muitas, principalmente beatas, que mais desejam fallar de si, e dos seus direitos ao ceo, do que ouvir conselhos ou escutar preceitos.

Thereza não tinha, pois, a quem confiar os melancolicos pensamentos que a dor lhe suggeria, quando, na solidão do seu triste quarto, ficava a sós com os amargores da saudade, ou com o abatimento da desesperança. Alli, em casa da velha beata, Thereza só tinha por companheiros, ou o ascetismo da oração, ou a funebre tristeza do silencio.

Nos primeiros dias, depois do desaparecimento do seu companheiro de infancia, Thereza não deu quasi

por coisa alguma do que se passava em roda d'ella. Fazia tudo como automaticamente; e nem a oração, allivio e suave consolo dos desventurados, lhe allumiava a alma com um rapido clarão de esperança, lhe commovia o coração com esse brando estremecer, esse vibrar de todas as fibras, que desfaz pouco a pouco a tenebrosa cerração, em que a dor parece envolver os desgraçados nos dias de maior angustia. A esta insensibilidade, se assim se póde chamar o torpor moral causado pela grandeza do padecer, seguiram-se dias de pranto e de mudez. Cada palavra, que pronunciava, era um sacrificio: cada vez que uma causa exterior a distrahia de suas tristes cogitações, sentia a pobre Thereza dilacerar-se-lhe o coração; como se receasse ver apagadas para sempre as imagens queridas, que na fantasia se lhe desenhavam dia e noite.

Mais tarde, veio o desejo incessante de fallar de Francisco d'Albuquerque, de ver os outros interessarem-se pela sorte do infeliz capitão; de repartir emfim os tormentos que a consumiam com quem lh'os ajudasse a supportar. Foi então que Thereza olhou em torno de si, e percebeu a solidão em que se achava, e se aterrou com o triste aspecto d'aquella casa em que a haviam encerrado.

Costumada á vida de provincia, ao ar, á luz, ao perfume das flores, á liberdade do campo, á harmoniosa ondulação da aragem correndo por entre as folhas, e ao gorgear das aves voando de ramo em ramo, Thereza sentiu-se como encerrada n'um tumulto. Ar,

só coado pelas malhas da espessa gelosia ella o podia respirar: luz, só a de algum raio de sol amarellado e obliquo descendo a custo ao estreito becco dos Açougues, e a que, nem ao menos, podia aquecer as mãos, é que de longe ella podia gosar: flores, só as que enfeitavam os santos é que perfumavam a casa da tia Brizida: harmonias, só ouvia as que a dobadoira impertinente da beata, e o seu psalmejar contínuo e monotono de ave-marias, formavam todos os serões n'aquella melancolica habitação. A solidão é o que sobretudo pesava á triste provinciana. Buscou fallar de Francisco com a tia Brizida: mas esta, que voltara a casa com saudades dos seus habitos de quarenta annos, de que, por causa de sua sobrinha, se havia alguns dias afastado, só no seu querido Santo Antonio, em frei Thomaz e em beaterios sabia e queria cogitar. Josepha era tão estúpida e estava por tal fórma identificada com as ideias e costumes de sua ama, que se podia considerar apenas como um reflexo da tia Brizida em espelho baço e quebrado. Restava frei Thomaz do Espirito Santo, que, de dias a dias, vinha passar a tarde com a sua confessada: mas esse, já o dissemos, não havia arrancar-lhe palavra; e aquelle « sss! » sibilante com que elle respondia a quasi tudo, não era, não podia servir de consolação a quem tinha, como Thereza, a alma profundamente magoada.

Todas as tardes Luiz de Mendonça ia á porta da tia Brizida saber novas de Thereza: nos primeiros dias, quando esta lhe sentia a voz, acordava sobressaltada do

seu torpor, com a esperança de saber alguma coisa ácerca do desaparecimento de Francisco d'Albuquerque: mas quando, ás perguntas da beata feitas através do ralo da porta, ouvia Mendonça responder: — « Nada se sabe ainda; não ha nem vestígios d'elle » —, a infeliz orphan tornava a perder-se de novo nas suas melancolicas reflexões. Pouco a pouco, porém, Thereza foi-se habituando áquella voz que perguntava por ella com sincero interesse, e fallava d'aquelle, cuja perda tão amargamente chorava. Logo que pôde, foi ella propria á porta perguntar noticias, indagar se alguma coisa se havia descoberto d'aquelle mysterioso successo que lhe cobrira o coração de lucto. Se alguma vez Luiz de Mendonça tardava, Thereza, impaciente, corria de minuto a minuto á janella, e levantando a adufa olhava para o arco de Santo André, ou para a rua de S. Thomé para ver se elle chegava. Se o moço fidalgo do infante faltava alguma tarde em casa da tia Brizida, Thereza não podia dormir de noite; estava impaciente, afflicta, lavada em lagrimas todo o seguinte dia, e quando Mendonça voltava, fazia-lhe amargas queixas, pedia-lhe encarecidamente que a não deixasse n'aquella penosa incerteza tantas horas, que a não abandonasse em tão insupportavel solidão.

Mendonça, porém, só pouco tempo se demorava a fallar com Thereza, porque a tia Brizida não consentia que elle lhe entrasse em casa. E o elegante mancebo estava vivamente sentido pelo que, apesar de saber avaliar as exquisitices e exagerações de uma beata do seu

tempo, não podia deixar de considerar quasi como uma offensa.

— Que diria a visinhança, que diria o mundo se visse n'esta casa um homem tão novo, um moço fidalgo do senhor infante! — exclamava a tia Brizida, quando sua sobrinha lhe pedia que deixasse entrar em casa Luiz de Mendonça — Sabe Deus o que se dirá já por ahí de o verem todas as tardes entrar para a escada! O meu bemaventurado Santo Antonio me valha! Eu não quero que se pense mal da minha casa, filha: e nunca ninguém teve que lhe dizer até tu vires viver comigo!

— Mas, minha rica tia — acudia Thereza — bem vê que eu se fallo com Luiz de Mendonça é só para saber se ha alguma noticia de Francisco...

— Agora depois de morto! Pobre rapaz, Deus lhe falle n'alma!

— A mim custa-me a crêr que elle morresse. Ainda não perdi a esperanza de todo.

— Mas para teres essas noticias basta fallares um instante com Luiz de Mendonça; não é preciso que elle cá entre em casa.

— A falta de confiança com que minha tia o tracta tem-lhe causado muita pena: e se não fosse por ter dó de mim, elle ainda m'o não disse, mas tenho a certeza de que já teria deixado de vir aqui.

— Falta de confiança! Anjo bento! Pois eu havia de deixar entrar um rapaz, um rapaz que não é feio, em minha casa, uma casa de mulheres só! Que ideias que tens, Thereza! Eu sempre disse que teu pae, que

meu irmão, que Deus haja, te havia creado com muito mimo. Se tua mãe, — uma santa era ella —, se tua mãe não morresse quando tu eras ainda pequenina, ter-te-ia dado bons conselhos, e ensinado tudo o que uma donzella honesta deve saber.

Pouco satisfeita com o sermão de que não carecia, e verdadeiramente magoada com o não ter alcançado o que innocentemente desejava, Thereza ficava, depois de ter fallado com a tia Brizida, mais triste, mais saudosa, mais só do que nunca. Fechava-se na casa do oratorio, que lhe servia de quarto, e ahi chorava horas esquecidas. Era então que as imagens que a cercavam lhe pareciam funebres como a agonia, asperas e horri-veis como os extasis asceticos que representavam. Em vez de lhe excitarem sentimentos religiosos, o corpo descarnado e contorcido de Christo na cruz e o rosto livido e macerado de S. Francisco faziam-lhe pavor, causavam-lhe susto, aterravam-a.

O coração do homem é tão imperfeito como o seu espirito; é como elle egualmente sujeito a enganar-se, a tomar o erro pela verdade, a tomar o que é apenas ficticio pelo que é puramente real! As allucinações do coração não são menos extraordinarias do que as que offuscam a intelligencia; mas são quasi sempre mais duradoiras. Quantas vezes o coração, agitado por essa necessidade de sentir que continuamente o traz inquieto, se deixa prender por laços que mais tarde, quando passa a illusão, deseja quebrar para sempre? Quantas, enganado pela propria grandeza, julga amar nos outros

as nobres paixões que estão n'elle proprio? Quantas, arrastado pela imaginação — o coração tem tambem faculdades distinctas como a alma — quantas vezes, repetimos, arrastado pela imaginação cria elle em roda de si um mundo em que tudo são felicidades, ou, o que é mais geral ainda, um mundo triste, tenebroso, medonho? Muitas vezes o coração tem esperanças que nada justifica, desejos que nada póde satisfazer: ama o que não póde possuir, é indifferente ou odeia o que possui. Muitas vezes toma o habito pelo sentimento; confunde a amizade com o amor; o vago desejo com a paixão; a sympathia com as mais vivas sensações. Às vezes é um accidente que quebra as illusões do coração: outras é a acção lenta do tempo. Às vezes é a paixão ficticia que se desfaz como os vultos informes que levanta dos valles o tenue nevoeiro da madrugada: outras é uma paixão real, que destroe, quasi subitamente, a paixão que a imaginação só havia creado.

A quem não tiver em conta estas inexplicaveis singularidades do coração, difficil será comprehender o desejo invencivel, a imperiosa necessidade que Thereza sentia, ao cabo de dois mezes passados em casa da tia Brizida, em orações, em prantos e em saudosas recordações, de estar com Luiz de Mendonça, de lhe confiar as suas penas, de receber d'elle consolações, de lhe ouvir palavras de commiserção e amizade. Quem se recordar, porém, do modo por que nasceu pouco a pouco o amor de Thereza por Francisco d'Albuquerque; quem se lembrar da impressão dolorosa, mas pouco viva, que

lhe causou o apparecimento subito de uma rival preferida, quando ella, meiga como um anjo, solícita como a caridade, passava dia e noite á cabeceira do capitão moribundo; quem tiver por experiencia propria algum conhecimento do modo como no coração se transformam os sentimentos, se desenvolvem surdamente as paixões, sem grande difficuldade descobrirá a causa d'aquelle desejo, d'aquelle necessidade irresistivel que a candida provinciana tinha de consolação, de amizade, de meigas palavras, de alguma coisa emfim que lhe suavizasse o amargor da solidão em que vivia.

Vendo que nada podia alcançar directamente da velha beata, Thereza resolveu-se a pedir a frei Thomaz que intercedesse por ella. Uma tarde que a tia Brizida fôra ao Salvador assistir a uma novena, e que ficou só com o silencioso frade, Thereza resolveu-se a aproveitar o ensejo para pôr em execução o projecto que formara de conquistar a vontade do confessor de sua tia.

— Senhor frei Thomaz — começou ella quando se viu só com o frade — quero pedir-lhe um conselho e um favor.

O frade, a quem Thereza nunca até alli dissera palavra, estremeceu ao ouvir-lhe a voz; e levantando a cabeça fez-lhe um gesto para indicar que estava prompto para a escutar.

— Eu estava noiva do capitão Francisco d'Albuquerque, quando meu pae morreu. Não sei se minha tia lhe contou já a minha triste historia?

— Sss — fez o frade com um gesto affirmativo.

— E sabe tambem que este infeliz capitão foi victima... — Aqui Thereza lembrou-se que frei Thomaz do Espirito Santo era do mesmo sentir que sua tia; isto é, seguia o partido do valído. — Sabe que Francisco desapareceu da casa do senhor infante?

— Sss! — repetiu o graciano.

— Eu ainda não perdi a esperança de o tornar a ver. Não creio que elle morresse, que o matassem. Era um pobre provinciano que nunca fez mal a ninguém. Espero cada dia ter novas d'elle; e quando, como hoje, Luiz de Mendonça não vem, fico afflicta, doente, porque receio que elle se esquecesse de me vir trazer alguma boa nova.

Thereza calou-se depois d'estas palavras, e frei Thomaz ficou a olhar para ella, esperando que lhe explicasse a razão por que o havia tirado do seu socego. Vendo que a sobrinha da velha Brizida ficava calada, o frade resolveu-se a interrogar-a.

— O conselho? — perguntou elle.

— Queria que vossa reverendissima me dissesse se ficava mal a uma rapariga como eu fallar todas as tardes com Luiz de Mendonça... da mysteriosa catastrophe succedida a... um irmão seu — disse córando vivamente a provinciana.

— Não.

— Minha tia tem a esse respeito escrupulos, tem duvidas de consciencia, e por isso não consente que elle entre n'esta casa.

— Sss?

— Luiz de Mendonça está penalizado de ser tractado assim pela tia Brizida. É um fidalgo costumado aos usos da côrte, e custa-lhe o ser tractado com tão pouca consideração. Se não fosse tão boa pessoa, se não tivesse tanto dó de mim, ha muito que deixaria de aqui vir.

Thereza tornou-se a calar; e frei Thomaz a fazer um esforço sobre si mesmo para perguntar:

— O favor?

— Vossa reverendissima é quem podia convencer minha tia de que não ha peccado, não ha nenhum motivo de escrupulo em admittir em casa um homem tão honrado, tão nobre, tão virtuoso como Luiz de Mendonça. Não é esta a sua opinião, senhor frei Thomaz?

— É.

— Então promette fallar a minha tia n'isto, persuadil-a a mudar de resolução?

— Sss.

— Diga, senhor frei Thomaz: responda-me.

— Sim — disse o laconico graciano fazendo um esforço para pronunciar o monosyllabo, cujo uso abandonara havia muitos annos.

Frei Thomaz cumpriu a sua promessa; e Luiz de Mendonça, em vez de ser recebido na escada e de fallar com Thereza através do ralo da porta, foi admittido na casa da devota Brizida.

CAPITULO XXXI.

MADEMOISELLE NINON DE AMURAUDÉ.

Luiz de Mendonça acabava de chegar de Santo André, onde havia passado a tarde com Thereza, quando o infante o mandou chamar. Correu immediatamente á *galeria das armas*, e ahi encontrou sua alteza, sentado a uma mesa a escrever. Não querendo perturbal-o, e adivinhando logo, com prazer, para que fora chamado, o moço fidalgo ficou á porta esperando que D. Pedro terminasse o trabalho em que parecia profundamente absorvido.

Passados alguns minutos, o infante poz-se de pé, fechou a carta que escrevera, e, empurrando a cadeira com impaciencia, murmurou:

— Este Luiz de Mendonça sem chegar!

— Aqui estou á espera das ordens de vossa alteza

— acudiu Luiz de Mendonça, approximando-se do infante.

— Ah! Já ahí estavas! Esta carta é preciso que esta noite mesmo fique entregue... se fôr possível.

Mendonça recebeu a carta da mão de sua alteza, e fez uma reverente mesura.

— Entrega-a em mão propria, se sua magestade te fizer a honra de te admittir á sua presença. Senão dal-a-has a mademoiselle d'Amuraude.

Fazendo nova reverencia Luiz de Mendonça sahiu da galeria, correu ao quarto a vestir-se á franceza com todo o primor e elegancia d'aquelles tempos faustosos, e, embuçando-se n'uma ampla capa, cor de violeta, encaminhou-se para o paço.

A senhora Agostinha, a severa porteira da *portaria das Damas do paço*, que o leitor já conhece, quando ao abrir a porta deu com Luiz de Mendonça, nem pareceu admirada de que o moço fidalgo a viesse incommodar áquella hora, nem fez exclamações, quando este lhe disse, que precisava fallar a mademoiselle de Amuraude; pelo contrario, mostrando-lhe n'um fagueiro sorriso os seus dois ultimos dentes, disse:

— É o senhor Mendonça! Entre, entre que a menina Ninon ainda agora aqui esteve, a perguntar se vossa mercê não tinha apparecido por aqui.

— Pois vá dizer a mademoiselle Ninon, que eu trago um recado para lhe dar, que a espero aqui.

— Nada, nada. Venha subindo comigo, que ella não tarda ahí um minuto — disse a velha porteira fe-

chando a porta, e começando a subir com a ligeireza que lhe permittiam as suas tropegas pernas, a escada que levava ao corredor do dormitorio das damas, onde Luiz de Mendonça esperara, a primeira vez que veio ao paço com uma carta do infante para a rainha, que sua magestade o recebesse na sala *do lavor*.

Depois d'esta primeira mensagem, Mendonça voltara mais tres vezes ao paço com recados do infante para a rainha; mas em todas tres não só a entrada no mysterioso corredor lhe fôra vedada, o que pouca pena lhe havia causado, senão que em nenhuma lhe fôra concedido fallar e beijar a mão a sua magestade, o que profundamente o magoara. Mendonça parou pois na escada, á entrada da porta do dormitorio das damas, ancioso, tremulo, com o coração opprimido pela incerteza, pela desesperança de ver aquella por quem elle sentia um irresistivel amor: eahi ficou esperando que a senhora Agostinha fosse chamar mademoiselle Ninon d'Amuraude.

Não tardou muito que se não ouvissem no corredor passos rapidos e ligeiros, accentuados pelo bater dos chisposinhos de pau no ladrilho. Abriu-se a porta, e Mendonça viu, á luz do lampadario suspenso no topo da escada, a gentil Ninon d'Amuraude.

— Senhor Luiz de Mendonça! — disse Ninon fazendo-lhe uma mesura.

— Mademoiselle Ninon! — murmurou Mendonça fazendo uma reverencia.

— Que quer vossa mercê de mim?

— Uma carta do senhor infante para sua magestade...

— Dê-m'a cá — acudiu Ninon estendendo a mão, e sorrindo com travessura.

— Tenho ordem de sua alteza...

— Que ordena sua alteza?

— Que a entregue eu mesmo á rainha, nossa senhora.

— O senhor infante pensa que as suas mensagens serão mais bem recebidas pela rainha, minha senhora, quando vossa mercê lh'as entregar em mão propria? — perguntou a franceza, contendo a custo uma gargalhada.

— Eu repito apenas o que sua alteza me ordenou — atalhou Mendonça despeitado.

— Não duvido. Mas o que eu queria é que vossa mercê me explicasse a razão por que sua alteza lhe deu essa ordem.

— Não me cumpre a mim interpretar as intenções do senhor infante.

— Bem sei, bem sei. Mas eu queria saber só se o senhor infante duvida confiar-me as suas cartas, para eu as levar a sua magestade.

— Não, de certo que não.

— Então deve haver outro motivo...

— Estamos aqui a fallar um com o outro, e nossos amos esperam.

— Já está enfastiado de fallar comigo? — perguntou ella, lançando a Luiz de Mendonça um olhar lu-

zente, que podia decifrar-se, ou como uma zombaria, ou como a expressão de um amor nascente.

— Não, mademoiselle Ninon: lembro-me dos meus deveres, e mais nada.

— E para se lembrar dos seus deveres, que estão ausentes, esquece-se de mim, que estou presente — disse ella.

— Não é possível esquecer-me...

— Bem dizia sua magestade outro dia! — murmurou Ninon.

— Sua magestade dignou-se fallar em mim? — perguntou elle, ancioso.

— Sua magestade... fallou, fallou em vossa mercê ha pouco; quando estavamos, as damas francezas, a comparar a cõrte d'aqui com a d'el-rei Luiz XIV.

— E que disse?

— Os segredos da rainha, minha senhora, não são para eu os contar a toda a gente.

— Mademoiselle!...

— Lembro-me tambem dos meus deveres.

— Diga, diga-me... não sei se é ousadia pedir-lhe que me diga...

— O que sua magestade pensa de vossa mercê?... A rainha, minha senhora, apenas disse...

— O que?

— Que vossa mercê era como o resto dos portuguezes.

— O que significam essas palavras de sua magestade?

— A côrte do grande Luiz XIV é muito differente da côrte de Portugal — disse mademoiselle d'Amuraude, rindo. — Não se tracta agora de comparar as duas côrtes, mas sim de entregar a carta do senhor infante — proseguiu ella. — Dê-m'a vossa mercê, para eu a levar á rainha.

— Não é possível ter eu a honra de beijar a mão de sua magestade?

— Talvez: mas é preciso que eu saiba primeiro se a rainha o quer admittir á sua real presença a esta hora. É contra a etiqueta, contra os usos da côrte; e não é provavel que sua magestade consinta em faltar, por causa de vossa mercê, aos preceitos da respeitavel camareira-mór, da senhora marquez de Castello-Melhor — disse d'Amuraude com ironia.

— Eu esperarei pelas ordens da rainha — respondeu Luiz de Mendonça.

Ninon olhou um instante para elle, e lendo-lhe na cara a magoa com que pronunciara estas palavras de resignação, em vez de se commover pareceu sentir com essa magoa uma alegria maligna. Sorriu-se, e estendendo para Mendonça a mão alva, pequena e de uma fôrma perfeitissima, disse-lhe:

— É de um vassallo que sabe amar devéras a sua soberana esse desejo que vossa mercê mostra ter de beijar a mão á rainha. Farei o que estiver ao meu alcance para que obtenha a felicidade que appetece, senhor: mas se a rainha não consentir em o receber

hoje, quero ao menos que, para se consolar, escute alguns instantes a voz de sua magestade.

— Como?

— Siga-me — respondeu ella, fazendo signal a Luiz de Mendonça que a seguisse. E entrou no dormitorio das damas.

Mas apenas tinha dado alguns passos parou, e pondo a mão direita no braço do moço fidalgo, e levando á boca o indicador da mão esquerda, como para recomendar silencio, ciciou-lhe ao ouvido:

— Nem palavra. Ande nos bicos dos pés, para que o não oiçam.

— Para onde me leva? — murmurou Mendonça.

— Para ao pé da rainha.

— Sem seu consentimento?

— Ella não o verá; não saberá que vossa mercê a escuta.

— Mas é uma... uma coisa que a póde comprometter, mademoiselle Ninon.

— Não tem duvida.

— Eu não devo...

— Não quer. Então fique, espere alli na escada que lhe eu traga a resposta de sua magestade.

— Mademoiselle...

— Dê-me a carta, senhor.

— Mas...

— A carta! — repetiu ella baixinho, e batendo o pé com impaciencia.

— Aqui está. — E Mendonça entregou-lhe a carta de D. Pedro.

Vendo que elle voltava triste e abatido para a escada, Ninon d'Amuraude tornou a pegar-lhe do braço, e detendo-o, perguntou-lhe:

— Então recusa?

— Eu...

— Venha. E prometta guardar inviolavel segredo de tudo que ouvir...

— Pois hei de ir surprender os segredos da rainha...

— Não creio que a rainha esteja fallando agora dos seus segredos; se o acreditasse não levaria a vossa mercê onde lh'os pudesse escutar. Mas como sua magestade, quando conversa com as suas damas em intimidade, manifesta sempre saudades da nossa cara França, que não são muito lisongeiras para os portuguezes — proseguiu sorrindo a d'Amuraude — parece-me conveniente que prometta, senhor, não repetir a ninguem uma só das palavras que ouvir.

— Não é preciso prometter. As palavras de sua magestade são um thesouro que eu só para mim quizera conservar intacto.

— Prometta sempre...

— Juro.

— Então venha; que este logar aqui não é conveniente para uma rapariga estar conversando em segredo com um moço fidalgo. Cada uma d'estas portas tem dois olhos que tudo espreitam, e creio que mil bocas

para contar, não só o que os olhos viram, mas até o que desejavam ver.

Os leitores talvez se recordem ainda que o corredor, em que se passava esta scena, ia dar á porta da sala onde trabalhavam ao serão as *moças de labor* da rainha. Foi por essa porta que mademoiselle Ninon fez entrar Luiz de Mendonça. A sala estava deserta e quasi ás escuras; e, pé ante pé, a graciosa franceza e o seu companheiro tinham-a já atravessado, sem que nada se oppozesse ao bom exito d'aquella excursão nocturna, que elle emprehendera levado só por um irreflectido sentimento de amor e ella por bondosa commiserção, ou, quem sabe? talvez por um pensamento malicioso; quando uma porta se abriu, e appareceu na penumbra de escassa luz, que vinha da casa immediata, o vulto de um homem.

Apertando o braço de Mendonça, mademoiselle de Amuraude murmurou-lhe ao ouvido:

— Embuce-se na capa, e não diga palavra. É Estevão de Castilho.

O criado francez da rainha ouviu o ciciar da voz, viu os dois vultos, e reconheceu immediatamente Ninon d'Amuraude. E ninguem estranhará esta facilidade com que Estevão de Castilho reconheceu a gentil dama, quando souber que havia mezes se ajustara entre elles casamento, com approvação d'aquella a quem ambos serviam.

O que Castilho padeceu n'aquelle instante póde só imaginal-o quem já amou devéras, e sentiu o ciume

entrar-lhe subita e inesperadamente na alma. Foi como se o sangue se lhe conglobasse todo longe do coração, para depois vir em massa a quebrar-lhe o peito, a opprimil-o, a suffocal-o: foi como se as ideias se lhe extinguissem por um instante, para depois voltarem aos milhões, confundidas, mutiladas, em inextricavel cardume.

Deu alguns passos para se approximar de Ninon, e ia para soltar um grito, quando esta, pondo-lhe a mão na boca, lhe disse baixinho:

— Cala-te, Estevão.

— Ninon!... — exclamou Estevão suffocado.

— Cala-te, que t'o peço eu.

— Quem é este homem? — acudiu elle com colera.

— Segredo da rainha...

— Da rainha! Sua magestade sabe...

— Não sabe; não sabe ainda! Deixa-nos, vai-te.

Fia-te em mim, que te amo.

E pondo outra vez a mão na boca do francez para que elle lh'a beijasse, repetiu mais baixo:

— Amo-te.

Castilho, em vez de beijar a mão da sua noiva, deitou a cabeça para traz, murmurando apenas alguns sons inarticulados, e sahiu rapidamente da sala.

— Meu pobre tigre — disse entre triste e alegre mademoiselle d'Amuraude — hei de quebrar-te as iras.

— Compromette-se por minha causa, senhora; e eu não posso consentir... — acudiu Mendonça, que assistira afflicto a esta scena de ciume.

— Não importa — atalhou ella. — Não me comprometto. É bom que Estevão vá perdendo os zelos para poder ser um bom marido. Vamos ; não nos demoremos mais aqui.

Luiz de Mendonça deixou-se conduzir então por um corredor estreito e bastante comprido, onde não havia nem o minimo clarão de luz. No fim do corredor Ninon abriu cautelosamente uma porta, afastou um reposteiro, que pelo ranger o moço fidalgo percebeu que era de droga de seda, e fazendo-o entrar em uma casa, cujo chão estava coberto por fôfa alcatifa em que os pés pousavam sem causar ruido algum :

— Espere aqui por mim — lhe disse ella. — Escute, e ouvirá a voz da rainha. Até já. Silencio e prudencia.

E largando o reposteiro, sahiu, deixando Luiz de Mendonça no mysterioso camarim.

CAPITULO XXXII.

SEGREDOS DA RAINHA.

Luiz de Mendonça tremia todo; escalafrios contínuos lhe percorriam o corpo, como se estivesse em perigo de vida. Intima voz lhe dizia que n'aquelle instante elle ia perder a sua ultima illusão, se não a sua ultima esperança. E para os homens da tempera de Mendonça, que na lucta da vida tem visto apagarem-se, extinguirem-se umas atraz das outras a maior parte das suas primeiras crenças, não tanto pelos influxos nocivos da sociedade, pelos actos praticados por aquelles a quem tem querido com todo o fogo das paixões juvenis, como pela contínua acção corrosiva do seu proprio espirito, sempre prompto a despoetisar pela desconfiança, pelo receio exagerado de se enganar, os mais castos, mais suaves, mais bellos sonhos da alma, o susto de ver desaparecer a felicidade phantasmagorica

que, á custa de arte, pelo esquecimento do passado, pela combinação de antigas recordações e de saudades ainda não extinctas com vagas esperanças, elles puderam pela ultima vez imaginar, é peor, muito peor que o susto da morte. Mendonça tremia, porque no espirito lhe pesava indefinido receio, que os esforços da sua razão buscavam em vão destruir.

Do lado opposto áquelle por onde elle entrara no mysterioso camarim vinham sons de vozes femininas, interrompidos ás vezes pelos sons mais agudos e entrecortados de vibrantes gargalhadas. Quando a primeira perturbação se lhe calçou um pouco, Mendonça começou a perceber distinctamente o que se dizia, e reconheceu entre aquellas vozes a voz da rainha. Movido por uma força intima que irresistivelmente o impellia, o moço fidalgo foi-se pouco a pouco approximando do lado d'onde partiam as vozes; e por fim acabou por se encostar á porta que separava o camarim da casa onde a rainha estava com as suas damas.

— Faça-nos vossa magestade essa mercê — dizia uma dama, quando Mendonça se approximou da porta.

— Repita-nos vossa magestade esses versos que já estão feitos — acudia outra.

— Não, agora não. Quando a elegia estiver acabada — respondeu a rainha.

— Vossa magestade prometteu-nos...

— Repetir-lhes as strophes que hoje escrevi. Mas arrependi-me. Receio que não gostem... — respondeu sua magestade.

Aqui a rainha foi interrompida por um côro de louvaminhas, a que Mendonça juntou em espirito mil phrases da mais requintada lisonja, mas que eram apenas a expressão incompleta da sua sincera admiração.

— Para as satisfazer repetir-lhes-hei os meus versos — disse a rainha. — Mas não de dizer-me sinceramente o que pensam d'elles. São em francez já se sabe, mas quasi todas me podem entender.

A estas palavras seguiu-se um profundo silencio. A conversação precedente fôra em castelhano, porque parte das damas que estavam com a rainha eram portuguezas, e não fallavam o francez, e por isso Luiz de Mendonça percebera tudo quanto se havia dito. O castelhano era-lhe familiar como a todos os portuguezes n'aquelle tempo. Para entender, porém, a poesia franceza que a rainha ia repetir, Mendonça poz-se a escutar com toda a attenção, a fim de não perder nem uma syllaba, e poder assim decifrar a significação d'aquelles versos, que elle admirava já antes de os ouvir.

A rainha, no meio do silencio geral, começou então a declamar com voz suave, melancolica e expressiva as seguintes endeixas:

Oh mortel enchanté des vanités du monde
Et charmé des plaisirs dont tu crois qu'il abonde,
Arreste icy tes pas, et considere un cœur
Qui, comme toi, dans lui fonda tout son bonheur !

Voyant ce qu'il a fait, juge si sa manie
Doit paroître a tes yeux, ou sagesse, ou folie ;
Il suivit les plaisirs, il chercha les grandeurs,
Et crut ne les pouvoir jamais trouver ailleurs.

Mais au comble des biens dont l'Univers abonde
Et de tous les honneurs que peut donner le monde
Rien n'a pu le fixer dans ses desirs flotants,
Et rien n'a jamais pu rendre ses vœux contens.

Il lui manquoit toujours quelque chose en lui même
Pour pouvoir parvenir à ce bonheur supreme,
Dont la flateuse idée occupoit ses desirs,
Sous l'appas seducteur des terrestres plaisirs.

Après donc avoir fait ces diligences vaines,
Et pour y réussir essuyé mille peines,
Il reconnut enfin que qui veut etre heureux
N'en doit jamais faire les objets de ses vœus.

— É por aqui que ficou a poesia : não é ainda nem metade — disse a rainha, quando acabou de declamar.

— Que bellos versos ! Que lindos pensamentos ! — exclamaram algumas damas.

— Que pena que nós não saibamos ainda francez para entender os versos de sua magestade ! — acudiram outras.

— É encantadora essa elegia, minha cara rainha. Agora ainda me pareceu melhor, que da primeira vez que tive a ventura de lh'a ouvir — atalhou uma voz, que Mendonça reconheceu ser de Ninon d'Amuraude.

— Achal-a bonita ?

— É a expressão verdadeira de um sentimento que eu sempre conheci a vossa magestade — respondeu Ninon em tom de brincadeira.

— Que sentimento, Ninon ?

— Vossa magestade permite que eu diga...

— Tu podes dizer tudo. Usar, e até abusar da minha amizade.

— Então digo. O sentimento que inspirou esses versos a vossa magestade é, claramente se vê, é...

— O quê?

— A inconstancia.

— A inconstancia, Ninon? — exclamou a rainha, rindo — A inconstancia só?

— Talvez outro sentimento ainda; mas esse...

— Esse pódes dizel-o tambem, que me não pejo de o ter. É a saudade da França...

— E dos francezes, minha querida rainha.

— Ninon!

— Dos francezes. Eu e estas damas, todas nós temos saudade da côrte do grande Luiz XIV.

— Ha pouco estavamos a fallar d'aquelles phantasticos bailes do Mazarino, e das loterias preciosas que elle fazia na galeria pintada pelo celebre Romanelli — disse a rainha.

— E as loterias trouxeram á lembrança de vossa magestade os bellos fidalgos da côrte de França. Não é assim?

— És má, Ninon!

— Perdoe-me vossa magestade. Não posso atinar onde vossa magestade possa ver maldade n'esta minha pergunta singela.

— Eu conheço-te. Sei que, franceza d'alma e coração, não perdes occasião de fallar nas historias, nas anedotas que te fazem rir; mesmo quando as tuas palavras offendem o coração da tua protectora, da tua

amiga — acudiu a rainha com a voz ligeiramente com-movida.

— Minha rainha, minha senhora!... Eu não queria...

— Não querias fazer-me mal, bem sei, Ninon. Querias rir...

— Nem rir queria, não queria nada.

— Não és sincera. Não te envergonhes, Ninon? Conta já agora a estas damas a historia da loteria do marquez de Lauzun... historia inventada pela Montespan.

— A Montespan! Uma mulher má, uma ingrata! Capaz era ella de calumniar vossa magestade! — disse uma das damas francezas.

— A marquez de Montespan é actualmente a amante d'el-rei Luiz XIV, não é verdade? — perguntou uma das damas portuguezas.

— É. Fingiu-se amiga da pobre La Vallière para a trahir depois, para lhe tirar o coração do rei — respondeu a rainha.

— E abandonou o marido que tanto lhe queria — accrescentou a dama que primeiro fallara contra a Montespan. — O pobre marquez, para salvar a sua honra, fez um escandalo que deu que fallar a toda a côrte.

— O que foi?

— O marquez de Montespan participou á côrte que estava viuvo, quando soube que sua mulher era amante d'el-rei. Cobriu-se de lucto, armou de negro o seu pa-

lacio, e fez cantar um officio de defunctos, a que assistiram todos os seus amigos.

— Se não fosse a Montespan terieis vós agora por companheira uma das mais graciosas, das mais bellas damas de França — disse a rainha. — A Scarron, viuva de um homem de talento bem singular.

— A marquez de Montespan foi a culpada de vossa magestade não trazer essa dama na sua companhia?

— Foi, foi a marquez quem despersuadiu a Scarron de que viesse viver comigo para Portugal. Tinha-lhe promettido fazel-a minha dama de honor e ella estava prompta para me acompanhar, quando a Montespan lhe metteu em cabeça que Lisboa era uma cidade horrivel, e a côrte aqui uma côrte de selvagens.

— Como podia ella saber se Lisboa era feia ou bonita, e a côrte portugueza de selvagens ou de galantes sem nunca ter visto fidalgos... — acudiu, escandalizada uma das damas portuguezas.

— Ai não te admires, Ignez — respondeu a rainha. — Nós em França suppomos que o resto do mundo é povoado de barbaros. E raras vezes nos enganamos — accrescentou a rainha, melancolicamente.

— Não me admira já que uma mulher d'essas levantasse um falso testemunho a vossa magestade! — exclamou a dama portugueza.

A esta exclamação seguiram-se alguns instantes de silencio. Todos pareciam ter receio de fallar outra vez na historia da loteria, a que mademoiselle d'Amuraude

se referira talvez inconsideradamente, e que tanto escandalisara a rainha.

O coração de Mendonça havia mais de uma vez convulsivamente estremecido durante esta conversação, em que o espirito da rainha vagava incerto de recordação em recordação, de saudade em saudade. O nome do marquez de Lauzun, de que ouvira fallar muitas vezes como do mais bello, mais faustoso, mais elegante fidalgo da corte de França, pronunciado por sua magestade causára-lhe uma impressão tão inexplicavel, como se aquella palavra tivesse o magico poder de lhe mudar a sorte, de o fazer para sempre desgraçado ou feliz. Mendonça estava ancioso por ouvir a historia da loteria: ás vezes parecia-lhe que por aquella historia elle poderia apreclar a alma e o coração da rainha; outras, acreditando nas palavras d'esta, receava ouvir uma calumnia, odiava a Montespan, e lamentava a sorte da infeliz princeza, que fôra victima da maledicencia da amante de Luiz XIV. Havia comtudo na collera da rainha, no modo por que ella fallara do successo que excitava a curiosidade do moço fidalgo, na expressão das suas saudades pela França, o quer que era de apaixonado, que punha Mendonça na incerteza, que o fazia duvidar da sinceridade da formosa princeza. Detendo a respiração, e pondo a mão sobre o coração para lhe moderar os baques descompassados, Mendonça esperou, para se desenganar da verdade, que a rainha respondesse á dama, cuja exclamação havia de novo levado a conversação para o ponto deli-

cado, d'onde todas as damas francezas pareciam que-rel-a afastar.

— Foi uma calumpnia, um falso testemunho — exclamou a rainha, rompendo o silencio — sem motivo, sem fundamento algum. Não é assim, Ninon?

— É verdade, minha senhora.

— Já que se fallou d'isso, será bom que estas senhoras saibam o que a Montespan inventou contra mim e contra minha irman de Saboya. Lauzun é um dos mais galantes cavalheiros da França, não é verdade, Ninon?

Aqui Luiz de Mendonça teve uma vertigem, e se não estivesse encostado á porta do camarim teria cahido redondamente no chão.

— O marquez de Lauzun é o fidalgo mais bello do mundo — respondeu Ninon, approximando-se da porta por detraz da qual ella sabia que estava Mendonça. — E todas as mulheres em Paris morrem de amores por elle.

— Todas não, Ninon — acudiu sua magestade com voz tremula.

— Todas não, diz bem vossa magestade. Mas a maior parte.

— A Montespan disse, que eu e minha irman tambem eramos das que estavam namoradas do gentil marquez — proseguiu a rainha.

— Calumniadores! — exclamou, rindo, mademoiselle d'Amuraude.

— De que te ris, Ninon?

— Ao lembrar-me da maledicencia de todos aquellos francezes, não posso deixar de me rir — respondeu a dama. — Perdoe-me vossa magestade; rio-me de raiva. Toda a côrte, toda, calumniou a vossa magestade.

— Ai Ninon, que não tens emenda!

— De que quer vossa magestade que me eu emende? De ter raiva aos francezes?

— Esqueces-te ás vezes de que estás fallando comigo.

— Não me esqueço, não, minha querida rainha. Lembro-me de que vossa magestade está aqui n'esta côrte, onde parece que todos andam o anno inteiro de lucto e vivem como frades no convento, para só se cobrirem de gallas e arrancar o cilicio nos dias de tourada. Lembro-me de que n'esta côrte só ha alegria para lutar nas praças com as feras, só ha espirito para urdir intrigas politicas; e quero, com as minhas loucuras, fazer rir vossa magestade, fazer-lhe esquecer que está a um sem numero de leguas do nosso Paris.

— Tens razão. Dize quanto te vier á cabeça, que tudo fica perdoado desde já.

— Vossa magestade é um anjo!

— Disse a Montespan, disseram todos na côrte de França que eu e minha irman, a princeza de Nemours, estavamos namoradas de Lauzun — proseguiu a rainha. — Se era ou não verdade, não serei eu que vol-o diga, porque... porque não vale a pena. Não é d'essa calumnia que eu accuso a Montespan.

— Então qual foi a outra falsidade que ella levantou contra vossa magestade? — perguntou uma dama.

— Espalhou na côrte, que nós, eu e a princeza minha irman, havíamos ajustado jogar em loteria o marquez de Lauzun...

— Jesus!

— E que, áquella que ganhasse, pertenceria o marquez e o patrimonio de ambas.

— E a outra?

— Iria viver n'um convento.

— A quem sahio o marquez?

— A nenhuma, Ignez — respondeu a rainha. — Pois eu não te disse, que tudo isto era uma historia inventada pela Montespan!

— Eu queria dizer... perguntava a vossa magestade a qual das duas princezas a Montespan disse, que a sorte havia sido favoravel? — balbuciou Ignez.

— Foi a mim que me cahiu o numero premiado. A sorte deu-me o bello Lauzun, mas elle...

— Elle?

— Tudo isto é uma calumnia infame! — insistiu sua magestade com vehemencia. — Elle, — disse-o, atreveu-se a dizel-o a Montespan — para se não sujeitar á sorte, foi pedir a el-rei, meu irmão, que não consentisse no nosso casamento. Lauzun recusar a minha mão!

— Recusar a mão de vossa magestade para se ir, casar depois com mademoiselle de Montpensier, quem o ha de acreditar! — disse Ninon.

— Ninguém. Mas a calúnia não é menos calúnia por isso! — exclamou a rainha — Se alguém acreditou em França tão absurda historia estará já agora desenganado, ao ver Lauzun casar-se secretamente com mademoiselle, que tem mais quatorze annos do que elle, que tem quarenta annos feitos.

— Sabiu-lhe caro o casamento!

— É verdade. Pobre Lauzun, coitado! El-rei mandou-o prender em Pignerol. Tenho tido uma pena!

— Vossa magestade não intercede por elle?

— Hei de empenhar tudo para o livrar. Já escrevi a Luiz XIV duas cartas; ainda não sei, porém, se as minhas supplicas foram attendidas — respondeu sua magestade vivamente commovida.

O que se passou na alma de Luiz de Mendonça, em todo o tempo que durou esta conversação que Ninon o obrigara a escutar, não é facil descrevel-o. Umas vezes accommettiam-no accessos de ciume, outras cahia em desalento. Figurava-se-lhe que, assim como aquella a quem elle apaixonadamente queria, quando princeza, amara um fidalgo que lhe não correspondia, agora, apesar de rainha, talvez o pudesse amar a elle, que a requestava; e então um raio de esperança lhe surgia no espirito: depois, lembrando as passadas desventuras, chamando á memoria os martyrios do primeiro amor, os desconsolos de uma vida passada em esperanças nunca realisadas, o infeliz mancebo buscava arrancar de si aquelle sentimento, que elle odiava e de que tinha medo. Levando as mãos aos ouvidos para não

perceber o que se dizia na casa proxima, Mendonça buscava um allivio de que lhe não era dado gosar: a voz da rainha ia-lhe direita ao coração, as palavras chegavam-lhe claras e distinctas ao centro das percepções. Entre esperançoso e desconsolado, mas sempre ralado pelo ciume, Mendonça aguardou que mademoiselle d'Amuraude viesse pôr termo ao martyrio a que, por inexplicavel capricho, ella o havia condemnado.

— Não pense vossa magestade agora em coisas tristes. Esqueça-se da França se é possível — disse mademoiselle d'Amuraude, depois de um instante de silencio. — Se vossa magestade quer tomar conhecimento da mensagem, que lhe mandou sua alteza...

— Sua alteza mandou alguma mensagem? — perguntou a rainha.

— Sim, minha senhora.

— E estavas calada com isso! Onde está o mensageiro? Que manda o infante dizer?

— O mensageiro queria entregar pessoalmente a vossa magestade a carta do senhor infante.

— É uma carta? Vai-lh'a pedir.

— Aqui a tem vossa magestade.

Houve depois alguns minutos de silencio, passados os quaes a rainha disse ás suas damas:

— Podeis retirar-vos. Tenho que dictar uma carta a Ninon. Voltareis depois.

— Se vossa magestade permittir... — acudiu Ninon balbuciando.

— O que é?

— Parece-me melhor ir vossa magestade para o seu quarto. Está frio aqui...

— Frio; não acho que faça aqui frio.

— Lá estaria eu melhor para ter a honra de escrever o que vossa magestade dictar.

— Está bom! Fazes gosto n'isso; vamos.

E Mendonça ouviu então os passos da rainha e das damas que sahiam da sala contigua.

Mais de meia hora ficou o triste namorado, para quem aquella fóra a noite dos desenganos, só e ás escuras no camarimzinbo, onde tudo recendia suaves perfumes, tudo parecia fallar de amor, onde se sentiam, tenues e penetrantes, os suaves effluvios que cercam, como aura magnetica, a mulher formosa. Cada um d'aquelles objectos, porém, que n'outra occasião elle beijaria como santas reliquias, aquella ar purificado pela presença da rainha que Mendonça, se a sua alma não estivesse dilacerada pelo ciume, respiraria em extasi de felicidade, só lhe causavam acerbo padecer, incomportavel martyrio.

Deixemos tambem só Luiz de Mendonça, como o deixou mademoiselle d'Amuraude, para seguirmos esta e a rainha. Talvez d'este modo nos seja possivel entrever ao menos os intrincados enredos, por meio dos quaes a astuciosa esposa de Affonso VI buscava, no tempo em que tiveram lugar os successos que vamos narrando, alcançar inteiro dominio na vontade de todos os que na côrte tinham poder e influencia, governar, dirigir os negocios politicos, e assentar por uma vez sobre se-

guras bases o predomínio da influencia franceza em Portugal.

— Ninon — disse a rainha apenas se viu só com a sua valida — tu és ingrata.

— Eu, minha cara rainha, eu ingrata?

— Ingrata, sim. Confio-te, entrego-te os meus segredos todos, e tu...

— Guardo-os muito bem guardados.

— O que hoje foste dizer diante d'aquellas damas...

— Em primeiro lugar não é um segredo dos que vossa magestade me confiou.

— Mas pôde comprometter-me.

— Uma calúnia da Montespan, d'aquella malevola Montespan! — acudiu Ninon, rindo — Um testemunho compromette só a quem o levanta.

— Basta de brincar, Ninon. Não sei se devia continuar-te a dizer os meus segredos; mas emfim tu és a minha unica... amiga.

— Sou a respeitosa e humilde serva de vossa magestade.

— Nem respeitosa, nem humilde; nem uma, nem outra coisa tu és! — disse a rainha, pondo-lhe familiarmente a mão no hombro.

— Minha senhora!

— Anda, senta-te aqui, e escreve. O mensageiro do infante está á espera. Elle é?...

— O pobre Luiz de Mendonça.

— O do lenço? — perguntou sua magestade sorrindo.

— O que apanhou com risco de vida o lenço de vossa magestade nos toiros.

— Ainda está namorado?

— Está ainda, está cada vez mais namorado.

— Coitado!

— Se eu o pudesse curar do perigoso mal de que elle enfermou, cural-o-ia com prazer.

— Mas não pódes, Ninon?

— Os olhos de vossa magestade quando ferem no coração é de morte. Se elles são tão bonitos!

— Lisongeira! Anda, escreve e não fallemos mais n'isso.

— Mas elle pediu para beijar a mão a vossa magestade.

— Agora?

— Sim, real senhora.

— Ai! que impertinente! Dize-lhe que não estou para dar esta noite beijamão.

— Com essa dureza tracta vossa magestade a quem a ama?

— Tens razão, Ninon. Dize-lhe que eu estou doente, que tenho dôr de cabeça. Dize-lhe o que melhor te parecer para o consolar. Mas não o faças esperar mais; pega da penna...

— Onde elle está, está bem.

— O infante já soube, já lhe chegou aos ouvidos a feliz nova de que eu *tenho esperança* de dar um herdeiro á coroa — proseguir sua magestade, rindo.

— E essa nova causou-lhe grande alegria?

— Causou, ao que parece. Mandou-me logo uma carta, em que se congratula pela felicidade que eu vou dar a este reino.

— Ambição e amor, tudo vossa magestade cortou com uma palavra ao desgraçado infante.

— Tens dó d'elle, Ninon? Queres que eu lhe ponha termo aos padecimentos dizendo-lhe a verdade? Perderei a victoria que é certa d'este modo. Não se fará a liga com a França, ficarei sem o apoio de Luiz XIV, mas para te dar gosto, para não offender nem de leve a ambição e o amor de sua alteza, farei quanto me aconselhares.

Estas palavras disse-as a rainha com tal ironia, que a propria Ninon olhou para ella como assustada; susto que cresceu, quando a princeza proseguiu, dizendo:

— Tu que sabes tudo, Ninon, que tens na tua mão o remedio que póde cortar pela raiz os males que atormentam a ambição e o amor do infante, porque não vaes ao Côte-Real dizer quanto sabes? Sua alteza ser-te-ha grato, pagar-te-ha bem tão relevante serviço.

Mademoiselle d'Amuraude, com os olhos baixos, as mãos apertadas ao peito, curvou um joelho e murmurou angustiada:

— Minha senhora, minha rainha, perdoe-me vossa magestade se a offendi. Foi involuntariamente que o fiz, perdoe-me. Os segredos de vossa magestade não os ha de saber ninguem. E ha segredos...

— Que nem as paredes devem ouvir, Ninon. Levanta-te. — E a rainha estendia a mão á sua favorita.

— Levanta-te. Não tenho que te perdoar, porque me não offendeste.

Fazendo um afago a Ninon, e obrigando-a a sentar-se á mesa sobre que estava o papel para escrever, sua magestade começou a dictar a resposta á carta de D. Pedro.

A carta que a rainha dictou era unicamente composta d'essas phrases de convenção que, sendo a expressão exagerada dos mais puros e nobres sentimentos, nada significam; porque o uso lhe tem feito perder o valor e transformado o sentido de cada uma das palavras que as compõem. Sem confirmar nem negar a nova que tão viva impressão causara no infante, sem lhe dar esperanças nem o desenganar, a carta da rainha era um modelo d'aquelle estylo ambiguo, vacillante, palavroso e vago, que tem feito a gloria dos diplomaticos e intrigantes politicos desde aquelle seculo de diplomacia e intriga até aos nossos dias.

Terminada a carta, mademoiselle d'Amuraude foi entregal-a a Luiz de Mendonça, que a recebeu quasi sem ouvir as desculpas que, em nome da rainha, lhe dava a gentil franceza por lhe não ser concedida a graça que elle pedira de beijar a mão a sua magestade. Os successos d'aquella noite haviam posto em tal estado de perturbação as faculdades do namorado mancebo, que elle nem teve força para responder a Ninon, e deixou-se conduzir por esta até á *portaria das Damas* sem dar quasi pelo que fazia.

Á sahida do pateo da capella estava um homem

embuçado em amplo capote, que se approximou d'elle para o reconhecer, e que depois o foi seguindo passo a passo até ao Côte-Real. Mas Mendonça, absorvido nas suas dolorosas cogitações, nada viu; e chegou ao Corpo-Santo sem desconfiar de coisa alguma.

CAPITULO XXXIII.

ANICETO MULETA RESOLVE SALVAR A PATRIA.

Deixamos o senhor capitão Aniceto Muleta correndo para o Terreiro do Paço a bom correr. E o caso era para isso; porque o perigo, em que o puzera a sua insaciavel curiosidade, fôra dos maiores a que n'aquelles tempos podia expor-se qualquer capitão de milicianos. Descobril-o alguém da casa do infante, quando elle estava escondido por detraz de um reposteiro a espreitar as palavras e os gestos de sua alteza, era o mesmo que ser agarrado por quatro mulatos da cavallariça e azurragado no pateo do Côrte-Real até já se lhe não sentir folego de vivo. A justiça seria prompta; e entre o crime e o castigo talvez mediassem minutos apenas.

Escapou, porém, o senhor Aniceto a tamanho risco, graças a essa protecção que o demonio dá aos que

o servem; e bem-dizendo o instante em que se via longe do Corpo-Santo, parou emfim de correr no meio do Terreiro do Paço, e poz-se a meditar nos perigos e vantagens da sua situação.

Meditou, meditou, mas nada concluiu; porque as ideias andavam-lhe em tal confusão e barafunda, que elle não podia atinar com o fio que prendia umas ás outras. Resolveu, pois, recolher-se ao convento da Graça, onde o seu amigo frei Thomaz do Espirito Santo lhe arranjava por alguns dias uma cella para dormir e um logar na mesa do refeitório.

Tomou pela rua Nova direito á Sé. Trepou apressadamente a calçada que vai aos antigos paços reaes, transformados já então em prisão de criminosos. Passou, correndo, pela estreita rua de S. Thomé, e chegou emfim á portaria do convento da Graça.

Os frades estavam á ceia: e esta nova, que o porteiro do convento deu ao senhor Aniceto com um sorriso de satisfação porque esperava que fosse recebida como uma boa nova, não teve poder para desenrugar o sobre-olho do preocupado capitão. Em vez de se encaminhar para o refeitório, o senhor Aniceto Muleta subiu as escadas que iam dar ao seu quarto, pedindo ao porteiro que avisasse frei Thomaz que elle lhe desejava fallar n'aquella mesma noite.

Frei Thomaz do Espirito Santo, que era o mesmo silencioso frei Thomaz que o leitor já conhece de casa da tia Brizida, não se fez esperar. Mal acabou a ceia, correu logo ao quarto do illustre miliciano; resolvido,

não a fallar, porque para tanto se não sentia elle com forças, mas a escutar com muita attenção as palavras do seu amigo.

Está dito já agora, nem é possível escondel-o por mais tempo. Frei Thomaz, o pacífico, o modesto, o honrado, porque o era e muito, o honrado frei Thomaz tinha amizade intima com o capitão Aniceto Muleta, grande bulhento, apesar de medroso; grande sanfarrão e grandissimo velhaco. Explicar como esta amizade existia, não é possível talvez. A attracção, a combinação intima de substancias com qualidades oppostas está-se cada dia observando na natureza inorganica; e é até entre corpos, que mais afastados parecem pelas suas propriedades, que melhor se manifesta a *affinidade*, essa força que une e consubstancia uns nos outros os elementos. Esses fluidos imponderaveis, auras velozes que correm pela terra como principios vitaes, animando-a, dando-lhe formosura, movimento e vida, esses fluidos, que mais participam das qualidades dos espiritos, que das propriedades da materia, tambem só quando oppostos se attrahem. Se as coisas se passam d'este modo na natureza, não é para admirar que o amor e a amizade, essas attracções, essas affinidades electivas se dêem de preferencia entre individuos de mui diverso e até de opposto character. São geraes e simples as leis que regem o mundo; e quando bem se pensa no que succede na immensidade do espaço, e n'este pequeno globo — pequeno, pequenissimo em tudo e por tudo — em que vivemos, perde-se totalmente a faculdade de

admirar o bem ou o mal, o bello ou o feio, isto é, perde-se a faculdade que mais diverte, a unica talvez que tem poder para nos fazer levar com paciencia esta enfiada de impertinencias, que por si só constitue a vida.

Expliquem, porém, como quizerem estas amizades de frei Thomaz e do senhor Aniceto Muleta, que ellas existiam, isso é sem duvida. Sincera e desinteressada a do frade, interesseira e cavillosa a do miliciano. Para estas relações hybridas tinha, como para tudo, contribuido o acaso.

O senhor Aniceto fôra destinado por seus paes para a vida religiosa, e entrara noviço n'um convento em que era mestre de noviços frei Thomaz. O frade tomou debaixo da sua protecção o noviço, provavelmente porque este lhe fazia todas as perrices imaginaveis, e o não deixava socegar um momento; e d'aqui lhe veio essa amizade indestructivel por Aniceto Muleta que, nem a sua desobediencia aos preceitos paternos, nem a sua criminosa fugida do convento para ir assentar praça n'um regimento de milicias, pôde, sequer, alterar. Frei Thomaz não queria menos ao capitão de milicianos do que quizera ao travesso aprendiz de frade. O senhor Aniceto sabia quão util lhe podia ser a amizade do frade; e por isso a cultivava com aquelle melindre e solicitude, com que os homens previdentes cultivam os amigos que, em occasião opportuna, podem abrir as portas de um refeitório ou desatar os cordões de uma bolsa. Quando, na vida agitada que levava, o senhor

Aniceto era victima de um revez, corria logo ao convento de frei Thomaz a pedir abrigo e protecção; e nem uma nem outra coisa lhe era negada.

Frei Thomaz do Espirito Santo tinha na solidão e no silencio nutrido sempre um desejo de todas as horas, amado como uma ideia fixa; mundano, peccaminoso talvez, mas desculpavel n'um pobre frade, que dos prazeres do mundo só conhecia no seu convento, o coro e a livraria. Frei Thomaz desejava ser author. Pouco ou nada lhe importava o assumpto; o que elle queria era ver, em letras vermelhas, o seu nome impresso na primeira pagina de um livro, publicado com as indispensaveis licenças do santo officio e do paço.

Emprehendeu a historia da ordem a que pertencia; mas faltaram-lhe os documentos, dizia elle, e não passou nunca da terceira pagina. Começou depois a historia do convento da Graça, porém não foi mais fêliz. Desistiu da historia, e deitou-se ás sciencias theologicas: mas nada produziu que pudesse ser dado á estampa. As sciencias são difficeis, e o frade era tolo. As musas nunca o favoreceram com um unico verso que não fosse errado; e frei Thomaz, o pobre frei Thomaz, começava já a perder as esperanças de ver o seu nome em lettra redonda, quando uma noite lhe entrou pelo convento dentro, em Fronteira, onde elle estava então, o seu ex-noviço Aniceto Muleta, morto de fome e de frio, mas recheado de boas ideias.

Logo que viu feito e aquecido o senhor Aniceto Muleta, o frade expôz-lhe em doze palavras, se tanto,

— frei Thomaz era, como o leitor sabe, de um prodigioso laconismo — a causa dos seus desgostos.

O capitão Aniceto escutou ou antes adivinhou o que o graciano lhe queria dizer; e depois de cogitar um pouco, ora coçando a testa, ora mettendo na boca as pontas do bigode, e ter percebido que era chegada a occasião de captivar para sempre a vontade do frade, exclamou, como se lhe tivesse entrado no espirito subita inspiração:

— Frei Thomaz, meu rico frei Thomaz, está escripto o livro, o livro que o ha de cobrir de gloria.

O frade contentou-se com abrir os mais espantados olhos que imaginar se podem.

— É um livro — proseguiu Aniceto — que ha de ser lido por toda a côrte, que ha de andar sempre na mão dos fidalgos. Estimado, admirado, decorado por todos!

— Sss! sibilou frei Thomaz.

— Vossa reverendissima sabe, que é moda na côrte dizer *galanterias* ás damas?

O frade fez com a cabeça um signal negativo.

— Não sabe? pois é o mesmo. Vossa reverendissima tem muito geito para inventar galanterias e conceitos; e póde escrever sobre este assumpto um excellente livro.

— Eu?

— Vossa reverendissima sabe comparar as damas com as estrellas, com as flores, com o sol, com a lua, com as pedras preciosas, sabe tomar as palavras em dois sentidos?

Frei Thomaz abanou a cabeça.

— Está sempre a fazer trocadilhos, o qual mais excellente. Verá, frei Thomaz, verá que havemos, que ha de fazer um livro que não terá segundo em Portugal.

O frade estava admirado do que ouvia, e parecia-lhe impossivel fazer, não um livro como o de D. Francisco de Portugal, mas um conceito, uma simples comparação. Elle, que quasi nunca passava do monosyllabo, como poderia ter geito para trocadilhos? Quem lhe daria forças para virar e revirar, torcer e espremer palavras, e d'ellas tirar coisa que satisfizesse o gosto alambicado dos fidalgos da côrte? Frei Thomaz bem percebia a impossibilidade d'elle escrever uma nova *arte de galanteria*; como porém era necessario fallar, para provar ao senhor Aniceto que a vaidade o não cegava, o modesto graciano calou-se e esperou.

No dia seguinte a obra começou. O senhor Aniceto parecia inspirado. Eram conceitos sobre conceitos, graças alambicadas e trocadilhos aos centos. E o livro a crescer e a tomar vulto. E tal era a manhosa giria do capitão de milicianos, que o bom do frade estava persuadido que era elle proprio o author do famoso livro, e começava emfim a crer que o seu nome figuraria, em grossas lettras, no frontispicio de um volume de oitavo.

Não se persuada o leitor porém que o author do livro de frei Thomaz era o senhor Aniceto Muleta. O verdadeiro author da nova *arte de galanteria* era o mestre-sala do paço, o senhor D. Lucas de Portugal,

famoso fazedor de *calemburgos* — *conceitos* se chamavam n'aquelles tempos a esses insipidos joguetes de palavras — de ditos agudos, e de finezas requintadas. O capitão Aniceto furtara a D. Lucas uma copia do livro, que este contava dar á estampa com o chistoso titulo de *Ditos de quem não tem dita* (1); e era d'este precioso manuscripto que elle tirava as suas inspiraões, para enganar o seu amigo frade.

O livro ia ás mil maravilhas. As paginas compostas por D. Lucas de Portugal iam uma a uma passando para a obra de frei Thomaz, quando a dama flamenga de D. João d'Austria passou fugida por Fronteira, depois da batalha do *Canal*; e o capitão Aniceto, conscio dos seus direitos como militar aos despojos do inimigo, se associou á quadrilha, que atacou, insultou, e roubou a amante do principe hespanhol. As consequencias d'este acto heroico do senhor Aniceto já os leitores conhecem por um dos precedentes capitulos.

O livro não foi levado ao cabo, mas a amizade do frade pelo senhor Aniceto tornou-se firme a não poder ser mais; e era o que este desejava. A chegada do miliciano ao convento da Graça causou pois a frei Thomaz uma alegria verdadeira; e quando o porteiro foi dizer-lhe ao refeitório, que o senhor Muleta tinha chegado de fóra e esperava por elle na sua cella, porque precisava fallar-lhe, o frade não fez mais do que engu-

(1) Quem quizer conhecer o conceituoso livro de D. Lucas, e enganar-se de que o *calemburgo* é coisa velha em Portugal, consulte na bibliotheca da Ajuda a *Collecção de papeis varios*.

lir uns atraz dos outros os bocados de carne que tinha no prato, para ir logo ter com o seu amigo.

O senhor Aniceto estava sentado na borda da cama, com os braços cahidos e os olhos fixos n'uma das traves do tecto, como quem está profundamente preocupado por um problema que não sabe resolver: quando, porém, sentiu os passos de frei Thomaz tornou em si, e levantando-se de pulo, correu á porta da cella.

— Frei Thomaz, venha, ande cá; estava-o esperando. Tenho que lhe contar. Quero ouvir o seu conselho — bradou o capitão.

— Sss! — exclamou o frade admirado de que o manhoso Aniceto lhe quizesse ouvir os conselhos. E sentando-se, esperou que este lhe explicasse o que assim o movia a um acto tão insolito.

— Soube uma coisa, soube-a de um modo exquisito, por acaso, não importa por que via... soube emfim que se medita uma acção atroz, um crime terrível. — Isto disse-o o capitão, mascando as palavras, e com tal confusão de murmurios, e meias phrases, que o frade o não pôde entender. — Que lhe parece frei Thomaz: o conde de Castello-Melhor está bem seguro no valimento d'el-rei?

— Sim — respondeu frei Thomaz do Espirito Santo, que era muito do partido do válido.

— Os jesuitas fazem-lhe guerra; porque querem ministro que seja d'elles e não do reino. E os jesuitas podem muito.

— Sss! — exclamou o frade em tom de desprezo.

— Podem: lá poder, podem. Trazem a côrte toda envolvida n'uma rede religiosa. A uns seguram-os pela confissão, a outros pela penitencia; a estes prendem-os com a historia de um milagre, áquelles com a promessa de muitas indulgencias. E tudo para fins seus politicos, que não esquecem nunca, para que fazem convergir tudo!

— Abusam da religião! — exclamou frei Thomaz com a indignação que o leitor póde calcular, á vista da longa phrase que elle soltou.

— Abusam, mas vencem. E elles não estão contentes com o Castello-Melhor, que lhes não faz quanto desejam. Não ha crime de que o não accussem, nem guerra que lhe não movam. Mais dia, menos dia, temos ministro jesuita a governar.

— Não. El-rei... não.

— El-rei não quer abandonar o seu valido, tem razão frei Thomaz. Mas vossa reverendissima deve lembrar-se que os jesuitas tem artes para tudo, e então mais cedo ou mais tarde...

— O confessor...

— O confessor d'el-rei não é jesuita, é verdade — acudiu o senhor Aniceto, que traduzia em phrases as palavras soltas do frade. — Mas vossa reverendissima bem sabe, sabe melhor do que eu, que os jesuitas tem preceito de afastarem de ao pé dos principes os confessores das outras ordens, para elles ficarem em seu logar. Ora veja como elles já dominam o infante, e governam na vontade da rainha. Se elles podessem pôr

D. Pedro em logar do senhor D. Affonso, estou certo que o fariam.

— Não receio.

— Tambem eu não... por ora. E por isso lhe quero pedir um conselho ácerca de um grave assumpto, que importa á paz e segurança do reino, e d'el-rei talvez.

O frade fez um gesto de admiração.

— Eu soube, — já lh'o disse ha pouco, — foi a Providencia quem m'o fez saber — soube um segredo terrivel, e não sei ainda o que hei de fazer d'elle. Ouvi eu mesmo, ouvi dizer ao infante com estas orelhas que a terra ha de comer... — O senhor Aniceto, que baixára a voz para dizer estas ultimas palavras, calou-se de repente, e olhou em roda de si, com tal ou qual desconfiança.

— Diga — acudiu frei Thomaz com um gesto animador.

— Ouvi o infante ordenar a alguem que mandasse.... — Silencio. Nem palavra a este respeito, frei Thomaz.

Esta recommendação fez sorrir o frade.

— Que mandasse assassinar o Castello-Melhor.

— Jesus!

— E isto sabbado: quando o conde fôr ás suas devoções na Madre-de-Deus.

— Vá dizer...

— Era sobre isso que eu queria consultar vossa reverendissima. Eu ouvi esta ordem por acaso, é verda-

de, mas ouvi-a... estando escondido... a espreitar. E se eu fôr revelar ao conde este segredo de sua alteza e se souber que fui eu, fico perdido; morro com toda a certeza ás mãos de algum dos valentes do infante.

— Vá — repetiu o frade levantando-se e fazendo um gesto imperioso.

— Mas lembre-se, frei Thomaz, lembre-se de que eu, seu amigo Aniceto Muleta, serei assassinado, se os do infante souberem que foi por minha causa que elles não satisfizeram a sua vingança.

— Vou eu — disse frei Thomaz.

— Não, não, irei eu e não vossa reverendissima — acudiu o capitão Aniceto, assustado pela resolução do graciano.

Muleta queria tirar proveito do segredo que sabia; receava porém perder a vida no negocio, e por isso hesitava ainda em o revelar a quem lh'o podia pagar. Tendo pensado melhor, durante esta conversação com frei Thomaz, nas vantagens que da sua situação podia tirar, tomou a resolução de ir elle proprio contar tudo ao valido.

— Frei Thomaz, os homens nasceram para os perigos. O que importa a vida de um pobre diabo, como eu, quando se tracta de salvar a patria? Porque é, é de véras salvar a patria o livrar o conde de Castello-Melhor da morte. Estou resolvido a ir ao paço procurar o conde, e contar-lhe tudo.

— Bom!

— Morrer pela patria é o meu dever. Não é assim, frei Thomaz?

O frade acenou com a cabeça em signal de approvação.

— Quem se não arrisca pela patria nem merece o nome de homem. — E proseguiu murmurando: — Quem se não arriscou, nem perdeu nem ganhou.

— Sss! — fez o frade, contente das boas maximas que ouvia ao seu ex-noviço.

— Se eu morrer, meu rico frei Thomaz, se eu fôr martyr do furor dos inimigos d'el-rei, reze-me missas por alma, para que Deus me tenha em gloria.

— Cem — disse frei Thomaz.

Agarrando nas mãos do frade, beijando-lh'as, e cobrindo-lh'as de lagrimas o senhor Aniceto Muleta exclamou:

— Obrigado, muito obrigado, meu querido frei Thomaz da minha alma. Estou salvo. Fico seguro de ser bem recebido no ceo com as suas missas. Ai, que não sei como lhe hei de agradecer tanta mercê!

— Filho! duzentas.... — E as lagrimas corriam pela cara do frade a quatro e quatro.

— E se eu puder escapar, se me fôr necessario fugir, assim pobre como eu sou...

— Vinte cruzados — disse o frade.

— Muito, muito agradecido, frei Thomaz. Devo-lhe muito, devo-lhe tudo, meu protector, meu amigo.

— Quarenta.

Esta palavra excitou a tal ponto a sensibilidade do

capitão Aniceto, que ficou suffocado, sem mais poder dizer palavra, nem fazer gesto que se entendesse. Era uma scena sentimental, que faria chorar as pedras, se as pedras chorassem, mas de que o senhor Aniceto interiormente se ria.

No dia seguinte pela manhan, ás horas em que o ministro valído de Affonso VI dava audiencia na grande sala do paço, o capitão Aniceto Muleta pôz-se a caminho para o Terreiro do Paço.

CAPITULO XXXIV.

AMORES.

Haverá felicidade no mundo, haverá: mas no coração do homem certo é que ella não existe perfeita. Esperar e desejar é bom ás vezes, mas a felicidade não está, não póde estar, nem na esperança nem no desejo. E se a esperança se realisar, se o desejo fôr satisfeito, então isso é a felicidade de certo? Pois não é. Porque vem a desconfiança, vem a incerteza, vem a incredulidade, vem o susto, vem tudo perturbar o prazer que se não chegou a gosar absolutamente completo, avivar as saudades de um passado que não merece saudades, dar vida a novas esperanças que, se um dia se realisarem, perderão o valor, o encanto, o prestigio com que a vaga imaginação as enriqueceu.

Venha o feliz triumphador, venha no momento da

victoria, quando todo um povo prostrado no pó o admira, o louva, o adora, e diga-nos: se não tem no mais recondito escondrijo do coração uma tristeza profunda, que lhe não deixa gosar a felicidade da gloria, que lhe faz subir as lagrimas aos olhos quando mal nos labios se formou o riso da alegria? Venha o avarento, com todos os seus thesouros, cercado de gemmas preciosas e de pilhas de oiro, e diga-nos: se a riqueza é a felicidade, ou se não é antes a inquietação de todas as horas, diga-nos, se a riqueza não é martyrio, quando o susto se ergue pallido diante dos olhos, e o terror cinge e aperta nos braços descarnados o corpo fragil do avarento? Venha o homem que a inspiração guiou pelos incommensuraveis espaços da poesia, a quem a Providencia revelou algum dos sublimes segredos que só de seculos a seculos ella diz á humanidade pela boca dos poetas, e diga-nos: se, nas horas silenciosas da noite, nas horas da solidão, quando o pensamento oscilla incerto entre o passado e o futuro, entre o real e o imaginario, entre a terra e o ceo, diga-nos se, n'essas melancolicas horas, elle se não sentiu pequeno e fraco diante da immensidade das coisas creadas, se não sentiu infinita tristeza repassar-lhe a alma, se não pediu a Deus que lhe tirasse o dom fatal do genio, que consome o espirito e lança na sepultura ainda no verdor dos annos os que o possuem? Venha tambem o amante, que todos imaginam, que todos julgam perfeitamente ditoso porque passa a vida aos pés da mulher que adora, escutando-lhe palavras e suspiros que rescendem

ternura, venha o amante n'esse mesmo momento em que recebe n'um extasi de paixão as mais ardentes, as mais fascinadoras provas de amor, e diga-nos: se não sente a melancolia passar sobre a sua felicidade, como nuvem ligeira, sobre a face do sol em dia de primavera, diga-nos, se vago e indefinido receio o não faz subitamente estremecer, quando elle descuidoso se entrega aos encantos de uma ventura que nada parece ameaçar?

Francisco d'Albuquerque, o capitão Francisco d'Albuquerque, que nós deixamos na liteira da Calcanhares, para onde o transportára adormecido o licenciado Antonio do Prado, estava agora, na mesma tarde em que tinham logar todos os successos que narramos nos ultimos capitulos, no camarim da sua amante, n'esse camarim todo velludo, brocado e perolas, em que elle ouvira pela primeira vez, da propria boca de Margarida, a mais enebriante e suave confissão de amor que ouvidos de homem namorado podem escutar. Com o rosto pallido e ainda abatido cercado por longos anneis de um cabello negro e brilhante, os olhos um tanto encovados mas reluzentes de amor, o corpo envolto n'uma ampla *roupa de chambre* de velludo azul-escuro, que, abrindo-se no peito, deixava sahir em flocos as rendas que lhe ornavam a camiza de finissima cambraia, recostado ligeiramente sobre uma pilha de almofadas, Francisco d'Albuquerque contemplava melancolico o rosto suave, a angelica formosura da sua amada.

O moço capitão amava, e era amado. Separado do resto do mundo pela morte, porque todos na côrte o julgavam assassinado, elle só existia para a Calcanhares, e esta só para elle vivia tambem. Desconfiar da pureza da alma de Margarida, da castidade da singeleza d'aquelle coração a que elle fizera sentir a primeira vibração de amor, isso não fazia, não podia Francisco d'Albuquerque fazer já. Eram tão diaphanos os olhos de Margarida, liam-se tão claramente através d'elles os pensamentos, e depois havia tanta espontaneidade nas suas palavras, tanta candura nos seus sorrisos, tanta virgindade em todos os seus modos e gestos, que era preciso ser cego e duro de coração para não crer em tudo que ella dizia. Os dias haviam passado, e com elles aquelles amores em vez de diminuir — dizem que o tempo mata os amores — só tinham crescido: crescido a não poderem crescer mais.

A convalescença de uma longa e perigosa enfermidade, esse periodo em que os órgãos acordam do torpôr que lhes causara a prostração das forças vitaes, e ao acordarem sentem com incrivel perfeição; em que a vida, recomeçando por assim dizer, parece mais variada nas impressões, a terra mais bella, mais florida, mais fragrante, o ceo mais luminoso e diaphano, o ar mais puro e mais rico do principio que alimenta a existencia: esse periodo em que a alma, abrindo-se como a flor orvalhada pelo rocio da noite depois de um dia abraçador, só exhala perfumes, só está disposta para a ternura, para a melancolia, para o amor: esse periodo,

passou-o Francisco d'Albuquerque nos braços da formosa, da meiga e amoravel Margarida.

Margarida estava alli, meio assentada meio ajoelhada sobre as almofadas que serviam de recosto ao namorado capitão. O corpo flexivel e onduloso dobrava-se-lhe em graciosa curva, inclinando-se um pouco para diante de modo que o seu rosto, bello como o das virgens de Murillo, e n'aquelle momento illuminado pelo reflexo purpureo das nuvensinhas espalhadas no ceo como ondas espumosas de um oceano phantastico, estava tão proximo do de Francisco d'Albuquerque, que este podia quasi respirar o halito brando e perfumado que se lhe exhalava dos labios semi-abertos, que o prazer tornava vermelhos como as pétalas da flor daromeira.

Francisco d'Albuquerque conquistara o mais precioso thesouro que o homem póde possuir: uma amante bella, que o amava com a abnegação, com o inconsiderado abandono do primeiro amor, d'esse amor que dá suavidade de anjo á mulher pura e simples, que nem quer, nem sabe resistir aos impetos da paixão que a domina. E comtudo Francisco d'Albuquerque não era perfeitamente feliz; e tinha quasi remorsos de o não ser. Aquelle amor que a propria felicidade alimentava, aquelle deslizar socegado por dias sem sombra, aquelle esvaecer da existencia por horas não contadas, todo aquelle viver que não parecia d'este mundo lhe lançava no espirito um véo de melancolia, e lhe embaciava a cada instante os raios de magica luz, que a formosa

Margarida derramava ás torrentes em roda de si. Ou fosse vão receio ou presentimento, é certo que o moço capitão encontrava n'aquelles amores esse travo ligeiro mas indestructivel, que em todas as felicidades da vida descobre o homem, cujos sentidos e espirito tem a necessaria delicadeza para gosar e para soffrer.

Margarida vira no rosto do seu amante a alegria extinguir-se pouco a pouco; vira as palpebras baixarem-se-lhe convulsivamente, e depois os olhos ficarem n'essa immobildade spasmodica, que acompanha sempre a concentração do espirito nas pessoas melancolicas: e, para o tirar brandamente d'aquelle estado, reclinou-se tanto, tanto, que os seus labios pousaram quasi sobre os d'elle. Os cabellos annelados da bella Calcanhares passaram sobre a face de Francisco d'Albuquerque, ligeiros e flexiveis, como as azas de uma borboleta; e este quasi imperceptivel contacto bastou para desvanecer as ideias melancolicas do moço namorado, para o chamar á felicidade e ao amor. Ha, é sem duvida, ha nos cabellos da mulher um fluido desconhecido, que actua sobre os nervos do homem namorado com poder igual ao das correntes galvanicas.

Francisco cingiu com o braço direito o corpo gentil da sua amada, murmurando:

— Sou feliz, Margarida.

— És feliz, Francisco, és feliz! E vejo-te sempre tão triste? — acudiu a Calcanhares sorrindo, mas com lagrimas de ternura a marejarem-lhe dos olhos.

— Olha, Margarida, não sei o que tem esta nossa

felicidade, que faz tristeza. É talvez o receio de a ver acabar; é talvez porque a alma, em quanto está aqui na terra, não tem força para gosar prazeres que são do ceo; talvez.... nem eu me atrevo a dizel-o, é talvez o ciume, que me faz, não estar triste, porque o não estou, mas cahir em melancolia.

— O ciume? De que tens, de que podes tu ter ciume?

— Ainda m'ó perguntas? Pois tu não me deixas aqui só ás vezes para ir ao paço estar com el-rei?

— Ha tantos dias, ha quasi um mez que lá não vou!

— Tens saudades?

— Não, ai! não. Permitta Deus que eu nunca mais lá volte.

— Então vem, vamo-nos para longe d'aqui. Fuja-mos para muito longe de Lisboa. Em toda a parte podemos ser felizes um com o outro; e aqui o nosso amor está sempre em risco.

— Não me peças que fuja contigo: não m'ó peças, porque eu não te sei resistir. Lembra-te que devo tudo ao conde de Castello-Melhor, que até o ter-te vivo aqui a elle o devo. Lembra-te que só eu posso domar as fúrias de el-rei: que tenho impedido, por muitas vezes, crimes que causariam horror ao mundo inteiro, e deitariam a perder D. Affonso e com elle o reino todo.

— E accusam-te de crimes, a ti, minha pobre Margarida, que és um anjo, uma santa! — exclamou Francisco, enternecido.

— Que me importa a mim que me accussem. Deus sabe que sou innocente. E tambem tu o sabes, não é assim?

— És innocente e martyr.

— O martyrio acabou já. Tenho-te ao pé de mim, e é o que basta para ser feliz.

— É uma felicidade que não pôde durar muito, esta nossa. De um instante para o outro pôde saber-se que eu estou aqui escondido. Tens um inimigo terrivel no paço...

— Henrique Henriques.

— Henrique Henriques. Elle ama-te, tem ciumes de ti, traz-te cercada de espiões: devemos recear tudo de um homem assim. Bem viste que cuidados, que cautelas, que disfarces foram precisos para eu vir, mesmo fóra de horas, de Xabregas para esta casa. E quando eu lá estava n'aquella triste casa de Xabregas, doente quasi a morrer, quantas vezes me deixaste só dias inteiros pelo receio que tinhas d'esse homem? Vem, Margarida: o teu martyrio deve acabar por uma vez. El-rei está casado; e a rainha que é, dizem, uma virtuosa, uma santa princeza, ahí está para aconselhar e socegar D. Affonso.

— A rainha, Francisco, a rainha é inimiga do Castello-Melhor. Quer deital-o a perder, tirar-lhe o valimento...

— E tem razão a rainha, porque o conde...

— Lembra-te que foi elle quem te salvou a vida.

— A vida, a vida se necessario fôr darei eu por

elle: mas dizer o contrario do que penso, isso não faço eu.

— Pois pensa, pois dize o que quizeres — acudiu Margarida acariciando-o; mas não sejas ingrato. E tem-me sempre muito amor, que é o que mais me importa.

— Margarida, de véras, nós não podemos viver assim por muito tempo — disse Francisco d'Albuquerque passados alguns minutos. — Eu morri para o mundo, toda a gente d'aqui a pouco se terá talvez esquecido de mim. Só para ti existo ainda, Margarida, e é preciso que só para mim tu vivas tambem. Em quanto estivermos em Lisboa, não poderei ter um dia de socego. Vem, vamos para uma herdade solitaria do Alemtejo, viver um com o outro, um para o outro.

— Frei Pedro de Sousa ha de vir esta noite. Confessar-lhe-hei tudo; pedir-lhe-hei que nos ajude, que nos aconselhe.

— Queres confessar tudo a frei Pedro? Irá dar aviso ao sobrinho, ao conde, e não te deixarão sahir d'esta casa. E se Henrique Henriques souber que eu ainda vivo, que estou aqui, que sou amado por ti, mandar-me-ha assassinar.

— Frei Pedro é incapaz de trahir ninguem, e muito menos de me trahir a mim; porque é meu amigo de véras o bom do velho.

— Ai, minha querida Margarida, se me vejo longe d'esta casa, n'um sitio bem deserto onde não haja ninguem senão eu e tu, onde se não saibam novas do mun-

do, onde as nossas palavras de amor interrompam apenas o silencio da solidão, então é que eu sou feliz, então digo que não ha quem seja mais feliz do que eu!

— Cala-te! És um ingrato — exclamou a Calcanhares, fechando graciosamente com um dedo a boca do seu amante.

— Ingrato! Por querer viver só contigo! Sou ingrato, eu?

— Esqueces-te de quem te ama?

— De Luiz de Mendonça?

— D'esse te não esqueces tu. E que te esquecesses; conhécel-o de ha pouco, não era para admirar. Mas d'ella... da pobre Thereza...

O moço capitão estremeceu, e o rubor subiu-lhe á face, ao balbuciar:

— Não me esqueço... quero dizer...

— Dize, Francisco: falla-me com sinceridade. No fundo de tua alma tens pena, tens quasi remorsos de a ter abandonado, de lhe ter pago tão mal o seu amor.

— Porque me fallas tu assim d'esse amor, que... que não existiu nunca?

— Não lh'o tiveste tu a ella; mas Thereza amava-te....

— Talvez.

— Não duvides, não duvides do amor d'aquella infeliz mulher. Essa tua duvida é um sacrilegio — acudiu Margarida.

— Porque insistes em fallar do que mais me não deve lembrar? O que está feito, já não tem remedio.

— Bem o sei. E ainda mal.

— Pesa-te de estar comigo ?

— Não: a felicidade não pesa a ninguém. Mas sinto-me tão feliz, que quizeria ver todos tão felizes como eu. Agora que sei o amor que me tens, que não receio ser enganada por ti, tenho dó d'essa rapariga que desde pequena te ama, que nunca teve outra ideia senão passar a vida toda contigo.

— Mas que se lhe ha de fazer ?

— Nada; bem sei que nada se póde fazer. Nem eu consentia agora que tu fizesses coisa alguma para a consolar do seu amor mallogrado — accrescentou a bella rapariga, sorrindo e fazendo um gesto de ameaça. — Olha, o meu coração é uma coisa que nem eu posso entender. Ha pouco tinha ciumes de Thereza, quasi que lhe tinha odio por ella te amar; agora tenho-lhe sympathia por isso mesmo. Quando me lembro que Thereza te julga morto e que tem chorado por ti noites e dias inteiros, quizeria ir ter com ella e contar-lhe tudo, dizer-lhe que ainda és vivo.... Mas seria peor, talvez, para ella. Melhor é que te julgue morto. A dôr ha de lhe passar, como passa a todos; e ficar-lhe-ha a saudade, que é um suave e consolador sentimento.

— Tens um coração de anjo, Margarida.

— Tenho um coração que te sabe amar muito, e muito!

Um beijo de amor cortou a phrase nos labios de Margarida. E o que a voz não poderia exprimir, disseram-no então os suspiros, as caricias, os sorrisos, os

longos olhares nublados por lagrimas de ternura, esses mil requebros, enfim, que compõem a linguagem dos amantes; a mais persuasiva, a mais eloquente, a mais sublime linguagem que no mundo se falla.

CAPITULO XXXV.

A CONFISSÃO.

Ainda no perfumado e mysterioso camarim da Calcanhares resoavam os suspiros e os beijos de amor; ainda as vozes dos dois amantes, vibrando convulsivamente, e combinando-se em suave e purissima harmonia, repetiam essas palavras, sempre as mesmas na sua fórma, na sua significação, e sempre variadas na sua essencia, que dois namorados um ao outro se dizem, ao sentirem a felicidade dilatar-lhes o coração, quando a aia de Margarida, a fiel confidente dos amores de sua ama, bateu ligeiramente á porta.

— O que é? — perguntou a Calcanhares, sobressaltada; como se a houvessem subitamente acordado no meio de um sonho encantador.

— Senhora — respondeu a aia — parou á porta a cadeira do senhor bispo.

— Frei Pedro! — acudiu Margarida — Vai-lhe abrir a porta da sala, que eu vou já. Francisco, esconde-te para o teu quarto, não te veja elle aqui!

E sahiu apressadamente do camarim.

Frei Pedro, o velho e venerando geral dos Bentos, estava na sala immediata ao camarim; sentado n'uma cadeira de espaldar, e encostado a uma mesa, sobre a qual ardiam duas vellas. Quando viu entrar a Calcanhares, o frade sorriu-se com bondade, e, fazendo-lhe signal que se approximassem d'elle, disse:

— Anda cá, Margarida. Vem aqui para ao pé de mim sentar-te n'esta cadeira. Já estava com saudades tuas.

— Como se lembrou de mim, frei Pedro? — acudiu a Calcanhares, beijando-lhe a mão. — Começava a crer que se tinham esquecido de mim... todos.

— Não me esperavas hoje? Senta-te; anda, senta-te. Não sabias que eu vinha?

— Sabia; porque vossa reverendissima m'o mandou dizer.

— Mande-te dizer que vinha esta noite, para que a minha vinda te não sorprendesse — disse frei Pedro de Sousa, dando ás ultimas palavras uma intonação significativa. — Acho-te alegre — proseguiu elle no mesmo tom. — Vaes-te consolando d'aquelle perda... do desastroso desaparecimento d'aquelle pobre rapaz?

— Estou... já estou livre de cuidado — balbuciou Margarida, fazendo-se extraordinariamente córada.

— Estás bella, formosa como d'antes. Desappare-

ceu a pallidez, que me assustava; e esses olhos já me não andam encovados e lacrimosos. É assim que gósto de te ver. A gente deve saber-se conformar com a vontade de Deus!

— Ai, frei Pedro, se eu o perdesse, não tinha coração para me consolar, nem para viver sequer! — exclamou ella imprudentemente.

— Então Francisco d'Albuquerque não morreu? — perguntou o tio do Castello-Melhor, surpreso. Sabes onde elle está? Quem o roubou de casa de sua alteza?

— Não sei... não posso dizer....

— Vamos, Margarida; nada de segredos comigo, teu confessor, teu amigo verdadeiro.

Curvando-se pouco a pouco a Calcanhares cahiu de joelhos aos pés do frade: e alli, com a cabeça baixa, os olhos inundados de um pranto, que não era de tristeza mas de ternura, os labios tremulos, estendeu as mãos n'um gesto que pedia commiserção e tolerancia, murmurando:

— Frei Pedro, eu pequei, e quero confessar o meu peccado.

— Filha, tu bem sabes que o meu dever é escutar a confissão de todos os peccadores; e perdoar em nome de Christo a todos os que se arrependem — respondeu o frade solemnemente.

— Mas eu não posso, não sinto em mim força bastante para me arrepender. Nem a um juiz severo eu poderia dizer o meu peccado.... se é peccado. Preciso

de um amigo, que me ouça com indulgencia, que me aconselhe, que me ajude, que me salve de um grande perigo.

— Onde poderias tu encontrar um amigo mais verdadeiro do que eu? Quero-te como a uma filha; e nem sei, nem posso ser severo contigo.

— E a sua protecção; promette-me a sua protecção?

— Não contas com ella, Margarida?

— Escute-me então. É uma confissão o que lhe vou dizer — proseguiu a Calcanhares, escondendo a cabeça nas mãos; — mas confissão de peccador que se não arrepende.

— Dize, filha.

— Bem sabe que Deus, compadecido dos meus sofrimentos e da minha solidão n'este mundo, me fez encontrar, no dia da chegada da rainha... um homem, que me captivou, para não mais ser livre mal me appareceu, que me fascinou mal em mim pôz os olhos.

— Sei, Margarida. E esse amor que tu lhe tomaste foi a tua desgraça e a d'elle.

— Eu assim o julguei quando, n'aquella noite horrivel, n'aquella noite que nunca mais se me varrerá da memoria, ouvi o gemido agonisante de Francisco d'Albuquerque; quando vossa reverendissima me disse que elle estava mal ferido; quando vi diante de mim Henrique Henriques, medonho, ameaçador, e como envolvido n'uma nuvem de sangue. Assim o julguei, frei Pedro: mas agora... Deus não póde levar a mal que eu

seja feliz depois de tanto padecer. Não é assim, frei Pedro?

— Ha felicidades, isso que os homens chamam felicidades! ha, torno a dizer, felicidades que são verdadeiros crimes, que são negros peccados, que Deus não póde perdoar.

— A minha felicidade não é d'essas. Escute-me, frei Pedro; escute-me indulgente, misericordioso, como Deus quando julga os peccadores. E julgue-me depois. A minha felicidade, frei Pedro, é amar e ser amada; e o amor não é um crime.

— Às vezes, é crime o amor.

— Será, será criminoso o amor que leva a trahir juramentos solemnemente feitos; será criminoso o amor que lança a deshonra e a dôr no seio de uma familia; mas este meu amor, que faz a ventura do homem que eu amo e a minha, sem que haja nem juramentos trahidos, nem prantos, nem deshonra para ninguem, este amor não póde ser crime.

— Então elle não morreu?

— Não, graças a Deus, não morreu.

— Mas aquelle desaparecimento subito de casa do infante...

— Fui eu que o roubei de lá.

— Tu?

— Eu.

— Para que?

— Já não podia estar separada d'elle. E depois — proseguiu ella baixando a voz — na noite em que fui

com Antonio do Prado ao Côte-Real, encontrei lá, á cabeceira de Francisco, uma mulher...

— Uma mulher!

— Uma mulher que o ama; com quem elle esteve para casar...

— E disseste ha pouco que nos teus amores com Francisco d'Albuquerque não havia nem juramentos trahidos, nem prantos derramados! — acudiu o frade, buscando metter escrupulos na consciencia de Margarida, para ver se podia por este modo combater um amor, que contrariava os calculos politicos de seu sobrinho.

— São prantos que se hão de estancar. E juramentos... não sei... creio que os não havia — balbuciou Margarida.

— Margarida, Margarida — interrompeu frei Pedro em tom severo, — o peccado não anda nunca desacompanhado de lagrimas e de crimes. Esse teu amor é peccaminoso, porque o não santificaram as benções da egreja. E, por causa d'elle, na solidão e na tristeza chora dia e noite uma mulher innocente; por causa d'esse amor os inimigos do conde, meu sobrinho, tem contra elle levantado calumnias tremendas, accusando-o de assassino despiedoso e cruel.

A estas palavras severas de frei Pedro, a Calcanhares, debulhada em lagrimas, deixou cahir a cabeça para traz, e com um movimento de sublime exaltação, exclamou:

— Deshonrada, aviltada, accusada de crimes que

não commetti, sacrificada á vingança infame de um homem sem coração, odiada por um povo como se fôra a causa dos seus males, desprezada.... eu pura e innocente, como uma d'essas mulheres que vivem no vicio e na vergonha.... Era justo que para tantos padecimentos houvesse compensação. Eu tambem innocente chorei muitas lagrimas; eu tambem não maculada de crimes fui calumniada. Não. Este amor não pôde ser, não é peccaminoso. Foi vontade de Deus que elle nascesse n'este coração, e, desde que amo, sinto-me melhor; a minha alma eleva-se em mais fervorosas orações ao ceo, que me conhece e que me julga.

— Mas as calumnias que por tua causa tem levantado a meu sobrinho?... — atalhou o frade.

— Não sou eu, é Henrique Henriques, o assassino de Francisco d'Albuquerque, a causa unica d'essas calumnias. Para servir o senhor conde, tenho eu tambem sido victima das mais infamantes calumnias, frei Pedro; e nem uma vez d'esta boca sahiu uma queixa, nem uma accusação.

— Não foi em serviço do conde, que tu padeceste tanto. Por que tu tens padecido, e muito, minha filha — acudiu frei Pedro, a quem a exaltação insolita da Calcanhares punha n'uma posição embaraçosa — Não foi em serviço do conde, foi em serviço de Deus e d'este reino todo. Has de ter o pago dos teus sacrificios, Margarida; e então poderás gosar tranquilla a felicidade que a Providencia te destina.

— Felicidade para mim só no amor de Francisco a

póde haver. Só longe, muito longe da côrte, n'um canto bem só de Portugal a poderei gosar perfeita.

— Socega, filha: não chores, não te afflijas d'esse modo. Eu sou teu amigo, bem o sabes. Dize-me o que desejas, e eu farei quanto puder para que o alcances.

— O que desejo? — perguntou a Calcanhares, enxugando as lagrimas — A paz, a solidão é o que eu desejo. Estou cansada d'esta vida de martyrio... e não é justo que eu seja por mais tempo condemnada a uma deshonra que não mereço. Em quanto não amava, em quanto vivia só com os delirios da fantasia, parecia-me nobre e bello esse viver em continuos sacrificios, essa dedicação com que eu, para o bem d'este reino, me sujeitava a um martyrio de todos os instantes, me expunha ao odio e ao desprezo d'esses mesmos por quem me sacrificava. Quantas, quantas vezes, acreditando nas suas palavras de bondade, frei Pedro, me julguei o anjo protector de Portugal?

— E és, e tens sido o anjo protector d'este reino, Margarida — acudiu o frade.

— Acabou-se a illusão; acabou de todo, e para sempre. Esta existencia agora parece-me infame e aviltante; faz-me horror. Eu amo, frei Pedro; e sou, quero ser só do homem que amo. Francisco não morreu: compadecida de mim, a Virgem Nossa Senhora salvou-m'ó. Está aqui, elle: e se Henrique Henriques o souber eu e elle estamos perdidos. Quero fugir para fóra de Lisboa; e espero, conto que me ha de proteger.

É por isto que lhe eu pedi que escutasse esta minha confissão, não como juiz severo, senão como sacerdote misericordioso, que sabe perdoar, em nome de Deus, aos desgraçados que, se peccaram, foi por muito amar.

— Ouve, Margarida. Levanta-te: senta-te aqui ao pé de mim e escuta-me — disse frei Pedro de Sousa, com voz branda e affavel. — Não é como juiz, nem como sacerdote que te vou fallar; é como um amigo, como um pae.

E, quando viu a bella Margarida sentada na cadeira que tinha ao lado, o velho proseguiu:

— Tu, menina ainda innocente e candida, foste pela Providencia destinada para padecer, é verdade; porém foste destinada tambem para ser o anjo protector de muitos infelizes que, sem ti, teriam sido victimas da cólera desvairada de um rei quasi insensato. Porque o é; el-rei é quasi insensato. Se não fôras tu, quantas vezes teria sido impossivel ao conde de Castello-Melhor domar-lhe as furias tresloucadas? É a mão de meu sobrinho quem sustenta a corôa na cabeça de Affonso VI. Se não fosse elle, essa corôa seria hoje do rei de Hespanha, talvez.

— Mas que necessidade tem o senhor conde d'uma pobre mulher como eu, para fazer essas grandes coisas em que eu nem sequer me atrevo a pensar?

— Um homem como D. Affonso só pelo medo ou pelo amor se póde governar; mas quando esse homem é rei, então é o amor unicamente que sobre elle tem imperio. É pela tua boca que meu sobrinho falla á al-

ma embrutecida de el-rei. Conselhos que não passam pela tua boca, não são nem escutados, nem attendidos.

— Mas agora ahi está a rainha...

— A rainha é franceza e não portugueza. O que ella quer é servir Luiz XIV, para elle a ajudar depois a satisfazer a sua desmesurada ambição.

— Já lhe disse, frei Pedro; não me julgo com forças para continuar a padecer este martyrio.

— Nem eu te peço que te sacrifiques por muito mais tempo. Seria cruel, seria injusta tal exigencia. Olha, Margarida, eu já desconfiava que Francisco d'Albuquerque não tinha morrido. Disseram-m'o, a ultima vez que te vi, as tuas faces menos pallidas, e o fulgor d'esses teus olhos. Hontem, porém, vieram dizer ao conde, um d'esses maus homens que compoem as patrulhas d'el-rei é que lh'o veio dizer, que tinham visto através das gelosias do teu camarim passar um vulto de homem. Felizmente foi ao conde, e não a el-rei, nem a Henrique Henriques, que disseram este perigoso segredo: e nem um, nem outro sabem d'isto ainda, porque o conde recommendou ao homem, que lhe trouxe a nova, o mais profundo silencio. O que este viu, porém, outros o poderiam ver; e por isso vim ter contigo para saber a verdade, e aconselhar-te e recommendar-te prudencia. Henrique Henriques anda desconfiado: tem suspeitas de que Francisco d'Albuquerque ainda é vivo, e se elle viesse a saber...

— Deus tenha misericordia de nós! — exclamou assustada a Calcanhares.

— Um crime póde ser perpetrado n'um momento; e não valem depois nem queixas, nem castigos para salvar a vida da victima.

— É por essa causa, é para evitar essa catastrophe que eu quero fugir para longe d'aqui.

— Lá mesmo, talvez, a vingança d'aquelle homem te iria procurar.

— Esconder-nos-hemos, eu e elle, n'uma herdade bem deserta do Alemtejo; e ahi, com a protecção de Deus e o auxilio de vossa reverendissima, não temo os furores de Henrique Henriques.

— Pois sim, irás para onde te não possam chegar os punhaes dos assassinos. Mas antes — proseguiu o bispo eleito de Angra, pegando com brandura na mão de Margarida — antes has de tu prestar ainda um serviço ao conde.

— Que quer de mim, frei Pedro? — perguntou ella suspirando.

— Que salves a vida de um illustre fidalgo.

— Para salvar uma vida, para isso farei quanto me ordenar.

— El-rei, cego de raiva, quer mandar assassinar o conde da Ericeira, D. Luiz; por elle o ter deixado para seguir as partes de sua alteza. É necessario despersuadil-o d'esta louca e criminosa resolução. Um attentado contra a vida de um fidalgo como D. Luiz de Menezes, seria a deshonna d'el-rei, e a perdição de meu sobrinho.

— Que posso eu no animo d'el-rei, frei Pedro? Sua

magestade já nem de mim se lembra, felizmente. Ha quasi um mez que me não manda chamar ao paço.

— É preciso que te faças lembrada. A rainha vai tomando ascendente sobre o espirito de D. Affonso...

— Então póde a rainha, melhor do que eu, despersuadil-o...

— Não; isso não póde, não deve passar-se assim. Os inimigos do conde proclamariam por toda a parte calumnias e aleivosias contra a sua honra. Dir-se-ia que é meu sobrinho quem aconselha mal el-rei; e a rainha quem o desvia do crime, quem se oppõe ás suas tyrannias — acudiu frei Pedro.

— Mas...

— Sou eu quem t'ó peço, Margarida. Faze o que te disse, vai ámanhan ao paço. Mandar-te-hei aviso da hora a que deves ir. Falla a el-rei no conde, persuade-o a que lhe escute os conselhos. Combate por todos os modos a influencia da rainha...

— Isso, isso não faço eu.

— A franceza fez hoje publicar na côrte que estava de esperanças, que ia dar um herdeiro á corôa. É uma astucia de que se quer servir para alcançar os seus fins — proseguiu o frade, baixando a voz. — Ella deseja levar el-rei a assignar a liga proposta pelo ministro francez. São ordens que recebeu de Luiz XIV; e essa liga seria a perdição d'este reino. Margarida, faz o que te eu peço. Salva a vida do conde da Ericeira e a honra de meu sobrinho.

A voz de frei Pedro havia-se tornado tremula, as

lagrimas bailavam-lhe nos olhos, e as suas mãos convulsas estendiam-se supplicantes para a Calcanhares. Esta não soube atinar com palavras para recusar o que o tio do Castello-Melhor lhe pedia; não teve animo para resistir ás supplicas do velho, e deixando cahir a cabeça com abatimento, perguntou apenas:

— E Francisco?...

— Esse irá ámanhan para um logar seguro, onde os espiões de Henrique Henriques o não possam descobrir: e depois ha de ir, hão de ir ambos — tu has de acompanhal-o, Margarida — para uma das quintas que meu sobrinho tem na provincia.

— Farei tudo que me ordene; estou prompta para mais este martyrio — disse ella. — Mas é o ultimo.

Depois de agradecer á Calcanhares, e de a afagar com palavras mellifluamente fradescaes, o velho geral dos Bentos partiu, já noite fechada, para o paço, onde o valído de Affonso VI o estava esperando.

CAPITULO XXXVI.

DENUNCIAS.

Era meio dia e el-rei ainda estava na cama. O rosto pallido de sua magestade, cercado pelos longos e emaranhados anneis da profusa grenha, tinha n'aquelle momento uma expressão carregada e sinistra, que fazia singular contraste com o brutal idiotismo que lhe caracterisava a physionomia. O corpo obeso de Affonso VI permanecia em perfeita immobildade; e só de minuto a minuto o braço direito, estendendo-se para um prato que estava á cabeceira da cama, e levando depois á boca um enorme fartalejo, que instantaneamente era devorado, dava a conhecer que d'aquelle corpo ainda não desaparecera de todo a mobilidade.

No extremo do quarto d'el-rei, do lado opposto áquelle em que estava a cama, havia um altarzinho for-

rado de damasco, sobre o qual se levantava um retábulo representando o martyrio de Santo Estevão. Um padre ainda moço celebrava, com incrível velocidade, n'esse altar, sem que D. Affonso mostrasse sequer ter dado pela sua presença.

Nos dias de semana, quando el-rei ficava na cama até ao meio dia, entrava-lhe no quarto um padre, dizia missa e retirava-se, para que sua magestade se não incommodasse em ir á capella real. Nos dias de festa e nos domingos a missa, em vez de ir procurar sua magestade ao quarto, esperava por elle na capella real: de modo que, muitas vezes, quando nas outras egrejas estavam a vespas é que a missa d'el-rei começava.

De joelhos ao lado da cama de sua magestade estava Henrique Henriques de Miranda, de mãos postas, olhos baixos, murmurando orações, benzendo-se, batendo no peito, com tão grande compuncção apparente, que parecia ter o sagaz cortezão tomado o encargo de ser, n'aquella occasião, devoto por sua conta e por conta de seu real amo.

A devoção porém do tenente general foi subitamente interrompida pelo rei, a quem o silencio e a immobibilidade chegaram por fim a enfastiar. Sentando-se na cama com a ligeireza que lhe permittia a sua excessiva obesidade, e batendo no hombro de Henrique Henriques, D. Affonso exclamou:

— D'esta vez é que meu irmão fica furioso contra mim! Ir para Salvaterra sem comitiva, quando o que elle queria era representar de rei aos olhos da *brixota*...

é de lhe fazer perder a cabeça! — E a physionomia de el-rei, pouco antes contrahida pela colera concentrada, desenrugou-se n'uma risada alvar.

O cortezão, mal sentiu o movimento de sua magestade, sacudiu, como uma mascara que lhe não convinha conservar por mais tempo, o ar de devota compuncção com que até alli assistira á missa, e, pondo-se de pé, tomou o ar jovial e cynico, que o tornara digno de gosar do valimento d'el-rei.

— Não me parece que vossa magestade faça bem em exasperar sua alteza mais do que elle já está — acudiu Henrique Henriques. — Os seus gentis-homens estão todos ausentes...

— Ah! ah! É verdade, estão todos ausentes; excepto aquelle maldito Rodrigo de Menezes.

— E o conde da Torre.

— Esse já lá vai caminho de Santarem, a esta hora. Mandeilhe ordem para sahir immediatamente de Lisboa.

— Mas o senhor infante não ha de ir sem comitiva alguma para Salvaterra, onde se reune toda a côrte, onde vai sua magestade a rainha.

— Elle anda a querer-me namorar a rainha, que eu bem o percebo; e tambem a namorar-me o throno: mas ha de desenganar-se de que nem uma, nem outra coisa é facil de conquistar, quando eu não quero — disse el-rei encolerizado, e batendo ao mesmo tempo tal punhada na cabeceira do leito, que fez saltar esmialhada boa porção dos arrendados que o ornavam. —

Partiremos para Salvaterra segunda feira, d'aqui a dois dias. Já o mandei participar á côrte. Quero festejar a nova que a rainha me deu, de que ia ter berdeiro á corôa. Ninguém esperava tal, hem! Foi uma surpresa para todos; para meu irmão, para os do seu partido... e até para mim.... — Sua magestade terminou esta phrase com uma gargalhada tão prolongada e convulsiva, que parecia não poder finalizar nunca.

O padre, que ouvira a conversação de D. Afonso com um dos seus valídos, julgou prudente acabar logo a missa e retirar-se. Antes porém de sahir do quarto, approximou-se da cama d'el-rei para, segundo o costume, lhe beijar a mão e receber as suas ordens. O ruido que elle fez ao atravessar a casa tirou sua magestade da convulsão de riso nervoso, em que o pozera a sua propria graça chocarreira e miseravel. Parou de rir, e voltando-se para o padre com gesto impaciente:

— Que fazes, que queres tu aqui? — perguntou elle. — Quem te disse que entrasses n'este quarto?

— Segundo as ordens de vossa magestade — respondeu o padre, enfiado e tremendo — vim para dizer a missa.

— Pois então dil-a; e deixa-me socegado.

— Peço licença a vossa magestade...

— Para quê?

— Para lhe participar que já acabei: que já está dita a missa.

— Ah! ah! É verdade. Agora me lembra de que ha pouco te ouvi resmungar alli para aquelle canto.

Elle disse a missa por inteiro, este maroto; não é assim, Henrique Henriques?

— Creio que sim senhor — respondeu este.

— Mas não esteve muito tempo a dizel-a. Eu não gosto de missas, nem de sermões compridos.

— Disse uma missa militar... em dia de batalha.

— Está bom; está bom. Então merece recompensa. Dá-lhe ahi algum dinheiro, para elle se regalar, este padre. Ah! E para compensar a missa que eu hoje não ouvi — proseguiu o rei, mudando de tom — escreve a Antonio Cavide, Henrique Henriques, ordenando-lhe da minha parte que mande dizer immediatamente cem missas ás almas.

— Pois sim, real senhor. Vou cumprir immediatamente as suas ordens.

— Podes safar-te — disse el-rei ao padre, quando este recebeu uns vintens da mão de Henrique Henriques. — Já aqui não tens nada que fazer.

O padre, sem dizer palavra e recuando para não voltar as costas a el-rei, sahiu rapidamente do quarto.

— Olha — proseguiu sua magestade, dirigindo-se ao seu valído — manda tambem dizer mil missas por alma de um defuncto. Mas que comecem a dizel-as depois de ámanhan sómente, porque o homem ainda não morreu. Não quero que D. Luiz de Menezes vá para o inferno, quando morrer. Deus Nosso Senhor me livre de tal, que nunca mais podia dormir socegado.

— Vossa magestade sempre está resolvido a mandar matar o conde da Ericeira?

— Estou, de certo que estou. É um malvado, um traidor, um insolente. Queres tambem pedir-me por elle, como o Castello-Melhor?

— Não, senhor. Eu acho que vossa magestade faz bem em castigar os seus inimigos. — Quem os inimigos poupa, nas mãos lhe morre. O conde de Castello-Melhor parece que ignora o rifão.

— Ainda bem; ainda bem que pensas como eu. Hei de dar cabo de todos esses fidalgos traidores, que andam por ahi a conspirar contra o conde; o meu rico, o meu bom conde. — As missas quero-as bem distribuidas, pelos santos de mais devoção — proseguiu elle. — São mil, não é assim? Eu disse-te mil.

— Sim, real senhor.

— Então vai contando. Trezentas ás almas, com cem a Nossa Senhora da Conceição...

— Faz quatrocentas.

— Mais cem a S. Bernardo...

— Quinhentas.

— Cem a Santo Antonio...

— Seiscentas.

— Cem ao Santo Christo do Carmo...

— Setecentas.

— Cem ao Bom Jesus de S. Domingos...

— Oitocentas.

— Cem ao Anjo da Guarda do Reino...

— Novecentas.

— E cem para que Deus Nosso Senhor applique ao que fôr mais do seu serviço...

— Faz mil.

— É isso; ahí está como eu quero que sejam offerecidas as mil missas. E digam agora que eu sou mau. Elles dizem que eu sou mau, não é assim, Henrique Henriques?

— Não creio que ninguém ouse commetter um tal sacrilegio.

— Dizem, hão de dizer. E hão de tambem publicar por toda a parte que meu irmão é um santo, que o Pedro é um principe perfeito.

— Proclamam que sua alteza é um modelo de virtude — acudiu Henrique Henriques.

— Que m'o venham dizer a mim, que o vi accommetter uma ronda alli ao Rocio, e matar um pobre homem com um tiro de pistola, e eu lhes responderei.

— Verdores da mocidade!

— E aquelle rapaz que elle quiz assassinar, por causa do seu criado Gaspar Varella...

— Foi para salvar a vida do seu moço da camara, que o senhor infante acutilou o tal rapaz; o filho de um capitão de mar e guerra.

— E Simão de Vasconcellos a quem elle deu uns tiros...

— Simão de Sousa é irmão do Castello-Melhor. Foi uma vingança. Mas dizem que o senhor infante está muito mudado: que se dá ás sciencias...

— Ah! ah! Meu irmão dá-se ás sciencias! — exclamou el-rei, a quem as astuciosas respostas de Henrique Henriques haviam irritado — Elle, que nem o

seu nome sabe escrever, dar-se ás sciencias! O que o Pedro sabe é pegar bem n'um toiro, montar a cavallo, e deitar cães de fila aos mulatos da cavallariça. Querem fazer crer ao povo e á côrte que meu irmão é bom e virtuoso, para melhor guerrearem o Castello-Melhor. Pois perdem o tempo, que não hão de conseguir nunca tiral-o do meu lado.

Henrique Henriques alcançara o seu fim, que era excitar a colera d'el-rei contra o infante. Elle não desejava, é verdade, a desunião dos dois principes; mas como via n'essa desunião um meio seguro de melhor firmar o valimento do conde de Castello-Melhor, e por conseguinte o seu proprio valimento, não hesitava em irritar, sempre que podia, em D. Affonso, o ciume que, desde a infancia, este sempre mostrara ter de seu irmão.

Vendo que o espirito d'el-rei estava preparado para receber a impressão que elle lhe desejava dar, o malicioso cortezão, que havia calculado a importancia dos meios de que dispunha para excitar o rancor de sua magestade contra os inimigos do conde valído, disse, com uma voz que elle artificiosamente fingiu commo-vida:

— Não sei se devo importunar a vossa magestade com um negocio grave, a esta hora; estando vossa magestade ainda deitado. Mas a importancia...

— O que é? — perguntou el-rei.

— Esperarei que vossa magestade se erga, para lhe communicar então...

— Dize, dize já.

— Vossa magestade ordena que eu diga?

— Ordeno.

— Então obedecerei a vossa magestade.

— Dize. Estavas calado com isso!

— Chegou, haverá meia hora, antes da missa, chegou ao paço um homem; um capitão de milicias, creio eu...

— Que quer?

— Dizia elle que precisava fallar com o conde de Castello-Melhor, para lhe revelar um segredo da maior importancia.

— Algum pretendente, d'esses que estão sempre a chegar do exercito, para pedirem recompensas de serviços que nunca fizeram.

— Não: este não é pretendente.

— Então que quer elle ao conde?

— Não se sabe. O conde não está no paço; e o homem teima em esperar, para lhe fallar a elle ou a vossa magestade.

— Está ainda ahí?

— Está esperando na sala dos Tudescos — respondeu Henrique Henriques. — Mas, se vossa magestade quer, manda-se pôr fóra do palacio.

— É um segredo o que esse homem quer dizer ao Castello-Melhor?

— Ao conde ou a vossa magestade. É um segredo, diz elle, de que depende a salvação da patria.

— Sempre vale a pena saber-se o que é — disse el-

rei, cuja curiosidade Henrique Henriques soubera excitar. — Vou-me vestir. Isto, são horas. Vou-me vestir para ouvir o segredo do tal capitão de milicianos.

Vestindo-se á pressa, com o auxilio do general de artilheria, aguilhoado pela curiosidade, correu á sua antecamara, e ordenou a um dos criados que ahi estavam esperando as reaes ordens, que lhe trouxesse á sua presença o capitão de milicianos, que estava na sala dos Tudescos.

Não tardou em entrar pela antecamara d'el-rei dentro, de chapeo na mão, corpo curvado até ao chão, joelhos a dobrarem-se-lhe a cada passo, humilde, servil, reptilmente, o senhor capitão Aniceto Muleta.

O senhor Aniceto viera ao paço para, como dissemos, cumprir a promessa feita na vespera ao seu amigo frei Thomaz do Espirito Santo. Mas, ao saber que o conde estava ausente, cahiu-lhe a alma aos pés ao pobre capitão. Voltar porém atraz no seu intento, ir-se sem cumprir a promessa que fizera, era expôr-se a perder a util amizade do frade, as duzentas missas que este promettera rezar-lhe por alma, e, o que mais era, a importante quantia de quarenta cruzados em boa prata de lei. Esperar, alli no paço diante de tanta gente, era correr o risco de se ver compromettido para com os parciaes do infante, e talvez de perder a vida. Oscillando entre um e outro d'estes perigos, hesitando entre os dois alvitres que se lhe antolhavam, o capitão Aniceto foi-se deixando ficar, escondido no vão d'uma janella, na sala dos Tudescos; até que, vendo passar

Henrique Henriques de Miranda, resolveu confiar-lhe o seu segredo, porque conhecia os laços de mutuo interesse que o prendiam ao conde válido.

Henrique Henriques, calculando logo a utilidade que de tão importante revelação podia tirar a causa do válido, ordenou ao senhor Aniceto que se preparasse para narrar a sua magestade o que ouvira em casa do infante. O pobre Aniceto, tremendo de medo, buscou escusar-se de cumprir tão perigosa ordem; porém a voz do general era tão imperiosa, e havia nos valentes da patrulha alta d'el-rei, que estavam na sala, tantas caras patibulares, que elle não teve remedio senão callar-se e esperar.

O senhor Aniceto entrou pois na antecâmara d'el-rei, mais morto que vivo. Mal chegou ao meio da casa parou, deixou cahir o chapeo das mãos, e deu com ambos os joelhos em terra; como se lhe houvesse cahido em cima um pezo de cem arrobas.

— Ahi está, senhor, o homem que pediu para fallar a vossa magestade — disse Henrique Henriques em alta voz. E chegando-se a Aniceto Muleta, murmurou-lhe ao ouvido: — Se não fallas, mando-te tirar a pelle com um azorrague.

— Que me queres tu? Que segredo é esse que tens para dizer? — perguntou Affonso VI.

— Senhor... eu... — E a voz perdeu-se na garganta do miliciano.

— Falla.

— Eu... Vossa magestade ha de ter dó de mim...

porque, emfim, foi para bem do reino... O acaso... eu não queria.

— Eu não entendo este homem! — exclamou el-rei impaciente.

— Dize a el-rei o que tens para lhe dizer; e de pressa — disse o valído com um tom de voz, que fez quasi perder o alento ao desgraçado capitão.

Fazendo das fraquezas forças, e n'uma contracção espasmodica de susto, que se podia tomar por um acto de destemido arrojo, o senhor Aniceto, pondo-se de pé, exclamou:

— Nem vossa magestade, nem este fidalgo é capaz de me deitar a perder, que eu bem o sei; mas, antes de dizer o que tenho para dizer, peço-lhes que prometam não revelar a ninguém o meu nome...

— Homem, tu esqueces que estás fallando com sua Magestade — acudiu o Miranda.

— Não; não esqueço tal — redarguiu o capitão, a quem o medo dava coragem. — Sua magestade não póde querer a morte de um seu vassallo fiel, e por isso não lhe ha de custar a prometter guardar segredo do meu nome.

— El-rei nem o teu nome sabe.

— Mas póde querer saber-o, e então...

— E se sua magestade não quizer fazer a promessa que tu lhe pedes?

— Não fallarei.

— A sua magestade não faltam meios para te fazer fallar. Um mulato e um azorrague; um pôtro e um

carrasco; uma força e uma corda fazem até fallar mudos.

— Deus tenha misericórdia de mim! — exclamou o desditoso Aniceto, cahindo de bruços no chão.

— Deixa lá esse miseravel — acudiu el-rei. — Nem vale a pena de o atormentar. E é capitão de milicianos, isto!

— Real senhor, prometta pelo amor de Deus... — murmurou o Muleta.

— Prometto, sim. Ninguém saberá que foste tu que me disseste o importante segredo. — E dando uma gargalhada, el-rei proseguiu: — Mas ao menos, para me dar uma prova de que te fias na minha palavra real, dize-me como te chamas.

— Eu peço perdão a vossa magestade de ter tido tão grande atrevimento — disse, um tanto mais socegado pela promessa d'el-rei, o capitão. — Mas era segurar a vida; e vossa magestade não póde levar a mal que a gente tenha amor á vida.

— Como te chamas? — perguntou Henrique Henriques com impaciencia.

— Aniceto Muleta, um criado de vossa mercê.

— Aniceto Muleta! Ah! ah! — E sua magestade cahiu n'uma cadeira, a rir como um perdido.

Á vista da hilaridade d'el-rei, o capitão de milicianos cobrou animo, foi-se levantando pouco a pouco, e finalmente ficou em pé de todo.

— Onde foste buscar esse ridiculo nome? — per-

gunton D. Affonso, quando lhe passou um pouco o ataque de riso.

— Aniceto, senhor, foi o nome que me deram na pia do baptismo — respondeu o miliciano. — Muleta, foi alcunha que me pozerão os rapazes da minha terra; por meu pae, que era côxo, me quebrar um dia nas costas a muleta a que se abordoava.

— Alguma lhe fizeste tu!

— Injustiça, foi uma injustiça paterna.

— Talvez fosse para te castigar de seres medroso.

— Eu não sou medroso. Peço a vossa magestade a mercê de me não ter na conta de medroso.

— Então estas cautelas todas com que tens estado?...

— Não é medo, é respeito ás reaes pessoas de vossa magestade e do senhor infante.

Apenas ouviu fallar de seu irmão, el-rei ficou logo serio: e com ar imperioso ordenou a Aniceto Muleta, que dissesse immediatamente o seu importante segredo.

O senhor Aniceto contou então o que ouvira em casa de sua alteza; a historia do conde da Ericeira, e a deliberação tomada por D. Pedro de mandar assassinar o Castello-Melhor.

— Pois a tanto se atrevem elles já! — exclamou el-rei, quando Aniceto acabou a sua narrativa.

— O odio dos conselheiros de sua alteza contra o conde é tão grande, que a vossa magestade não deve causar admiração o que este homem acaba de contar

— disse Henrique Henriques. — Por melhor que seja o coração do senhor infante, sua alteza não póde deixar de ceder aos perfidos conselhos, ás suggestões e ás intrigas dos seus parciaes.

— O coração de Pedro não é bom: e elle o que quer é realisar a ideia que a rainha minha mãe lhe met-teu na cabeça. Quer ser rei. O Castello-Melhor tem-m'o dito muitas vezes; e elle bem sabe por que o diz. Pois hei de dar-lhe uma lição mestra...

Henrique Henriques, receando que el-rei dissesse diante do capitão Aniceto Muleta alguma coisa que este pudesse ir contar depois ao Côte-Real, interrompeu sua magestade, dizendo:

— Senhor, este homem veio dar-nos um tão importante aviso, que não deve ir-se da presença de vossa magestade sem recompensa...

— É verdade, é verdade. Dá-lhe dinheiro — acudiu el-rei. — Dá-lhe o que elle pedir.

— Não é dinheiro que eu peço a vossa magestade, senhor. Outra coisa.... duas coisas quizera eu que vossa magestade me fizesse — atalhou Aniceto Muleta.

— Então dize que coisas são essas.

— A primeira, era que ninguem sonhasse, sequer, que eu tinha vindo aqui dizer a vossa magestade este segredo do senhor infante. É a vida que eu peço a vossa magestade.

— Eu já te prometti segredo; e basta. Dize a outra coisa.

— A outra coisa que eu quizera alcançar da benignidade de vossa magestade é tambem a vida.

— Pois tu não estás vivo?

— Mas pôde — a desgraça persegue muitas vezes os innocentes — pôde acontecer que eu, por fatalidade, caia alguma vez nas mãos da justiça, e que seja injustamente condemnado...

— A justiça não condemna injustamente — disse D. Affonso, rindo.

— Eu bem sei, senhor — proseguiu o senhor Aniceto insinuando-se, por assim dizer, por entre as palavras d'el-rei — eu bem sei que a justiça só faz justiça. Mas ás vezes as apparencias... o acaso...

— Vamos, dize o que queres.

— Quero, supplico a vossa magestade que me assigne um perdão para um condemnado....

— Que pedido tão singular! Queres um perdão para ti?

— Assigne-m'ó vossa magestade, deixando em branco o nome do réo.

— Isso não faço eu.

— Vossa magestade disse que me dava o que eu lhe pedisse; e eu o que lhe peço, é que me dê vida para um homem,...

— Então tu queres esse perdão para outro, que não para ti?

— É para mim que eu o quero. Mas como espero não ter occasião de me servir d'elle — e Deus permitia que assim seja — desejo sentir em mim o poder de

salvar, quando eu quizer, a vida de um homem. É uma ideia que me dá gosto.

— Pode-se fazer o que este homem pede? — perguntou el-rei, voltando-se para Henrique Henriques.

— Póde, senhor — respondeu este.

El-rei então, pegando da penna, assignou um papel, e mandou a Henrique Henriques que escrevesse n'elle a ordem de darem a liberdade a um condemnado á morte: determinação que o cortezão immediatamente cumpriu.

O capitão Aniceto Muleta, beijando, com as lagrimas nos olhos, a mão de sua magestade, sahiu da antecâmara; e encaminhou-se logo, correndo pelos corredores e descendo aos pulos as escadas, para o Terreiro do Paço. Quando se viu ao ar livre tomou fôlego, e, depois de ter lido com muita attenção o papel que el-rei lhe dera, foi a passos lentos caminho da Graça. A imagem da forca, que na vespera o conde da Torre lhe erguera diante dos olhos, havia-se esvaecido de todo.

Henrique Henriques, que ficara, depois da partida de Aniceto, só com Affonso VI, julgou comsigo que não devia deixar esfriar a colera de el-rei, antes excital-a a ponto d'elle tomar alguma resolução violenta. Por isso, deu-se pressa em participar a seu real amo, que Luiz Manco, um dos valentes da *patrulha baixa*, tinha visto na vespera á noite sahir do paço disfarçado um criado do infante.

— E elle viu quem era esse criado? — perguntou el-rei.

— Viu, senhor, viu que era um tal Luiz de Mendonça. Um que na ultima toirada ficou por morto na praça...

— Que apanhou o lenço da rainha?

— Esse mesmo.

— E d'onde o viu sahir o Luiz Manco?

— Da portaria das damas.

— Da portaria das damas! Virá com algum recado do infante? A rainha, a *brixota*, estará na conspiração? Olha—bradou el-rei espumando de raiva—Henrique Henriques, vai-me chamar o Manco. Não, não m'o chames. Ordena-lhe que dê quanto antes cabo d'esse excommungado Luiz de Mendonça...

— Vossa Magestade quer mandar matar...

— Esse espião do infante, esse traidor? Quero: quero acabar com toda essa pandilha infame. O Francisco Banha já tem ordem para esperar o conde da Eriçeira hoje ou ámanhan, e dar-lhe o pago que elle merece pela sua ingratidão para comigo. Hão de desenganar-se que eu tenho força para castigar quem me offende, para ser rei de véras. Vai, Henrique Henriques, vai já levar as minhas ordens aos da patrulha baixa. Não quero que se perca nem um instante. Vai; e depressa.

Para obedecer ás ordens de seu amo, o tenente general d'artilheria sahiu, sem dizer mais palavra, da antecâmara real. Ainda se lhe ouviam os passos na sala immediata, e D. Affonso murmurava ainda imprecações contra o irmão e os fidalgos que seguiam o seu partido,

quando uma voz de mulher suave e sonora perguntou, abrindo cautelosamente uma porta falsa que havia na parede da antecâmara :

— Vossa magestade permite que entre?

CAPITULO XXXVII.

MARTYRIO.

Quando recebeu ordem do conde de Castello-Melhor de ir ao paço, estava a formosa Calcanhares com a cabeça reclinada sobre o hombro de Francisco d'Albuquerque, com a mão d'elle apertada nas suas, olhando descuidosa, ora para o Tejo, em que se reflectiam os raios de um esplendido sol, ora para os olhos do seu amante, que despediam esses raios não menos esplendidos para quem os sabe admirar, que as paixões ardentes accendem nos olhos do homem.

A ideia de deixar o seu amante para ir ter com um homem, cuja presença era agora um martyrio para ella, de dizer mentidas ao rei as palavras que lhe saham da boca espontaneas e vivificadas pelo sentimento, quando fallava com Francisco d'Albuquerque, o receio de fazer padecer a este as angustias do ciume, e o natural hor-

ror que o seu coração nobre e candido tinha á hypocrisia, tudo contribuia para que a ordem do conde valído causasse uma profunda mágoa á pobre Margarida. Ella, que na vespera promettera a frei Pedro de Sousa obedecer ainda por esta vez ás ordens do conde, não sentiu em si, no primeiro instante, animo para cumprir a fatal promessa.

Debulhada em pranto, e escondendo a cabeça nas mãos, a infeliz exclamou: •

— Não posso, não tenho força para tanto!

— Não vás, Margarida, não vás — acudiu Francisco — Para que has de tu ir ao paço? Deixa o conde de Castello-Melhor com as suas intrigas politicas, deixa el-rei com as suas loucuras, e vem, fujamos para longe de Lisboa.

Margarida não respondeu. Ficou chorando alguns minutos, sem fazer um gesto, sem dar um gemido. Subitamente levantou-se e enxugou as lagrimas, dizendo com voz vibrante, melodiosa, e apenas ligeiramente convulsa:

— Vou salvar a vida de um homem. Nossa Senhora terá misericordia de mim.

E sem se despedir do capitão, desceu correndo ao pateo, onde a estava esperando uma liteira, e partiu para o paço.

A uma porta do páteo da capella estava uma velha açafata, a qual a conduziu por intrincado labyrintho de corredores e escadas a um camarim, onde a aguardava o conde de Castello-Melhor.

— Margarida — principiou o conde logo que a açafata se retirou — eu sabia que me não havias de abandonar n'uma occasião como esta. Quando eu, quando todos mais precisamos de ti.... Perdoa-me, Margarida — proseguiu elle affectuosamente — perdoa-me. Eu já sei tudo; frei Pedro tudo me disse. E o que elle prometteu está promettido São estes os ultimos sacrificios que de ti exijo. Salva a vida do conde da Eriçeira, salva a minha honra, salva Portugal dos perigos de uma guerra sem fim, e Deus te dará o pago da tua resignação.

A Calcanhares escutara estas palavras de pé, immovel como uma estatua, sem tocar na mão que o valído estendera para ella, sem levantar o véo negro que lhe cahia do bioco. Quando o conde acabou de fallar, Margarida levantou lentamente o véo, e com um gesto de sublime resignação, apenas murmurou:

— Que quer de mim?

O rosto da bella Calcanhares estava pallido e demudado, mas tinha ao mesmo tempo tal energia de expressão, ressumbrava n'elle por tal fórma o poder de uma resolução inabalavel, que o conde receou provocar alguma explosão de queixas e recriminações.

— Frei Pedro já te explicou o que deves fazer, Margarida — proseguiu o conde com brandura. — Confio-te a minha honra e a sorte d'este reino; porque uma e outra coisa estão dependendo talvez da resolução de el-rei, n'esta critica occasião. Se el-rei insistir em mandar matar D. Luiz de Menezes, fico eu deshonorado,

e a independencia de Portugal mal segura; porque o infante é capaz de fazer alguma loucura, de que os nossos inimigos se aproveitem. Vai, Margarida, vai á camara de sua magestade: elle ainda está recolhido. Vai e falla-lhe em mim; traz á conversa a questão do conde da Ericeira; dissuade-o de commetter um crime inutil e odioso.

— Senhor conde — interrompeu friamente Margarida — eu vou cumprir a promessa que fiz. Estou certa que não esquecerá a sua.

E sem mais escutar o Castello-Melhor, sahio por uma porta que dava para a escada que conduzia á antecamara d'el-rei.

Antes de abrir a porta da antecamara real, a Calcanhares, como ouviu fallar alto e distinguio a voz do odeiado Henrique Henriques, deteve-se tremula e irresoluta. O senhor Aniceto acabava n'aquelle instante de sahir, levando o perdão assignado por Affonso VI; e o perfido general de artilheria estava contando a seu amo, como um dos valentes da patrulha baixa espionara na vespera Luiz de Mendonça, quando este sahia do paço pela portaria das damas. De modo que Margarida ouviu da propria boca de el-rei a ordem que elle deu ao sicario e conselheiro dos seus crimes, de mandar assassinar não só o conde da Ericeira, mas tambem o amigo de Francisco d'Albuquerque.

— Vossa magestade permite que entre? — disse ella, abrindo a porta, quando sentiu afastar-se da antecamara real Henrique Henriques.

El-rei, que não esperava ser interrompido no desafogo de pragas e imprecações com que estava dando largas á sua colera, voltou-se para Margarida com um tal gesto de furor, que esta recuou espavorida. Corbrando, porém, animo, deu dois passos para D. Affonso, e com voz maviosissima :

— A minha presença aqui — disse — não apraz a vossa magestade?

A colera de el-rei fundiu-se subitamente. A voz da Calcanhares fez estremecer aquelle coração, em que as puras idealidades do espirito não tinham influencia, mas em que dominavam poderosas as sensações. Dando alguns passos para a sua amante, D. Affonso exclamou :

— Margarida! A tua presença apraz-me agora, como sempre. Vem. Tinha saudades tuas; fizeste bem em vir agora.

— Vossa magestade não... não se esqueceu ainda de mim?

— Não, ai, não me esqueci, nem me esqueço. — E el-rei pegou na mão da Calcanhares, e, sentando-se, obrigou esta a sentar-se ao seu lado. — Margarida, minha querida Margarida, que prazer tenho em ver-te aqui — proseguiu elle. — Nem sei como Henrique Henriques me pôde convencer de que eu te não devia ir ver n'estes primeiros tempos de casado. Tu é que já não podias passar sem mim, meu anjo da guarda. Tinha saudades, e vieste. Bem hajás tu, Margarida.

E D. Affonso deu um beijo na testa de Margarida, que se fez branca como se lhe houvessem applicado um

d'esses horriveis tratos, que os inquisidores, mestres de crueldade e de infamia, inventaram para deshonra da verdadeira religião.

— Senhor, Henrique Henriques tem razão — acudiu ella, que desejava pôr termo áquelle martyrio a que se condemnara por grandeza de alma, porém para que se não sentia com forças no momento de o padecer — Henrique Henriques tem razão. Eu não devo perturbar a felicidade conjugal de vossa magestade; e por isso vim aqui para lhe pedir...

— Não me peças alguma coisa impossivel; não me peças que me separe de ti, porque t'o não faço.

— Vossa magestade não deve, não póde condemnar-me, a mim que estou innocente, a tão incomportavel martyrio! — exclamou ella.

— É um martyrio estar comigo! — exclamou Afonso VI fazendo-se fulo de colera.

A Calcanhares, movida pelo receio da cega colera de el-rei, pela lembrança do que promettera a frei Pedro de Sousa, e sobre tudo pelo desejo de salvar a vida do amigo de Francisco d'Albuquerque, acudiu logo com affabilidade, pegando na mão do real tyranno.

— É um tormento ver quem se ama feliz com outra.

— És tu que me não amas já; que és feliz com outros amores! — prorompeu el-rei com a mesma raiva. — Mas lembra-te, Margarida, de que eu um dia, quando soube que me trahia uma mulher com quem tinha amores, mandei-lhe matar o amante: e a ella... a ella fiz-lhe arrancar a pelle das costas com açoites.

Margarida sentiu que n'aquelle instante era necessario um supremo sacrificio para pôr termo á perigosa colera de D. Affonso. Fazendo com os braços um collar em que prendeu a cabeça do rei, a desditosa rapariga, a quem este movimento causava horror, murmurou com uma voz que mal se ouvia :

— Affonso, meu rei, não te encolerises contra mim. A tua... a serva humilde de vossa magestade... — Queria continuar, mas as palavras extinguiram-se antes de lhe chegar aos labios. Não teve força para se ouvir: porque lhe parecia uma profanação fallar de amor a outro que não fosse Francisco d'Albuquerque.

El-rei, attribuindo a melindres de amor o que era só filho de invencivel antipathia, apertou a Calcanhares ao coração, dizendo-lhe:

— Perdoa-me. Eu bem sei que tu me tens amor; que és um anjo. A colera, esta maldita colera cega-me; faz-me perder a cabeça. É por isso que os meus inimigos dizem que eu sou doido; que me calumniam, que me desacreditam. Perdoa-me, Margarida. Minha querida Margarida, não fiques mal comigo. — E el-rei, commovido com as suas proprias palavras, desatou a chorar como uma criança.

Margarida teve poder em si para vencer a repugnancia e o terror que lhe causavam as loucuras d'el-rei: e vendo-o commovido, julgou opportuna a occasião para o despersuadir das vinganças que elle resolvera tirar dos parciaes do infante.

— A colera, é verdade, muitas vezes allucina vossa

magestade — acudiu ella. — Mas quando vossa magestade escuta as inspirações de seu coração, bom e generoso, então as resoluções, que a colera lhe fez precipitadamente tomar, são abandonadas e esquecidas. Não chore, não se mortifique vossa magestade. Ninguém crê nos calumniadores.

— Margarida, se tu soubesses as traições que me tem feito alguns d'esses fidalgos, a quem eu tratava como amigos; se soubesses quanto todos me enganam, tinhas, tinhas de certo dó de mim!

— A generosidade, a grandeza d'alma são os meios melhores de que vossa magestade dispõe para castigar os criminosos. Vossa magestade perdoando, lança o remorso e a vergonha nas almas dos que se atreveram a atraíçal-o.

— Grandeza d'alma e generosidade, quero-as para os que me amam, e não para os que me trahem. Castigos severos é o que os malvados merecem: e hão de tel-os, e hão de conhecer que um rei sabe vingar-se quando o offendem.

D. Affonso tinha outra vez cahido n'um tal accesso de colera, que a Calcanhares percebeu que eram inuteis todos os esforços para dobrar os impetos desordenados d'aquella alma, endurecida pelo habito de mandar, e embrutecida pelas ruins paixões; comtudo, para cumprir a promessa que fizera ao tio do Castello-Melhor, resolveu levar até ao Calvario a sua pesada cruz.

— Affonso, meu querido rei — acudiu ella com voz meiga — não te deixes vencer outra vez pela colera.

Um rei, — eu fallo-te com o coração, não sei dar razões politicas do que te vou dizer, — um rei, para que os homens lhe perdoem o ser rei, deve usar do seu immenso poder, como Deus, para o bem e para a misericordia, não para o mal e para a vingança.

— Queres que eu consinta que me escarneçam, queres que consinta que meu irmão me tire a corôa? Margarida, tu d'estas coisas nada entendes. És boa de mais para perceberes a maldade dos outros. Pois elles não te accusam a ti, Margarida, de me excitares á vingança, de me inspirar ideias sanguinarias! Não dizem que me trahes, que me enganas, que és uma mulher sem coração!

— Deixe vossa magestade os calumniadores levantarem testemunhos falsos. Deus sabe a verdade de tudo, e é quanto basta. A corôa de vossa magestade ninguém lh'a póde tirar, e a graça de Deus póde vossa magestade perdel-a. Eu sei, ouvi-o quando cheguei á porta da antecamara, sei que vossa magestade resolveu mandar matar o conde da Ericeira D. Luiz, e tambem um pobre fidalgo, criado do infante...

— É para os ensinar a não serem espiões e traidores!

— Quem sabe se não é falsidade quanto a vossa magestade disseram d'esses fidalgos?

— Não, não é falsidade. D. Luiz, que eu tratei como amigo, a quem fiz quanto me pediu, quanto elle desejou, atreveu-se a escrever que estava resolvido a morrer em serviço do infante. E esse criado de meu

irmão, de quem ouviste fallar, ousou entrar no paço de noite pela portaria das damas.

— Mas consulte vossa magestade o conde de Castello-Melhor; elle ha de melhor do que eu saber aconselhal-o. O conde não tem mau coração, é prudente, e talvez...

— Ha de aconselhar-me a fraqueza, a contemporisação; e eu quero usar de energia para aterrar os meus inimigos. Margarida, não me falles mais n'esses traidores: falla-me de ti, do teu amor...

— Permitta-me vossa magestade que lhe eu peça pela vida d'esses desgraçados.

— Não, não me peças, que é inutil.

— Pelo amor que vossa magestade me tinha n'outro tempo...

— E que ainda te tenho, e que te hei de ter em quanto viver! — exclamou el-rei, enlaçando nos braços o corpo gentil da Calcanhares. — Margarida, julgas que eu posso deixar de te amar, esquecer-me de ti? Ai, quem me dera não ser rei, só para viver para ti só.

O amor de D. Affonso causava maior horror a Margarida do que a sua colera.

Pallida e quasi sem alento, ella deixou cahir a cabeça para traz, para fugir aos beijos e ás caricias do seu real amante. Assim, meia suspendida nos braços de el-rei, com os olhos, de que borbulhavam lagrimas, levantados ao ceo, os beiços convulsos e brancos abrindo-se-lhe como para pedir misericordia, os cabellos cahidos em immensos anneis, as roupas moldando-se-lhe

em curvas graciosas sobre as fórmãs bellas e de uma pureza de linhas admiravel, a expressão de angustia que não lhe diminuia antes lhe dava maior relevo á formosura, tudo fazia com que, n'aquelle instante, Margarida pudesse ser tomada como typo ideal da belleza. Era a poetica dôr da Niobe antiga idealisada pelo influxo suave da arte christan.

— Margarida, Margarida, tu amas-me, amas-me como eu te amo, não é assim? — murmurou o rei, apertando-a ao coração.

Tornando a si, e soltando-se dos braços de D. Affonso, a Calcanhares, que ouviu passos na casa immediata, exclamou :

— Vem gente. Deixe-me. Lembre-se vossa magestade de que a rainha póde saber...

— Que importa, que me importa a rainha — acudiu Affonso VI. — É a ti que eu amo, e não a ella. Eu não posso, não quero viver nem mais um dia sem ti.

N'este instante chegava Henrique Henriques á porta da antecamara. Vendo a Calcanhares, recuou alguns passos como para se retirar, mas esta, sem escutar as palavras apaixonadas d'el-rei, abriu a porta secreta por onde entrara, e fugiu precipitadamente.

CAPITULO XXXVIII.

BUSCA INUTIL.

Esperar é doloroso, sobre tudo quando se espera por quem se ama; ou quando ao longo e desconsolador esperar vem juntar-se os soffrimentos do ciúme, e os receios de uma desgraça que se adivinha, que se presente, sem que seja possível dizer qual ella será. Esses receios indefinidos, mas nem por isso menos assustadores, que peçam sobre o espirito nas horas da solidão, esses receios que tantas vezes são os precursôres da desventura, tornam amargosos até os instantes em que, se elles não existissem, a felicidade devera ser completa; quanto mais essas horas em que a alma, já disposta para a melancolia, parece quasi ter desejo de alimentar as proprias magoas, e de se identificar com ellas. N'essas horas, a fantasia apraz-se em crear imagens pavorosas, em cobrir de luctuosos crepes as espe-

ranças que ousam despontar na imaginação, em representar pallido e sinistro o futuro á razão assustada. Tudo é então desconsolo e abatimento, e a alma deseja, como um allivio, aniquilar-se, apagar-se por uma vez nos incomprehensíveis e incommensuráveis abismos do nada.

Francisco d'Albuquerque esperava por Margarida, que o deixara para ir ter com o seu real amante; e no seu coração, ralado pelo ciume, pezavam os mais sinistros presentimentos. As horas pareciam-lhe sem fim; a vida sem esperanças; o mundo um deserto, longe d'aquella a quem amava de immenso amor.

A voz da Calcanhares, chegando aos ouvidos do moço namorado, foi como o raio de sol que dissipou as nuvens carregadas da tempestade; fez esvaecer, em suave arrobamento de ternura, as imagens assustadoras que lhe haviam assaltado o espirito. Cahiram nos braços um do outro os dois amantes, como se houvessem estado separados, não horas, senão annos inteiros. Protestos de amor, rizes de alegria, lagrimas, suspiros, queixas de ciume que uma palavra de Margarida bastava a fazer calar, tudo se confundia na torrente de phrases entre-cortadas, que a paixão arrancava em tumulto do seio dos dois amantes. Serenados os primeiros impetos da paixão, seguiram-se as interrogações. A Calcanhares contou então miudamente ao capitão quanto lhe havia acontecido depois que d'elle se separara. Este, mal soube do risco que corria Luiz de Mendonça, quiz logo partir para o Côrte-Real, para

lhe dar aviso; e foram mister os conselhos e a poderosa influencia de Margarida, para impedir que elle commettesse tão louca imprudencia.

Esperou que se fizesse noite, e então, disfarçado em trajes de homem do povo, Francisco d'Albuquerque sahiu, com a saudade a pungir-lhe no coração e as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos, da casa onde passara os dias mais venturosos da sua vida. Sahiu para não voltar mais.

No Córte-Real havia grande agitação, porque todos estavam occupados nos preparativos da partida para Salvaterra; e por isso Francisco d'Albuquerque pôde penetrar no interior do palacio, sem que ninguem attentasse n'elle. Atravessou á pressa as salas escuras, os corredores mal allumiados, e chegou finalmente á porta do quarto de Luiz de Mendonça.

Bateu, e ninguem lhe respondeu: tornou a bater por duas ou tres vezes, sem que no interior do quarto se ouvisse o minimo rumor. Impaciente, mas não inquieto, porque era natural que o moço fidalgo áquella hora estivesse n'outra parte do palacio, Francisco de Albuquerque, receoso de que o conhecessem, resolveu esperar alli, que o seu amigo se recolhesse. Passaram duas horas. Os rumores dos passos e das vozes dos criados de sua alteza foram-se desvanecendo pouco a pouco, e a luz baça da lampada, que pendia do tecto no corredor em que estava o nosso capitão, foi tambem pouco a pouco amortecendo. Já de espaço a espaço, da lampada se levantava uma chamma rapida, aguda,

avermelhada, acompanhada de um estalido secco e irregular, indicio certo de que estava proximo o instante da luz se apagar de todo; e ao clarão d'essa chamma as paredes pareciam agitar-se e sombras informes cruzarem-se em todos os sentidos, como precursores phantasticos de alguma apparição sobre-natural, quando Francisco d'Albuquerque ouviu approximarem-se lentamente os passos de um homem, e uma voz murmurar, entre dentes, uma d'essas cantigas melancolicas e sem rithmo, que são a mais admiravel expressão musica da tristeza indolente do nosso povo.

Reconhecendo a voz de Diogo Cutiladã, o capitão resolveu dar-se-lhe a conhecer para saber d'elle novas certas de Luiz de Mendonça. Quando o velho soldado passou por elle, poz-lhe a mão no hombro, dizendo-lhe com voz imperiosa:

— Cala-te: e responde-me.

Diogo deu um pulo de susto, depois estacou, abriu os olhos desmesuradamente, escancarou a boca, e ficou immovel como se subitamente se houvesse petrificado.

— Onde está o senhor Luiz de Mendonça?

O soldado não disse palavra.

— Responde-me. Onde está o senhor Luiz de Mendonça?

Egual silencio foi a resposta a esta segunda pergunta. Porém, no momento em que Francisco d'Albuquérque ia repetir pela terceira vez a mesma phrase, e descarregava nas costas do sebastianista uma vigorosa punhada para o fazer tornar a si, a lampada illu-

minou com um clarão brilhante todo o corredor, e Diogo, movido pela commoção da pancada que recebera e pelo aspecto iracundo de seu amo, que elle julgava ser uma alma do outro mundo, começou a gritar como um possesso, e a correr pelo Córte-Real.

— Acudam — bradava elle — acudam, que andam coisas más no palacio. Abrenuncio! Jesus! Misericordia! A alma de meu amo anda a penar!

Os criados do infante, sobresaltados com os gritos de Diogo Cutilada, começaram a sabir-lhe ao encontro e a correr por todas as casas. Em poucos instantes reinava a maior confusão em todo o Córte-Real. Receoso de que o conhecessem, o que podia comprometter a sua segurança e sobre tudo afastal-o talvez da Calcanhares para sempre, Francisco de Albuquerque atravessou correndo as casas que o separavam da galleria das armas, e, abrindo uma das janellas que deitavam para a praia, saltou d'ella abaixo; deixando todos no Córte-Real persuadidos de que uma alma do outro mundo havia n'aquella noite vagado pelos corredores do palacio.

O capitão, quando se viu fóra do Córte-Real, poz-se a cogitar no que devia fazer para salvar a vida do seu amigo e a do conde da Ericeira; e, lembrando-se das relações que havia entre os jesuitas e sua alteza, resolveu ir ao collegio da Cotovia contar ao padre Manuel Fernandes, que elle sabia fóra nomeado confessor do infante, o que Margarida lhe dissera das sinistras intenções d'el-rei.

O padre estava já recolhido; porém, como Francisco d'Albuquerque insistiu em pedir que lh'o fossem chamar, não tardou muito que elle viesse saber o que lhe queria áquellas horas um homem, que, pelos trajos, lhe haviam dito ser villão.

O padre Manuel Fernandes era o typo do jesuita. Alto, magro e macilento, os seus olhos nunca se fixavam na pessoa com quem fallava, a cabeça tinha-a constantemente inclinada com humildade; na testa liza e polida não se lhe via uma só ruga, que pudesse denunciar os pensamentos que trazia escondidos na alma. Era o typo do jesuita: *Pessima vulpes, occultus detractor, sed non minus nequam adulator blandus*.

— Deus o guarde — disse elle, quando entrou na casa onde o estava esperando Francisco d'Albuquerque. — Que me quer?

— Tenho que dizer a vossa paternidade um segredo, que muito interessa o bem da casa do senhor infante.

— Tudo que interessa a sua alteza, interessa a todos os amigos da fé; porque o senhor infante é o modelo dos principes bons e religiosos. Diga o que tem para dizer, homem; e Nossa Senhora do Rozario lhe dará o pago do bem que fizer.

— Saiba vossa paternidade — acudiu o moço capitão — que a vida de um dos mais fieis e mais nobres servidores de sua alteza está em grande perigo.

— E quem é? Que risco corre a vida d'esse fidalgo?

— É o senhor conde da Ericeira, D. Luiz.

— Querem-o assassinar?

— Os assassinos das patrulhas d'el-rei tem ordem para o matarem onde quer que o encontrem.

— Foi o valido quem lhes deu essa ordem, não é assim? — perguntou o jesuita, cuja physionomia, perdendo a indiferença habitual, se illuminou subitamente de um clarão sinistro.

— Não, não foi o valido. Foi el-rei.

— Que diz, homem! Veja lá o que diz! Olhe que falla d'el-rei, e mentir...

— Eu não minto, padre. Nunca menti... agora não minto.

— Então quem lh'o disse, como soube isso?

— É um segredo que não posso dizer a vossa paternidade.

— É algum dos da patrulha d'el-rei, e por isso...

— Não sou villão... não sou d'esses villões que matam por dinheiro!

O tom em que Francisco d'Albuquerque fez esta exclamação era tão cheio e vibrante, havia n'elle tanto orgulho e verdade, que o padre Fernandes levantou os olhos, e observou alguns instantes com grande attenção o seu interlocutor. Esta rapida observação bastou. Um quasi imperceptivel sorriso encrespando os cantos da boca do jesuita, e um leve aceno deram a conhecer que elle acabava de descobrir um segredo importante.

— Bem sei — disse o padre Fernandes depois de uma pausa — bem sei que não é d'esses villões. É pelo contrario uma victima d'elles.

— Eu!

— A providencia divina salvou-lhe a vida — proseguiu o jesuita sem attender á exclamação do moço capitão — e para coisa boa havia de ser. Já se começa a perceber a mão de Deus que lhe anda dirigindo as acções...

— Mas, padre...

— Bastantes cuidados tem dado ao senhor infante. Todos o julgavam morto...

— A mim! Quem lhe disse... — acudiu Francisco d'Albuquerque.

— Nós sabemos tudo — respondeu o confessor do infante. — Agora é preciso, é vontade de Deus que assim seja, é preciso conservar-se como até agora, morto para todos, vivo só....

— Para quem?

— Para os que sabem que vive ainda, Francisco d'Albuquerque. Nem seria prudente agora que descobrissem o que se passou. Ha sempre homens que de tudo se aproveitam para o mal: E não era só o seu, era tambem o risco em que punha aquella pobre rapariga.

— Tenho promessa solemne do senhor bispo de Angra, de que havemos, eu e...

— E Margarida; póde fallar livremente diante de mim — acudiu o jesuita, vendo que Francisco hesitava em soltar o nome da amante.

— ... Eu e ella — proseguiu o capitão — achar

longe da côrte um abrigo seguro, onde possamos passar o resto da vida.

— São promessas — disse o padre Fernandes — e nem sempre é facil cumprir o que se promette. Bem sabe que o valído sacrifica aos seus interesses a Margarida; e frei Pedro de Sousa não tem vontade que não seja a de seu sobrinho. De mais, para servir a causa de sua alteza, deve, Francisco d'Albuquerque, conservar-se na côrte; e quando descobrir algum segredo, — Margarida conta-lhe tudo de certo, — quando tiver noticia de alguma d'essas tenebrosas conspirações que os valídos andam sempre tramando contra os servidores fieis do senhor infante, deve vir avisar-me de tudo, para se tomarem as disposições necessarias para baldar todos os esforços dos inimigos da religião e da patria.

— E quer vossa paternidade fazer de mim um denunciante? Deshonrar-me...

— Não ha deshonra em servir um principe como D. Pedro. Para um fim tão justo todos os meios são bons.

— Padre Fernandes, eu não posso fazer o que me diz. Vejo que nenhum segredo lhe é desconhecido; e saberá de certo que tudo, estou prompto a sacrificar tudo por a mulher que amo. Vossa paternidade não póde avaliar estas paixões mundanas...

— Para curar o mal é preciso conhecel-o. Nós, filho, estudamos todas as paixões... para lhes darmos remedio.

— Esta não tem remedio.

— Nem eu quero condemnar esses amores. Pelo contrario: podem servir para bem da fé, é preciso que continuem esses amores. Assim como soubemos agora d'este segredo importante, podemos vir a saber outros muitos...

— Mas para isso é necessario que Margarida continue a viver com el-rei...

— Assim é.

— É o que eu não poderia consentir. Antes a morte, do que tornar a padecer o martyrio por que passei hoje — prorompeu o capitão, a quem o ciume pôz fóra de si.

O padre olhou para elle um instante, e depois com voz melidua:

— Não se afflija, Francisco d'Albuquerque — disse. — Se não póde ser não seja. Mas emfim, bem vê que Margarida não póde ir já para longe de Lisboa. Sem a protecção poderosa do conde de Castello-Melhor não póde ella ir-se de certo. El-rei mandal-a-ia buscar por todo o reino, descobril-a-iam; e quem sabe os males irremediaveis que d'ahi resultariam? El-rei é cruel e vingativo, filho.

— Não me é possivel ficar mais tempo aqui em Lisboa — disse Francisco d'Albuquerque. — De um instante para outro Henrique Henriques póde descobrir tudo....

— Talvez não.

— Elle já anda com suspeitas de que eu vivo ainda. Disse-o frei Pedro de Sousa.

— Então...

— Quero fugir esta noite mesmo: mas sem Margarida...

— Margarida fica na cõrte ainda por alguns dias — interrompeu o jesuita. — Mesmo quando o tio do Castello-Melhor cumpra a promessa que fez, o conde de certo a não deixa ainda partir.

— Mas em poucos dias...

— Pois bem, se frei Pedro faltar ao que prometeu, cumpril-a-hei eu a sua promessa, com a condição...

— De que?

— De que Margarida me tomará por seu director espiritual, e confessor.

— Como a hei de eu persuadir...

— Escrevendo-lhe já. Margarida faz quanto lhe disser. Póde prometter-lhe a protecção da companhia.

Dizendo isto, o padre Manuel Fernandes ordenou com um gesto a Francisco d'Albuquerque que se assentasse a uma mesa em que havia tudo o necessario para escrever: e elle mesmo, sentando-se tambem, traçou á pressa algumas linhas, em que participava ao conde da Ericeira a noticia que acabava de receber.

Acabou de escrever, e, levantando-se, o padre Fernandes tocou uma sinetassinha que estava pendurada a um canto da casa, e immediatamente appareceu um servente, vestido com a roupeta negra, o qual esperou de olhos baixos, n'uma postura humilde, que o jesuita lhe dêsse as suas ordens.

— Esta carta ha de ser entregue já em mão propria

ao senhor conde da Ericeira D. Luiz — disse o confessor do infante. — E esta — proseguiu, dando tambem ao servente a carta que Francisco d'Albuquerque lhe acabava de entregar — é necessario leval-a á Ribeira a casa de Margarida... da Calcanhares.

— Para ser entregue a quem?

— Á aia de Margarida, que é confessada do padre João das Chagas.

O servente recebeu as duas cartas da mão do padre Fernandes, e sahiu fazendo uma reverencia até ao chão.

— Padre Fernandes — disse o capitão, logo que sahiu o servente — ainda lhe não pedi tudo que tinha a pedir-lhe.

— Pois falle, filho. Diga o que quer mais.

— Não é só a vida do conde da Ericeira que está em risco. Henrique Henriques tem ordem para mandar matar, pelos assassinos da patrulha baixa, um bravo e generoso rapaz, tambem criado de sua alteza, de quem eu sou particular amigo.

— Quem é?

— Luiz de Mendonça.

— Manda-se-lhe aviso.

— Eu mesmo o queria avisar. Mas no Córte-Real todos fogem de mim como de cousa má...

— Vou eu mandar-lhe dizer que venha immediatamente aqui — disse o jesuita.

E chamando outro servente ordenou-lhe que fosse ao Corpo Santo buscar Luiz de Mendonça. Meia hora depois o servente voltava com a noticia, de que o ami-

go do moço capitão partira pela manhã para Salvaterra, a fim de preparar a parte do palacio real destinado para residencia do senhor infante.

Francisco d'Albuquerque resolveu partir immediatamente para Salvaterra, e o jesuita, reiterando-lhe as promessas que lhe fizera, acompanhou-o minutos depois até á porta do carro do Collegio, onde já o estava esperando um bom cavallo.

FIM DO SEGUNDO VOLUME.

INDICE.

	Pag.
CAPITULO XXII. — Á cabeceira do doente	5
CAP. XXIII. — Rapto.	19
CAP. XXIV. — Conselho nocturno	41
CAP. XXV. — A estalagem do Alemtejo	64
CAP. XXVI. — Sua paternidade	87
CAP. XXVII. — Novo Roldão	106
CAP. XXVIII. — O capitão Aniceto Muleta	117
CAP. XXIX. — Politica de jesuitas	136
CAP. XXX. — A casa da tia Brizida	157
CAP. XXXI. — Mademoiselle Ninon d'Amuraude.	176
CAP. XXXII. — Segredos da rainha	187
CAP. XXXIII. — Aniceto Muleta resolve salvar a patria	206
CAP. XXXIV. — Amores	220
CAP. XXXV. — A confissão	232
CAP. XXXVI. — Denuncias	245
CAP. XXXVII. — Martyrio.	264
CAP. XXXVIII. — Busca inutil.	275











